



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Eliana de Jesus da Costa de Souza

**Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**

Belém  
2011



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Eliana de Jesus da Costa de Souza

**Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação e supervisão do Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso.

Belém  
2011

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

**(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)**

---

**Souza, Eliana de Jesus da Costa de**

Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick / Eliana de Jesus da Costa de Souza; orientador, Janari da Silva Pedroso - 2011.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2011.

1. Crianças - Desenvolvimento. 2. Mãe e filhos 3. Creches. 4. Cuidadores de crianças. 5. Família. 6. Psicologia infantil. I. Título.

CDD - 22. ed. 155.4

---

Eliana de Jesus da Costa de Souza

**Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick.**

**Data da defesa:** 02 de dezembro de 2011

**Conceito:** Excelente

BANCA EXAMINADORA:

---

**Professor Dr. Janari da Silva Pedroso (Orientador) – UFPA.**

---

**Professora Dra. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt – PUC-Rio**

---

**Profa. Dra. Celina Maria Colino Magalhães – UFPA**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Roseane Freitas Nicolau (suplente) – UFPA**

*Dedico este trabalho ao meu falecido pai, um homem endurecido pela vida e com certa dificuldade de expressar seus sentimentos... Mas que eu compreendia muito bem...*

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos se constituem como uma parte muito importante do processo de criação, uma vez os atores a receberem o agradecimento são base fundamental para a construção do trabalho. Eis que me ponho a pensar nas pessoas e lugares que se tornaram imprescindíveis para a realização desta pesquisa... São muitos, difíceis de alocar num único e restrito espaço como este. Não são apenas de agora, vêm de antes, de momentos distantes em que as situações de hoje sequer eram pensadas e eram bem menos definidas. Mesmo a posição em que aparecem nesta pagina não significa que seu grau de importância seja maior, ou menos, pois sinto que todos têm participação equivalente...

Agradeço a Universidade Federal do Pará, instituição acolhedora a qual proporcionou meus estudos não só em nível de mestrado, mas também em nível de graduação sem a qual não teria chegado neste momento.

Ao Hospital Bettina Ferro de Souza, meu local de trabalho. Em especial ao Coordenador da oftalmologia Dr. Eduardo Braga e à enfermeira Cristina Mitikó, que me concederam as dispensas de trabalho necessárias para o mesmo fosse construído.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Janari da Silva Pedroso por sua disponibilidade, competência e dedicação. Cada uma das orientações dadas por ele foi fundamental para me nortear neste trabalho.

À professora Prof<sup>a</sup> Dra Hericka Zogby que participou da banca de qualificação, e mesmo com sua participação à distancia contribuiu sobremaneira para que o meu projeto se tornasse concreto atualmente.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Celina Colino por aceitar participar de minha banca de qualificação e oferecer suas ricas contribuições ao meu trabalho e neste momento crucial, assim como fazer parte da banca avaliadora desta dissertação.

À Prof<sup>a</sup> Dra Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt por aceitar prontamente meu convite de participação na banca de avaliação deste trabalho.

À minha família, em especial minha mãe, Ana pela dedicação de toda uma existência, que me proporcionou o direito de estudar apesar de todas as adversidades da vida.

Ao meu esposo Roberto Allan pela paciência, carinho, incentivo e jantares prontos, nos momentos em que mais precisei.

À minha cunhada Alline, pela tradução do meu resumo e outras contribuições.

Aos meus amigos que me proporcionam apoio e inspiração, em especial, Dayse, Alexandre, Neiva, Andréa Lazaro, Igor e Girlany.

Ao secretário de Pós Graduação Ney por sua disponibilidade e eficiência.

A diretora da creche escola “Espaço do pequenino” por ter permitido que a pesquisa fosse realizada em seu berçário.

As cuidadoras da creche, pelo acolhimento e prestatividade.

A Alice que permitiu que sua casa fosse visitada semanalmente para que as observações fossem realizadas.

A Clarice, protagonista desta história. Cujo encontro me propiciou amadurecimento teórico e quem devo as singularidades desta pesquisa.

E a todos que direta ou indiretamente participaram deste trabalho.

SOUZA, Eliana de Jesus da Costa. **Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**. Orientador: Janari da Silva Pedroso Belém, Pará. 2011.118 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

### RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar, a partir de um estudo de caso com o método Bick de observação, a relação entre um bebê e seus cuidadores em sua residência e na creche em um período de quatro meses. O referencial teórico utilizado foi a psicanálise especificamente fundamentadas nas propostas de estudiosos do desenvolvimento humano como Leibovic, Stern, Spitz, Winnicott e Mahler, que concordam que o vínculo formado entre a mãe e seu filho é essencial para o desenvolvimento psíquico do bebê. O estudo foi realizado a partir do método qualitativo, através de um estudo de caso realizado e analisado através do método Bick de observação de bebês, no ambiente familiar e também adaptado em um ambiente institucional: a creche. Nesta versão do método não se acompanhou o período pós-parto imediato, pois o bebê foi observado também na creche na qual ingressou quando já havia completado 07 (sete) meses. Com relação ao tempo de observação, o método original preconiza a duração de dois anos, porém o tempo de observação foi reduzido para quatro meses. Tal adaptação se faz necessária por tratar-se de uma pesquisa ligada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, com período de atividades e término pré-estabelecidos e não compatíveis com a proposta de Bick. Os dados coletados foram analisados em categorias as quais se seguem: Clarice e seu desenvolvimento emocional, Os cuidados de Clarice: O lar e creche e Clarice Clarificada. Foi analisado também os sentimentos da observadora durante as observações. A creche se apresentou como um contexto de cuidado complementar aos oferecidos pela família de bebê, preenchendo algumas lacunas, mesmo com a roteirização do trabalho sempre presente. No contexto familiar a mãe se mostrou capaz de cuidar de sua filha, proporcionando-lhe um ambiente de afetividade, apesar de todas as dificuldades que a vida lhe oferecia. Assim no recorte temporal das observações, o bebê se desenvolveu saudavelmente enriquecido pela complexidade de suas relações.

**Palavras-chave:** Observação de bebês. Método Bick. Família. Creche. Cuidadores.



SOUZA, Eliana de Jesus da Costa. **Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**. Orientador: Janari da Silva Pedroso Belém, Pará. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

### ***ABSTRACT***

The purpose of this research was to investigate from a case study with Bick observation method the relationship between a baby and her caregivers at home and at care day center over a period of four months. The theoretical used was psychoanalysis specifically based on researchers' proposals of human development such as Leibovic, Stern, Spitz, Winnicott and Mahler, who are in agreement that the link between a mother and her child is essential to the baby's psychic development. This work used qualitative method through a case study conducted and analyzed by the baby observation method Bick in the familiar environment, as well as adapted in an institutional location: the care day center. In this version of the method, the postpartum period was not observed because the baby started to be observed at the care day center when he was seven months. Speaking of observation time, the original method indicates the duration of two years, but in this work this period was reduced to four months. Such adjustment was necessary since the research is linked to Programa de Pós-Graduação em Psicologia at Universidade Federal do Pará therefore period and conclusion of activities were pre-established and not compatible with Bick's proposal. The collected data was analyzed in the following categories: Clarice and her emotional development, The care of Clarice: The home and day care and clarified Clarice. Also, the observer's feelings were analyzed during the observation. The care day center performed a caution context which supplemented the one offered by the baby's family, filling some gaps even with the presence of work routine. In familiar context, the mother was able to take care of her child, offering her an affective environment despite all the difficulty of her life. During the observations, the baby developed healthily enhanced by the complexity of its relationships.

**Key words:** Infant observation. Method Bick. Family. Day care center. Caregivers.

SOUZA, Eliana de Jesus da Costa. **Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**. Orientador: Janari da Silva Pedroso Belém, Pará. 2011.118 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

### **RESUMEN**

El presente trabajo tuvo como objetivo investigar, a partir de un estudio de caso con el método de observación Bick, la relación entre un bebé y sus cuidadores en casa y en la guardería, durante un periodo de cuatro meses. La referencia teórica utilizada fue el psicoanálisis, específicamente el fundamentado en las propuestas de estudiosos del desarrollo humano como Leibovic, Stern, Spitz, Winnicott y Mahler, que coinciden en que el vínculo formado entre madre e hijo es esencial para el desarrollo psíquico del bebé. El estudio se llevó a cabo mediante el método cualitativo, con un análisis de caso a través del método Bick de observación de bebés, en el ambiente familiar, así como adaptado en un ambiente institucional: una guardería. En esta versión no se observó el periodo de postparto ya que el bebé ingresó en la guardería con siete meses de vida. Referente al tiempo de observación, el método original propone una duración de dos años, pero en este trabajo el tiempo fue reducido a cuatro meses. Dicha reducción es necesaria por estar este estudio ligado al programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, haciéndolo incompatible con la propuesta temporal original de Bick. Los datos recogidos fueron analizados en las categorías siguientes: Clarice y su desarrollo emocional, Clarice entre el hogar y la guardería, y Clarice clarificada. Fueron analizados también los sentimientos de la observadora durante las observaciones. La guardería se presentó como un contexto de cuidado complementario a los ofrecidos por la familia del bebé, llenando algunas lagunas, incluso con la rutina del trabajo. En el contexto familiar, la madre se mostró capaz de cuidar su hija, proporcionándole un ambiente de afectividad, a pesar de las dificultades de la vida. Durante las observaciones, el bebé se desarrolló saludablemente enriquecido por la complejidad de sus relaciones.

**Palabras-clave:** Observación de bebés. Método Bick. Família. La guardería. Cuidadores

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Os aspectos emocionais do bebê.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A importância da relação mãe bebê.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 O papel da creche na atualidade.....</b>	<b>27</b>
<b>3 METODO.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Os caminhos metodológicos.....</b>	<b>30</b>
3.1.1 <i>O Método Bick.....</i>	<b>32</b>
3.1.2 <i>Adaptações do método Bick.....</i>	<b>35</b>
<b>3.2 Participantes.....</b>	<b>36</b>
<b>3.3 Os caminhos percorridos.....</b>	<b>36</b>
3.3.1 <i>Entre o lar... ..</i>	<b>39</b>
3.3.2 <i>...E a creche.....</i>	<b>41</b>
<b>3.4 Considerações Éticas.....</b>	<b>44</b>
<b>3.5 A Análise dos Dados.....</b>	<b>46</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSÃO.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1 Clarice e seu Desenvolvimento Emocional.....</b>	<b>48</b>
<b>4.2 Os cuidados de Clarice: O lar e creche.....</b>	<b>64</b>
<b>4.3 Clarice Clarificada.....</b>	<b>82</b>
<b>4.4 Clarice e a Observadora.....</b>	<b>95</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de investigação, na maioria das vezes, tem início em certas dúvidas e inquietações do pesquisador acerca de um tema em particular, que são motores na busca do conhecimento. Com isso a presente dissertação surgiu do interesse da pesquisadora em estudar o desenvolvimento infantil, a partir dos caminhos que a linha de pesquisa “Tratamento e Prevenção Psicológica” do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal da Pará, bem como o grupo de trabalho, LADS – do qual a mesma é integrante – percorre ao estudar o desenvolvimento integral de bebês inseridos em espaços que não seja somente o ambiente familiar.

O objeto de estudo deste trabalho apresenta-se a partir das particularidades do desenvolvimento e relações de cuidado de um bebê inserido em dois ambientes, o familiar e o institucional. Tem como objetivo investigar, a partir do estudo de caso – com a aplicação, como ferramenta de pesquisa, do método Bick de observação – como estas configurações se apresentam nestes dois espaços, em um recorte de tempo de quatro meses.

A relação mãe/bebê e suas implicações para o desenvolvimento infantil foram amplamente estudadas e discutidas por diversos autores (SPITZ, 1979/1991; STERN, 1997; LBOVICI, 1987; WINNICOTT, 1965/2001). Contudo, na atualidade, é cada vez maior o número de mulheres que ingressam no mercado de trabalho, seja pela busca da independência econômica ou pela necessidade de trabalhar fora, por ser a única fonte de sustento da família. Estes eventos geram novos arranjos familiares, com reflexos nos seus vínculos internos, inclusive na relação entre adultos e crianças (BOLSANALLO; BOLSANALLO, 1993).

Para Winnicott (1965/2001), o vínculo entre a mãe e seu filho é essencial para o desenvolvimento do bebê. Segundo o autor, o recém-nascido não pode existir sozinho, pois ele é parte de uma relação. Este necessita da maternagem, na qual seja oferecido um ambiente adequado para que ele se desenvolva bem. Assim, é de fundamental importância o que acontece na díade mãe/bebê ao longo do desenvolvimento da criança. Para Stern (1997) é nesta interação que as representações, desejos, medos e fantasias acerca do bebê são apresentados.

A vida representa para o infante uma série de experiências muito intensas, na qual este se apresenta como uma pessoa muito pequena para sobreviver em um meio com muitas novidades. O pai e a mãe possuem a responsabilidade de cuidar do filho para que este possa transformar-se em um adulto sadio. Winnicott (1984/1999) afirma que a criança tem uma dependência absoluta do outro, e necessita que a mãe identifique-se com ele para que possa atender suas necessidades, levando-o a avançar rumo à independência.

Mas esse movimento em direção à independência está atrelado a um ambiente de facilitação, cuja característica é a adaptação das necessidades que se originam nos processos de maturação da criança. Para isso, durante a gestação, parto e puerpério a mulher desenvolve um estado psicológico denominado por Winnicott (1984/1999) de preocupação materna primária. Este estado caracteriza-se por uma sensibilidade aumentada através do qual poderá tornar-se um a *mãe suficientemente boa*<sup>1</sup> e disponibilizar o ambiente adequado e facilitador para seu filho.

Segundo Winnicott (1971/1975), a mãe suficientemente boa tem três funções: o holding, o handling e a apresentação dos objetos. O holding se caracteriza pela maneira como o bebê é sustentado no colo pela sua mãe. É, ao mesmo tempo, uma experiência física e uma vivência simbólica, que significa a firmeza com que a criança é amada e desejada como filho. Com a repetição desses cuidados a mãe ajuda o bebê a assentar os fundamentos de sua capacidade de sentir-se real (Winnicott, 1984/1999). A etapa seguinte é o handling, que segundo Coutinho (1997, p. 101) é “a experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos cuidadosas da mãe”. É a maneira como o lactante é tratado, cuidado, manipulado (WINNICOTT, 1965/2001). Na apresentação dos objetos, “a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento” (COUTINHO, 1997, p. 103). Esta fase, também chamada de realização (por tornar real o impulso criativo da criança), inclui não só o início das relações interpessoais, mas também a introdução de todo o mundo da realidade compartilhada para a criança.

Mahler, Pine e Bergman (1986), observaram em seus estudos que o desenvolvimento psicológico e constituição de objetos internos ocorrem a partir de aquisições que o bebê alcança na relação com sua mãe a partir do fenômeno denominado *separação/individuação*. Este acontecimento é marcado por três estágios. No primeiro, que ocorre durante as primeiras semanas de vida após o nascimento, o bebê passa por um estágio de indiferenciação da mãe, denominado de fase autista normal, e pode ser considerado como um período de adaptação da criança ao novo mundo extrauterino. O seguinte caracteriza-se pela fraca consciência sobre o responsável por seus cuidados, confundido ainda com a autorresponsabilidade pelo que o mantém, chamada de fase simbiótica, que se estende dos dois aos quatro meses, período no qual as trocas entre mãe e bebê excedem as experiências orais. Por fim, na fase da separação-individualização propriamente dita e suas subfases, ocorre a diferenciação marcada pelo

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Winnicott para referir-se à adaptação da mãe às necessidades do bebê.

processo de abandono da concha autista (isto é, desenvolvimento de um sensorio mais alerta, que reflete maturação cognitiva e neurológica), o início do exame comparativo (isto é, compara 'o que é' e 'o que não é' a mãe) e a ansiedade característica (ansiedade frente a estranhos, que envolve curiosidade e medo), que se torna mais notável em torno dos oito meses.

A função materna somada a outras condições ambientais favoráveis se torna crucial para o desenvolvimento saudável do bebê, tanto na esfera física quanto psíquica. Assim, a família, considerada como unidade social básica, configura-se como o alicerce para oferecer tais condições, ao apresentar uma dupla função: primeiramente, na satisfação de necessidades fundamentais como alimentação, calor, abrigo e proteção; em segundo lugar, ao proporcionar um ambiente no qual a criança possa desenvolver ao máximo suas capacidades físicas, mentais e sociais, através da interação com os diversos membros da mesma (WENDLAND, 2001).

Winnicott (1971/1975) aponta a importância da família como sustentadora emocional do desenvolvimento saudável das crianças, a começar pela fundamental necessidade da relação suficientemente boa da mãe com seu bebê. Ao pai e à família cabe a função de proporcionar à mãe a segurança necessária à realização da acolhida segura e tranquila do recém-nascido. Winnicott (1971/1975) destaca ainda sua importância ao aproximar-se e interferir na peculiar relação formada pela díade, colocando-se, tal como a mãe, na condição de espelho na qual a criança poderá reconhecer-se e sentir-se existente e real.

Tal visão é compartilhada por Stern (1997), que ao teorizar sobre as matrizes de apoio à maternidade refere que a função principal da mesma é proteger a mãe fisicamente, prover suas necessidades vitais e, por algum tempo, afastá-las das exigências da realidade externa para que ela possa dedicar-se às suas tarefas. Para Stern (1997) o marido sempre desempenhou um papel importante nessa função e atualmente, exerce um papel ainda maior, uma vez que, tais responsabilidades têm que ser assumidas apenas pela família nuclear.

A matriz de apoio é um dos temas da constelação da maternidade, e esta se refere ao momento em que a mãe entra em uma nova organização psíquica que estabelecerá e determinará novas tendências de ações, fantasias, medos e desejos deste momento da vida da mulher (STERN, 1997). A partir das mudanças sociais modernas a família nuclear acaba assumindo a responsabilidade que a chegada de um novo ser apresenta e quando este apoio falha a função materna provavelmente se torna comprometida.

Todos estes rearranjos exigem novas opções para os cuidados dispensados às crianças pequenas quando suas mães estão ausentes. Estes cuidados que antes poderiam ser exercidos

por alguém da família como uma avó ou tia passam também a ser assumidos por alguém contratado para esta função como uma babá, ou ainda podem ser atribuídos a uma instituição como uma escola ou creche.

Contudo, segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Vitória (1994), em situações que ocorrem uma diminuição no número de elementos da família, ou a quebra na rede de apoio familiar e da vizinhança e ainda, quando existe um distanciamento físico e psicológico entre os diferentes membros da família, podem resultar na refração da rede de apoio social e familiar e contribuir para que os pais busquem outros recursos para os cuidados dispensados à criança fora do espaço familiar, com, por exemplo, em creches, escolinhas berçários, creches domésticas, etc.

A interação mãe/bebê pode sofrer transformações ao passar do espaço domiciliar, no qual havia uma maior intimidade e exclusividade, para uma situação em que ocorre uma separação frequente da díade, o estabelecimento de novas relações e o fim da exclusividade de cuidados, o que geralmente ocorre com a introdução destes novos recursos de cuidados na vida do bebê. Nesse contexto, há a introdução de novos parceiros, de um novo ambiente com novas rotinas (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; VITÓRIA, 1994).

Especificamente no espaço da creche, onde este trabalho foi desenvolvido, podem ser apontadas algumas características gerais tanto em sua rotina quanto em sua dinâmica. No geral, as creches públicas e privadas diferenciam-se em alguns aspectos: na primeira o ambiente físico apresenta um modelo mais próximo ao escolar, com salas grandes e espaços delimitados, com rotinas mais rígidas e ações de promoção de saúde, como vacinação, exames pediátricos etc., na segunda o espaço físico tende a ser menos institucional, com elementos de decoração, rotina mais flexível, etc. Todavia, como elemento comum entre ambas que pode ser apontado é a atenção aos cuidados físicos e de segurança em relação às crianças, com horários fixos para higiene alimentação, sono e atividades pedagógicas (LORDELO, 2002).

Os aspectos supracitados estão ligados ao fato de a creche desempenhar, por muito tempo, atividades com caráter assistencialista e filantrópico de combate à pobreza e à mortalidade infantil. Com isto, a rotina de funcionamento da maioria das instituições centrava maior atenção na guarda e nos cuidados físicos da criança, e menos na educação e na busca de um adequado desenvolvimento global (DIDONET, 2001).

Entretanto, este modelo confronta com os valores pregados pela sociedade atual em que a busca pela individualidade e intimidade podem ser contraditórios na situação da creche local no qual, desde o espaço físico, cuidados e brinquedos são compartilhados, diferentemente do espaço doméstico onde a criança pode desfrutar de cuidados e objetos

exclusivos a ela. A dinâmica da creche também pode influenciar não só, diretamente ao infante, como também seus pares, pois, muitas instituições, por exemplo, propõem-se a uma atuação enquanto "substituta" da mãe, o que, além de ser impossível, acentua nos pais o temor de que a criança goste mais das educadoras e do novo ambiente. Na educadora, por sua vez, é induzida uma postura crítica em relação às mães e seu exercício da maternidade (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIN; VITÓRIA, 1994).

Todos os eventos acima apresentados exercem influência na vida psíquica do bebê e pode gerar um universo de emoções tais como ansiedade, angústia, excitação, aprendizado, etc., uma vez que o lactante passará a vivenciar momentos de separação e reencontro com a mãe e outros cuidadores de forma mais regular e frequente. Um meio de acessar tais condições pode ser realizado através do método observacional. Dentre os métodos observacionais destaca-se o de Ester Bick, que tem como cerne a relação mãe/bebê. O método Bick de observação de bebês oferece uma excelente oportunidade de observar o desenvolvimento de uma criança desde o nascimento no ambiente da família e em sua relação com a mesma, acompanhando como se originam e desenvolvem tais relações (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MENEZES; CARON; LOPES, 2006).

Apesar de o método Bick, originalmente ter sido desenvolvido para auxiliar a formação de psicoterapeutas infantis, atualmente tem sido adaptado à pesquisa em contextos diversos do original devido à riqueza dos dados provenientes desse enquadre observacional (PIONTELLI, 1987; BARROS, 2009). Mesmo Bick (1961/1987), implicitamente aponta o potencial de seu método para a pesquisa, ao considerar a possibilidade de a observação ajudar a compreender mais claramente a experiência infantil nos primeiros anos de vida, bem como ao destacar a sua utilidade para compreender melhor a conduta não verbal da criança que não fala e não joga.

A partir de todas as considerações acima citadas se faz oportuno estudar a dinâmica que se estabelece entre o bebê e seus cuidadores em dois espaços distintos: o familiar e o institucional.

O presente trabalho está organizado em 03 (três) capítulos: o primeiro apresenta revisão da literatura no que diz respeito aos aspectos emocionais do bebê; a importância da relação mãe/bebê para o desenvolvimento emocional da criança e o papel da creche na atualidade em consequência da saída da mulher para o mercado de trabalho e dos rearranjos familiares.

O segundo refere-se aos delineamentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa; aprofundamento teórico do método de observação de Ester



Bick, bem como as adaptações necessárias para esta investigação; apresentação dos participantes e seus ambientes: a casa e a creche e ainda as considerações éticas necessárias a todas as pesquisas realizadas com seres humanos.

O terceiro capítulo considera os resultados e as discussões a partir das categorias organizadas para exposição dos fenômenos observados; *Clarice e seu desenvolvimento emocional*, baseado na observação sistematizada durante os quatro meses de realização do trabalho, apresenta as aquisições cognitivas e motoras em consonância ao desenvolvimento emocional do bebê durante este recorte de tempo; *Clarice entre o lar e a creche* que refere-se as diferenças e semelhanças dos cuidados dispensados a Clarice em sua casa, junto a sua família e no espaço da creche. Especificamente na casa, trata da interação do bebê na relação com a sua mãe, seu pai e seus irmãos e as diferenças de cuidados dispensados por cada um e como esta dinâmica é percebida pela observadora. Na creche estuda-se a relação do bebê com as quatro cuidadoras que trabalham na instituição, os cuidados dispensados neste espaço e a relação de Clarice com as outras crianças que a frequentam, a partir da ótica da observação; *Clarice Clarificada*, trata das especificidades do bebê, nos dois contextos de observação e *Clarice e a observadora* que trata da relação mais específica da observadora com os ambientes observados.

Por fim são colocadas as considerações finais relevantes para esta pesquisa e sua contribuição para estudos subsequentes a partir deste tema.

Faz-se importante destacar que este trabalho encontra-se repleto de experiências vividas pelo bebê observado em sua caminhada rumo ao crescimento e amadurecimento; de sua família, a dedicação de uma mãe forte, que acerta e erra (e não poderia ser diferente) em sua luta para criar seus filhos; de uma creche e seus atores, na busca de oferecer um espaço de acolhimento, mas com as limitações que o espaço institucional apresenta e de uma observadora que se confrontou com o seu próprio crescimento tanto pessoal quanto intelectual ao longo destes anos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Os aspectos emocionais do bebê.**

As primeiras reações emocionais, em geral, ocorrem no contexto familiar, no qual os bebês participam de trocas afetivas com os pais e outros cuidadores. Essas manifestações, considerando-se as limitações do recém-nascido, ocorrem, especialmente, através do choro, do sorriso, entre outros. Entretanto, por muito tempo acreditava-se que o feto e a criança recém-nascida, até dois ou três anos, não experimentavam emoções e considerava-se que a personalidade não tinha se desenvolvido o suficiente para algum tipo de relação com o mundo.

Freud (1905/1996) demonstrou que esta observação estava equivocada. Através de suas investigações encontrou evidências de que tanto os bebês como as crianças não só sentiam o que acontecia em a sua volta, mas também tinham uma sexualidade latente. Demonstrou ainda, que as emoções afetavam a saúde sua física, o que fez surgir a noção de doenças psicossomáticas. Apontou que as vivências emocionais do lactante encontram-se intimamente ligadas com sua vida psíquica, com a construção do espaço psíquico e com a formação das representações. Embora Freud (1905/1996) tenha sido o primeiro a estudar tais conceitos em psicanálise, diversos estudiosos, posteriormente, contribuíram para que estes conceitos se desenvolvessem.

Com isso, mesmo quando os bebês aparentam não expressar reações emocionais, como por exemplo, nos primeiros meses, em que dormem a maior parte do tempo, estão em ativa vivência emocional. Neste período segundo Freud (1905/1996), o bebê encontra-se em um estado denominado autismo primário, caracterizado por uma condição de não diferenciação. Segundo Soifer (1992) as mamadas e sono funcionam para o lactante como um termômetro que indicam se este está se desenvolvendo bem, uma vez que o recém-nascido que dorme muito pode estar defendendo-se do mundo externo que pode estar sendo vivenciado como persecutório.

Para Klein (1952/1991), a primeira fonte externa de ansiedade pode ser encontrada na experiência do nascimento, pois a dor e o desconforto que o recém-nascido sofre, bem como a perda do estado intrauterino, são sentidos como um ataque por forças hostis vividas como perseguição.

Entretanto, anterior às ansiedades persecutórias descritas por Klein (1952/1991), Bick (1968) observou a manifestação de um tipo de ansiedade catastrófica, vivenciada pelo lactante como uma sensação de despedaçamento iminente. A partir desta observação propõe as noções

de *pele psíquica* e *segunda pele*. Na discussão do tema da função primária da pele, ela declara sua posição a respeito de qual seria a condição originária do psiquismo.

Em sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e precisam, portanto, ser mantidas unidas, de forma passiva, pela pele que funciona como limite. Mas esta função interna de conter das partes do *self* depende, inicialmente, da introjeção de um objeto externo, experienciando como capaz de exercer esta função. (BICK, 1968, p.483).

A autora parte da premissa de que existe um estado originário de *não integração* e que a primeira necessidade do bebê é a de que as partes de sua personalidade sejam mantidas unidas por um *objeto externo continente* e sugere que este “elemento” é experimentado pelo bebê concretamente como uma pele. No estado *não integrado* o bebê viveria uma experiência de total desamparo e na ausência deste objeto continente sentir-se-ia assolado por ansiedades catastróficas que correspondem a emoções como estar desmantelado, esvaziado, derramado.

No início de sua vida, as partes da personalidade do recém-nascido ainda não são diferenciáveis das partes do corpo. A experiência de contenção das primeiras é vivenciada através do contato entre os corpos, entre as “peles” do bebê e de sua mãe e o objeto ótimo para promover esta experiência de contenção seria “o mamilo na boca, juntamente com a mãe que segura o bebê, fala com ele e tem um cheiro familiar” (BICK, 1968, p.484). A experiência do boca-seio, dos ritmos maternos ajustados aos do bebê, do contato corpo a corpo, da voz que conversa com o filho, geram a sensação de um continuum entre ambos e estabelecem as fundações da personalidade e do sentimento de ser. Após repetidas experiências com o objeto continente o lactante pode introjetar esta função e constituir uma *pele psíquica* e, com isto, um espaço interno que serviria de base para o desenvolvimento psíquico do bebê.

Bick (1968, p. 485) aponta que perturbações na introjeção da função primária de pele continente podem levar ao desenvolvimento de uma formação defensiva.

[...] A dependência do objeto é substituída por uma pseudoindependência, pelo uso inapropriado de certas funções mentais, ou talvez talentos inatos, com o propósito de criar um substituto para esta função de pele [primordial] continente.

Trata-se de uma “pseudoindependência” porque esta estrutura aparentemente forte esconde um núcleo frágil e um desenvolvimento precário da internalização da função de pele primária materna.

Também para Winnicott (1945/1988), as experiências iniciais são estruturantes do psiquismo e propõe que a maturação emocional se dê em três etapas sucessivas: a da *integração* e *personalização*, a da *adaptação à realidade* e a de *pré-inquietude ou crueldade primitiva*.

Na primeira preconiza que o bebê nasce em um estado de não integração no qual os núcleos do ego estão dispersos e, para o recém-nascido, estes estão incluídos em uma unidade que ele forma com o meio ambiente. A meta desta etapa é a *integração* dos núcleos do ego e a *personalização* – adquirir a sensação de que o corpo aloja o verdadeiro *self*. O objeto unificador do ego inicial não integrado da criança é a mãe e sua atenção. A *integração* é obtida a partir da sustentação exercida pela mãe, a qual permite que o lactante se sinta integrado dentro dela; e da experiência, que tende a reunir a personalidade em um todo. Esse momento de diferenciação entre “eu” e “não-eu” pode ser perigoso para o bebê, pois o exterior pode ser vivenciado como perseguidor e ameaçador. Essas ameaças são neutralizadas, dentro do desenvolvimento sadio, pela existência do cuidado amoroso por parte da mãe. Na *personalização* o desenvolvimento normal levaria a alcançar um esquema corporal, chamado de *unidade psique-soma* (WINNICOTT, 1945/1988).

À medida que o desenvolvimento progride, a criança tem um ego relativamente integrado, e com a sensação de que o núcleo do si-próprio habita o seu corpo. E começa a perceber que ela e o mundo são duas coisas separadas. A etapa seguinte é conseguir alcançar uma adaptação à realidade. Nessa etapa a mãe tem o papel de prover à criança os elementos da realidade com que irá construir a imagem psíquica do mundo externo. A acomodação absoluta do meio ao bebê se torna uma adaptação relativa, através de um delicado processo gradual de falhas em pequenas doses.

Depois de a criança ter alcançado a diferenciação entre ela e o meio circundante e se adaptar em certa medida à realidade, o último passo que esta deve dar é integrar as diferentes imagens que tem de sua mãe e do mundo. Winnicott (1945/1988) pensa que a criança pequena tem uma cota inata de agressividade, que se exprime em determinadas condutas autodestrutivas. O bebê volta seu ódio sobre si mesmo para proteger o objeto externo; mas esta manobra não é suficiente e em sua fantasia a mãe pode ficar intensamente danificada (BLEICHMAR; BLEICHMAR, 1992). A mãe, além de ser o objeto que recebe em certos momentos, a agressão da criança, é também aquela que cuida dela e a protege. Quando o infante exprime raiva e recebe amor, confirma que a mãe sobreviveu e é um ser separado dela. O bebê adquire a noção de que suas próprias pulsões não são tão danosas e pode, pouco a pouco, aceitar a responsabilidade que possui sobre elas.

Com isto, pode-se notar que a vida psíquica da criança é marcada por necessidades, desconforto, ansiedades e a figura materna, neste contexto, representa a sua referência de segurança, uma vez que é a responsável pelos cuidados indispensáveis à sobrevivência do recém-nascido. Não obstante, quando as necessidades do lactante são satisfeitas, ele

experimenta emoções agradáveis. Portanto, é fundamental apontar a relação mãe/bebê como essencial para a vivência e organização das emoções nesse período.

Os primeiros três meses de idade do bebê são considerados por Spitz (1979/1991) como um marco no desenvolvimento do bebê, pois marca a saída do narcisismo primário para a “ação”. É nesta fase que surge o *primeiro organizador* assinalado pelo sorriso. As reações emocionais são evidentes e demonstráveis pelo fenômeno da resposta ao sorriso. Para o bebê o entretenimento mais apreciado é o companheiro humano e quando este se retira do seu campo visual o lactante reage com choro ou expressão de desprazer.

Entre o sexto e nono mês ocorre uma importante transformação no psiquismo infantil, denominada por Spitz (1979/1991) de *discriminação diacrítica*. Nesta fase o bebê já não reage a qualquer face com um sorriso, pois neste momento ele discrimina entre o “amigo” e o “estranho”. Este tipo de reação corresponde à maneira como o bebê estabeleceu suas relações objetais. Spitz (1979/1991) chama de angústia do oitavo mês - quando um estranho se aproxima a criança reage com decepção, pois seu desejo era o de rever a mãe. Vale ressaltar que esta atitude é considerada uma resposta intrapsíquica, uma vez que, a criança não expressa uma experiência desagradável que vivenciou com um estranho, mas uma percepção de não identidade do estranho com a mãe.

Para Stern (1992), os bebês nascem providos de capacidades inatas para a interação social e demonstram uma nítida preferência por rostos humanos, ou por configurações que os imitam; buscam ativamente discriminar padrões, explorar seu meio ambiente, e integrar todos esses dados. Além disso, as crianças mostram uma incrível capacidade de apresentar grande riqueza de respostas pré-verbais, pré-representacionais, tanto nas interações em sintonia quanto nas sequências de rompimentos das interações mãe/bebê. A história da relação de cada lactante com seu ambiente gera estratégias adaptativas singulares que constituirão os detalhes de seu conhecimento relacional implícito. Por sua vez, este será o alicerce sobre o qual a vida emocional e afetiva se construirá.

Existem algumas seqüências de interação prototípicas tais como o brincar de esconde-esconde, ou cócegas. O mais importante é que essas seqüências de interações mãe/bebê são gradativamente registradas na memória daquele bebê como procedimentos do self com o outro. Esta memória implícita permanece como registros de padrões de reação do bebê, desencadeados a partir de certas pistas do ambiente; tornam-se, assim, parte da maneira característica de reação daquele bebê, perdurando até na idade adulta. Entrelaçam-se, no decorrer da vida da pessoa, memórias procedurais, reações emocionais, e um conjunto de comportamentos observáveis (STERN, 1992).

Stern (2006) propõe o conceito de *conhecimento implícito relacional*, baseado em suas investigações sobre bebês e sobre os neurônios-espelho. Os lactantes recordam-se das situações sociais e afetivas e formam representações antes que possam expressá-las através do funcionamento verbal e simbólico. Este conhecimento não se modifica com a aquisição da linguagem; para o autor é um campo separado da experiência que continua se desenvolvendo ao longo da vida, e inclui os sentimentos e as intenções a ela associados.

## 2.2 A importância da relação mãe/bebê.

A relação estabelecida entre mãe/lactante nos primeiros meses de vida da criança é considerado por teóricos psicanalíticos como o acontecimento mais importante no desenvolvimento do aparelho psíquico da mesma. Uma gama destes pensadores tais como, Margareth Mahler, Renè Spitz e Donald Winnicott observaram a importância de investigar a relação que se estabelece entre a díade mãe/bebê – não necessariamente a mãe biológica, mas a figura que dispense cuidados a criança – e sua importância para o desenvolvimento infantil (BORSA, 2007).

A relação mãe e filho é historicamente a primeira na vida individual. A respeito desta, Aiello-Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000, p. 3) comentam:

A relação mãe-lactente, sendo cronologicamente anterior a todas as outras relações, no âmbito individual, é um caso particular de encontro humano, aquele que tem lugar quando o nascimento biológico teve lugar, mas o ser humano ainda não "chegou" ao mundo humano, requerendo, por isso, uma parceria absolutamente especial.

Para Freud (1914/1996), após o nascimento o bebê não é capaz de distinguir as excitações internas das externas e que o desenvolvimento depende dos cuidados maternos. Este estado corresponde ao narcisismo inicial onde o ego é aparentemente capaz de se satisfazer sozinho, porém, a estabilidade nesta condição conduziria à morte, ou pelo menos ao não nascimento da vida psíquica. Com isto, os cuidados maternos inerentes á díade mãe/bebê são indispensáveis à sobrevivência e o narcisismo primário que supõe o investimento do ego e a satisfação das necessidades conduz ao nascimento das relações objetais (LEIBOVICI, 1987).

Mahler (1993) destaca a importância das relações objetais precoces como o vínculo com a mãe, a angústia de separação e os processos de luto nas etapas evolutivas. A autora destaca o papel da fantasia de simbiose e do processo de individuação, apontando segundo sua teoria, os movimentos de aproximação e distanciamento entre a mãe e seu bebê. Com isso a

autora aponta que “o processo de separação individualização normal implica na aquisição, pela criança, de um funcionamento autônomo, na presença da mãe e sua disponibilidade emocional” (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1986, p. 23).

Segundo as pesquisas realizadas por Mahler, Pine e Bergman (1986), durante as primeiras semanas, os estados de sonolência do bebê superam os de vigília, sendo ainda, reminiscências do estado primitivo de distribuição libidinal prevalentes na vida intrauterina, cuja satisfação de desejo se faz de forma autossuficiente. A esta etapa é denominada pelos autores de *autismo normal*. Apesar de esta fase caracterizar-se pela ausência de relativa catexia aos estímulos externos, não significa que não há receptividade a esses estímulos.

A partir do segundo mês, transitoriamente, a fase do autismo normal vai cedendo espaço à *fase simbiótica* cujo início é marcado pela consciência difusa do objeto de satisfação, na qual o bebê funciona como se ele e sua mãe fossem um sistema fechado e autossuficiente. Neste período o lactante apresenta um ego rudimentar e necessita ser complementado pelo vínculo emocional do cuidado materno. Benedeck (1983) assinala que nesta fase nota-se a óbvia dependência absoluta do bebê em relação à mãe e a necessidade relativa desta em relação ao seu filho, possuindo assim, a simbiose, significados diferentes para os parceiros da unidade dual.

Após estes períodos a relação passa para uma fase complexa e prolongada denominada pelos autores de *separação-individuação*.

A primeira subfase do período da separação-individuação é a *diferenciação*, caracterizada pela diminuição da dependência corporal da mãe. Neste estágio, devido à progressiva segurança da órbita simbiótica contínua, o bebê passa a dirigir sua atenção para fora da unidade dual, imprimindo em alguns lactantes um genuíno processo de rompimento onde se introduz a diferenciação, estendendo-se aproximadamente até os nove meses (MAHLER, 1993).

Segue-se a partir daí a segunda subfase denominada de *treinamento* na qual a principal característica é o enorme investimento narcisista da criança em suas próprias funções, em seu próprio corpo e nos objetos e objetivos de sua realidade em constante expansão, na qual o andar possui grande significado simbólico de “entrada no mundo dos seres independentes” (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1986, p. 81).

Na terceira subfase, denominada de *reaproximação*, as matrizes do nascimento psicológico constituem-se na aquisição da locomoção em posição ereta e no desenvolvimento cognitivo. Nesta fase, a comunicação verbal se torna cada vez mais necessária e a partir daí a criança compreende de forma gradual que seus objetos de amor são individualmente

separados. Segundo Mahler (1993), nesse período passa a ser observada uma preocupação constante com o lugar onde a mãe se encontra assim como um pequeno temor da perda do objeto. A criança percebe sua desvinculação, e tenta dominá-la, com experiências ativas de ir e vir, afastando-se e voltando para perto da mãe.

A *consolidação da individuação*, que consiste na quarta subfase, caracteriza-se pelo início da constância objetal e pela aquisição de uma individualidade definida e, em certos aspectos, para toda a vida. A constância do objeto, no entanto, implica em algo mais que a maturação da representação do objeto de amor ausente, implica também na unificação do objeto “bom” e “mau” em uma única representação total.

Spitz (1979/1991) apontou a importância da relação na díade e do sentimento materno em relação ao bebê. Segundo este autor, quase todas as mulheres se tornam meigas, amorosas e dedicadas na maternidade e criam na relação mãe/filho o que ele denomina de *clima emocional favorável* e para ele a “atitude emocional materna, seus afetos, é que servirão para orientar os afetos do bebê e conferir a qualidade de vida à experiência do bebê” (SPITZ, 1979/1991 p. 99). Aponta ainda três estágios do desenvolvimento onde utiliza como ponto de referencia o aparecimento de certos comportamentos como indicadores que convergem para a existência dos chamados “organizadores do psiquismo”.

Spitz (1979/1991) utiliza o termo de *não diferenciação*, para definir o estágio não objetal, na qual o recém-nascido ainda não está egoicamente organizado e não há separações entre pulsões e objetos dessas pulsões. O ambiente não é percebido e com isto o bebê não consegue reconhecer o objeto libidinal. A mãe torna-se fonte de serenidade diante dos estímulos de origem interna e externa e quando estes estímulos ultrapassam certos limites, a criança manifesta seu incomodo através do choro. Spitz (1979/1991) entende que a zona bucal e a sensação de fome/não fome, são importantes na diferenciação entre o “dentro” e o “fora”.

No segundo estágio, denominado por Spitz (1979/1991) de *percussor do objeto* observa-se o estabelecimento do primeiro organizador: o sorriso. A mãe através da sua atitude emocional e afetiva favorece o aparecimento deste identificador, e potencializa o desenvolvimento da consciência no recém-nascido, uma vez que neste estágio a criança ainda não consegue distinguir uma face dentre outras, reconhece-a apenas como um indicador gestáltico. Com isto, o objeto libidinal ainda não está estabelecido. Este indicador gestáltico não pode ser considerado um verdadeiro objeto e por isso é chamado de pré-objeto.

No estágio do objeto libidinal o bebê adquire a capacidade de diferenciação preceptiva e a mãe torna-se objeto libidinal. A criança passa a diferenciar traços familiares de traços desconhecidos, quando percebe traços estranhos ao de sua mãe, o bebê pode apresentar uma



recusa de contato acompanhado de angústia reativa a perda do objeto. Portanto é interessante apontar que a atitude emocional e afetiva da mãe servirá para orientar os afetos do bebê e conferir qualidade de vida a este (SPITZ, 1979/1991).

Para Winnicott (1945/1988, 1965/2001) as bases da saúde mental de qualquer indivíduo são amoldadas na primeira infância pela mãe, através do meio ambiente fornecido por esta. Segundo este estudioso, um bebê não pode existir sozinho, pois é parte de uma relação e não pode ser pensado sem a presença de alguém que lhe exerça a maternagem e sem um ambiente criado por ela na qual “[...] possa evoluir e desenvolver seu potencial de crescimento e amadurecimento” (COUTINHO, 1997 p. 98). Para que as necessidades deste bebê possam ser supridas, desde a gravidez, a mãe desenvolve um estado psicológico denominado por ele de *preocupação materna primária*, caracterizado como um estado de verdadeira fusão emocional com seu bebê, sendo um período normal e necessário, que capacita a mãe a se adaptar às necessidades iniciais do filho e se identificar com ele. Essa identificação é crucial para o início do estabelecimento das relações objetais.

A mãe que desenvolve esse estado fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida. Essa preocupação única e a abertura para o lactante que se cria dentro da mãe são decisivas no processo de vinculação (WINNICOTT, 1945/1988, 1956/2000, 1965/2001).

A mãe nesse estado é “boa o bastante” e capaz de oferecer um meio ambiente facilitador no qual o bebê seja capaz de ser e crescer. É só na presença de uma mãe *suficientemente boa* que a criança pode iniciar o processo de desenvolvimento pessoal e real.

Para Winnicott (1971/1975) é necessário que as condições ambientais sejam adequadas, que haja uma “maternagem suficientemente boa” para fortalecimento das experiências do bebê. Com isto, três aspectos decorrem desta noção: o *holding*, o *handling* e a *apresentação de objeto*.

O *holding* se caracteriza pelo favorecimento ambiental à integração pessoal do bebê advindo do segurar físico e emocional realizado pelo meio ambiente, que tem como resultado as experiências fornecidas à criança relacionadas com a estabilidade do meio, constância objetual e autenticidade nos cuidados maternos (LESCOVAR, 2004). A maneira como o bebê é segurado no colo pela sua mãe apresentando-se como uma experiência física – carregado pela mãe – e uma vivência simbólica – a firmeza com que é amado e desejado como filho. No início do desenvolvimento, o cuidado com o bebê se dá em torno do termo “sustentação”. O

“segurar” o bebê pode resultar em circunstâncias satisfatórias e acelerar o processo de maturação (WINNICOTT, 1984/1999).

A etapa seguinte, o *handling*, é o tato estabelecido entre mãe/bebê. É a maneira como o bebê é tratado, cuidado, manipulado. Constituem-se no favorecimento do meio ambiente ao alojamento da psique no corpo facilitado pelas experiências mãe/bebê, em que a interação entre eles era mediada pelo contato corporal, e também pelas compreensões maternas das manifestações corporais do bebê como comunicações pessoais (LESCOVAR, 2004).

Na apresentação dos objetos, “a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento” (COUTINHO, 1997 p. 103). Por intermédio da apresentação de objetos, Winnicott (1984/1999) postulou o estabelecimento gradual da realidade compartilhada e o senso de realização pessoal.

Como se pode observar nas colocações acima, as funções da *mãe suficientemente boa* facilitam o desenvolvimento do processo de maturação como a integração, proporcionada pelo *holding*; a personalização, ligada ao *handling* e a relação objetal propiciada pela *apresentação dos objetos*. Todos estes aspectos apontados na teoria são cruciais no processo de vínculo entre a mãe e seu bebê (WINNICOTT, 1956/2000, 1965/2001, 1987/2006).

Pode-se observar também que, entre outros, o principal elo que une os pensadores acima citados, está na oportunidade de confirmar e até enriquecer a teoria proposta por Freud (1914/1996) no tocante à gênese relações objetais a partir das relações precoces e confirmar sua importância para o desenvolvimento infantil.

Assim, a função materna aliada às condições ambientais favoráveis se tornam fundamentais para que o bebê se desenvolva de forma saudável, física e psiquicamente e a família, se mostra como unidade social básica e configura-se como o suporte que oferece condições para que criança possa desenvolver suas capacidades físicas, mentais e sociais, através da interação com os diversos membros da mesma (WENDLAND, 2001).

Winnicott (1971/1975) aponta a importância do ambiente como sustentador emocional do desenvolvimento saudável das crianças, a começar pela fundamental necessidade da relação suficientemente boa da mãe para com seu filho. Stern (1997) considera que estas condições são oferecidas pela matriz de apoio e quando esta se mostra insuficiente, atores externos ao seio familiar, como uma instituição, podem ser incluídos para fornecer tal sustentabilidade à relação mãe/bebê.

### **1.3 O papel da creche na atualidade.**

Os cuidados dispensados ao recém-nascido geralmente eram tarefas atribuídas às mães dos bebês, que antes raramente trabalhava fora do lar, uma vez que a ideia do trabalho externo ao ambiente domiciliar era incipiente (ALMEIDA, 1998). Nos dias atuais, A creche configura-se como um dispositivo importante, pois muitas mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, o que gera significativas mudanças na relação entre os membros do grupo familiar (BOLSANALLO; BOLSANALLO, 1993).

Para Casasanta (1998, p.50), “[...] as mudanças do mundo contemporâneo repercutem profundamente na estrutura familiar e interferem na disponibilidade de tempo dos pais para a convivência diária com os filhos”. E em se tratando de crianças menores de três anos, a utilização das creches se torna um dispositivo social totalmente relevante para esta nova configuração familiar e social. A partir do momento em que se levam em consideração os extratos sociais mais baixos, esta situação é ainda mais agravada em nome do provimento do lar.

Para Didonet (2001), as referências históricas para o surgimento das creches são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar de crianças pequenas cujas mães estavam ingressando no mercado de trabalho. Ou seja, sua criação está ligada diversos fatores como as transformações na sociedade, a organização da família, o papel social feminino e em suas respectivas repercussões, principalmente, no que se refere aos cuidados das crianças pequenas.

Neste contexto a creche se constitui como um espaço no qual os filhos de pais que trabalham fora, passam a maior parte do tempo. Sendo que esta instituição, segundo Araújo e Pereira (2009) tem como objetivo central apoiar as famílias em relação a um crescimento e desenvolvimento integral do infante. Neste contexto é importante observar a relação da criança com o ambiente como responsável pela integração da mesma, além de se perceber a instituição de acolhimento infantil como um elemento integrador que deve trabalhar todas as relações, podendo desempenhar um papel positivo no desenvolvimento infantil (BEKER, 2008).

No Brasil, as primeiras experiências na organização de instituições de acolhimento da criança nascem com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa, viúvas desamparadas, etc. Enquanto que as famílias mais abastadas pagavam uma babá, os componentes das classes mais baixas necessitavam deixar os filhos sozinhos ou colocá-los em uma instituição que lhe dispensassem cuidados coletivamente. As instituições destinadas aos filhos de mulheres trabalhadoras necessitavam oferecer tempo

integral de cuidado; precisavam ainda zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001).

As perspectivas de cuidado que vigorou no discurso e na prática dos sujeitos envolvidos diretamente com o trabalho da creche abarcava a questão do aspecto físico, do zelo pela integridade física e moral da criança.

Não se pode negar que o cuidado, entendido como um conjunto de medidas que garantam a integridade física, psíquica e emocional da criança, deva fazer parte da rotina diária da creche que atendem crianças até três anos. Contudo, é fundamental refletir sobre a perspectiva dos cuidados que norteiam as ações nas instituições. Atualmente, algumas pesquisas têm apontado a importância do mesmo, entendido sob outro prisma (SPADA, 2007).

Na proposição de Rosemberg (2001), o cuidado gradualmente evolui nas creches e na educação infantil. O termo passa a designar uma função da educadora e um objetivo da creche, assumindo pelo menos três sentidos amplos diferenciados: proteção física da criança, serviço complementar à família e atenção à individualidade. Quando a palavra “cuidado” é utilizada num campo de significação mais próximo ao de guarda da criança pequena, o mesmo está mais relacionado às primeiras acepções, tanto de higiene e proteção do corpo da criança, quanto o de serviço alternativo à guarda ou cuidado familiar. O terceiro significado, introduzido mais recentemente, refere-se à individualidade da criança e designa o sentido de atenção às suas necessidades emocionais, respeito a seu ritmo de desenvolvimento e aprendizagem, e às suas diferenças (MONTENEGRO, 2001).

Conforme aponta Didonet (2001), com essa proposta a creche se configura, na atualidade, como uma instituição que busca conciliar cuidado e educação – sendo realizada por todos e por cada um dos que interagem com a criança.

Assim, a organização do ambiente oferecido às crianças pequenas pode estar ligada aos aspectos e características dos contextos em que as mesmas vivem e frequentam e do que estes podem oferecer. Em instituições de Educação Infantil, o ambiente físico, o grupo de atividades, a rotina, os recursos materiais e de pessoal, as interações desenvolvidas, e o programa adotado pela instituição para essa faixa etária são alguns destes aspectos e características importantes (LORDELO, 2002). A preocupação com a organização deste ambiente relaciona-se com o processo de desenvolvimento infantil, considerado como um processo aberto, dinâmico, contínuo e multifacetado. A organização deste espaço também leva em consideração o processo de socialização das crianças.

Para Spada (2007), os cuidados oferecidos na creche também podem englobar elementos como: observação das necessidades infantis no tocante à saúde, bem-estar, segurança e proteção; manutenção de um ambiente que favoreça trocas afetivas entre as crianças e entre essas e educadores e demais funcionários que atuem junto a elas; planejamento de um espaço que permita descobertas, que estimule a inteligência e ofereça à criança materiais lúdico-pedagógicos adequados ao seu desenvolvimento. O cuidar, quando atinge tais dimensões, pode contribuir demasiadamente para desenvolvimento infantil, apresentando-se grande relevância as configurações atuais da sociedade.

### 3 METODO

#### 3.1 Os caminhos metodológicos

Para a construção do projeto que deu alicerce a este trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do desenvolvimento infantil, com intuito de se familiarizar com as teorias que o embasam. Entre os principais autores que tratam deste tema podem ser citados Sigmund Freud, (1905/1096; 1909/1996; 1914/1996); Melanie Klein, (1952/1991); Margaret Mahler, (1993); Serge Lebovici, (1987); Renè Spitz, (1979/1991); Daniel Stern, (1997) e Donald Winnicott, (1971/1975; 1960/1983; 1945/1988; 1988/1990; 1996/1997; 1956/2000; 1965/2001; 1987/2006).

Buscou-se conhecer também, pesquisas que utilizam o método Bick para suas observações. Para tanto foi realizado um levantamento de artigos, dissertações e teses disponíveis em bases de dados nacionais importantes como *Index Psi* e *SciELOi* utilizando-se as palavras chaves, *bebê*, *observação*, *método Bick*.

Entre os estudos encontrados estão o de Miller (2002) que estudou acerca do senso de estar separado e individualizado, com um bebê de um ano. Druon (1997) que realizou observação com bebês prematuros internados em uma unidade de tratamento intensivo neonatal, tendo o trabalho, que sofrer alguns ajustes inevitáveis por estar inserido em uma instituição hospitalar, na qual as observações eram realizadas todos os dias. Wirth (2000), que baseado no estudo anterior, aplicou o método Bick em um UTI Neonatal em um hospital da cidade de Nova Hamburgo no Rio Grande do Sul. Appell (1997) que utilizou o método em crianças pequenas em uma instituição e observou melhoras na gestão das pequenas separações e rupturas. Jardin, Detry, Denis, Moreau e Silbermann (1997) que apresentaram sua experiência com o método Bick em uma creche e em um setor de psiquiatria infantil.

Após a qualificação do projeto de pesquisa, foi realizada coleta de dados com o objetivo de compreender a relação entre o bebê e seus cuidadores, no ambiente familiar e no espaço da creche. Para tal empreendimento, foi utilizado como enquadre metodológico a pesquisa qualitativa, por tratar-se de uma investigação que envolve uma abordagem interpretativa e naturalística, na qual o pesquisador estuda as coisas em seu *setting* natural, o qual tenta dar sentido ou interpretar fenômenos em termos das significações que os sujeitos trazem para eles (DENZIN; LINCOLN, 1994).

Nas pesquisas qualitativas, é usual que o pesquisador procure entender os acontecimentos observados, segundo a perspectiva dos envolvidos, e a partir disto, situe sua interpretação do fenômeno estudado (NEVES, 1996).

A pesquisa que pretende investigar as relações em profundidade, na qual são valorizados os aspectos subjetivos, não pode ser operacionalizada em números ou variáveis e são impossíveis de serem sintetizadas em dados estatísticos. Com isto, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, ou seja, privilegia os aspectos subjetivos dos atores (MINAYO, 2001).

Para a realização desta pesquisa no enfoque qualitativo, optou-se pelo estudo de caso, que se trata da análise profunda de uma unidade de estudo e visa o exame detalhado de um sujeito ou de uma situação em particular. Segundo Tull e Hawkins (1976, p. 323), “um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular”. Yin (1989, p. 23) afirma que “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

Uma crítica predominante a este tipo de pesquisa é a de que, no estudo de caso, o olhar do investigador é subjetivo e enviesante, todavia, deve-se refletir que qualquer recurso metodológico em ciências humanas é sempre subjetivo, uma vez que o ser humano nunca é captado em sua essência, mas, sim, a partir do olhar de outra pessoa. Esta visão idealizada de que a ciência seria capaz de apreender o fenômeno de maneira objetiva e verdadeira descende da ciência positivista, a qual não pode ser transposta às pesquisas em psicologia e, especificamente, em psicanálise.

Por se tratar de uma investigação com base psicanalítica é importante acrescentar que de acordo com Lino da Silva (1993), nas pesquisas em psicanálise, faz-se necessário que a figura do pesquisador assuma as proporções devidas em seu encontro com o outro sujeito do estudo, até porque é este que, com seus sentimentos de contratransferência, sua capacidade de atenção flutuante, sua memória seletiva, suas associações, dentre outras, que se constituirá em um dos principais instrumentos da investigação.

Segundo Cruz Neto (1995) a matéria prima da Observação da Relação Mãe-Bebê constitui-se de pessoas que convivem em dinâmica interação, recorte espacial para pesquisa de produção de intersubjetividades, onde a relação do pesquisador com os sujeitos a serem estudados é de extrema importância. Outro ponto a ser considerado é o uso positivo da contratransferência que leva o observador a entrar em contato com a dinâmica da cena observada, a partir do entendimento de seus próprios sentimentos.

### 3.1.1 O Método Bick

O método desenvolvido por Esther Bick (1964) nasce com o intuito de sua criadora em promover auxílio na prática com bebês o que permitiu uma experiência prática nos primeiros anos de formação de terapeutas infantis da Clínica de Tavistock. O objetivo do treinamento é o de desenvolver uma observação minuciosa que pretende abarcar não apenas uma atitude manifesta do que é observado, mas as reações próprias do observador para uma possível compreensão psicodinâmica da situação vivenciada. Posteriormente, esta técnica foi introduzida como parte do curso de formação de psicanalistas na Sociedade Britânica de Psicanálise e se estendeu para outros institutos de formação por todo o mundo (PICCININI; MOURA; RIBAS; BOSSA; OLIVEIRA; SCHERMANN e CHAHON, 2001).

O método oferece uma excelente oportunidade de observar o desenvolvimento de um bebê em sua relação com seus cuidadores, oferecendo a oportunidade de se acompanhar como se originam e desenvolvem tais relações. O método tradicional consiste na observação de um bebê desde o seu primeiro dia de vida, em seu ambiente familiar, estendendo-se até o seu segundo ano de vida. Para tanto, o observador deve estabelecer o contato com os pais antes do nascimento do seu filho, realizar uma entrevista inicial com os mesmos e estabelecer um acordo de que as visitas aconteçam uma vez por semana, com duração de uma hora e em dia e horário estabelecido de forma regular.

Durante as observações é importante que não se faça notas para não interferir na atenção livre do observador. Após as visitas o observador redige um relato sobre a mesma e o material é levado para supervisão. É de extrema importância que cada nova observação seja realizada só após a supervisão da visita anterior (BICK, 1964). Com isto, o método Bick de observação está dividido em três fases: a observação, a anotação e a supervisão.

Na primeira etapa o observador ocupa um papel fundamental no método, pois precisa despojar-se de preconceitos teóricos e pré-julgamentos, tendo o cuidado de produzir o mínimo de interferência possível, para assim captar o inesperado, e para tanto, de acordo com Houzel (1997), criar em si um espaço psíquico livre de *a priori*. Tal posição do observador aponta que a técnica de observação mantém um estreito vínculo com o método clínico psicanalítico, com a tendência na utilização de seus princípios, tais como a atenção flutuante, a transferência e a contratransferência.

Para Perez-Sanchez (1983) é importante para o observador, colocar-se ao fundo da situação observada, para não chamar atenção para si e deixar que a cena observada ocorra com espontaneidade. Recomenda ainda, não se fazer perguntas, não tomar iniciativas, de forma a manter a imparcialidade, pois assim ele está assumindo um papel. E caso dirijam



alguma pergunta no decorrer da observação, deve-se tentar responder com naturalidade, o mais brevemente possível, a fim de que a resposta não interfira de alguma forma ou estimule a conversação em prejuízo ao processo.

Entretanto, faz-se necessário que o observador sinta-se incluído no ambiente familiar, para experimentar o impacto emocional advindo da entrada do bebê na família, sem que o mesmo sinta-se comprometido a desempenhar papéis que possam vir a atribuir-lhe, como conselheiro ou cuidador. Fato que deve ser esclarecido no momento da primeira entrevista com os pais.

Para Rustin (1989), o observador ao realizar sua tarefa não define um foco para observação, todavia, pode ter interesse nas experiências e sensações corporais do bebê; na relação deste com sua mãe, principalmente ligados à amamentação ou outro tipo de alimentação, cuidados de higiene, entre outros; processo de desmame; tolerância ausência materna; interação do pai com o bebê; sentimentos e reações dos irmãos (se houver); a relação da mãe com outros adultos significativos e a forma como eles podem oferecer um ambiente de sustentação e cuidado infantil.

A observação, contudo, não é apenas visual, ela envolve todos os sentidos (CHBANI; PEREZ-SANCHES, 1998), pois há um intenso processo de comunicação inconsciente entre mãe/bebê/observador, que se reflete na *reação-surpresa* do observador, uma vez que este entra em contato com tendências comuns, sentimentos de ambivalência, agressividade presentes no ser humano, mas em geral vivenciados como alheios.

O medo de invadir também é muito comum neste tipo de observação, no entanto, na sutileza do cotidiano, o observador é invadido e surpreendido pela violência das palavras, sensações e gestos ambivalentes, bem como pelos medos mais primitivos de solidão e desamparo (LOPES; VIVIAN; OLIVEIRA-MENEGOTTO; DONELLI; CARON, 2007).

Com isto parte-se para um ponto chave, a importância de reconhecer a contratransferência do observador. Bick (1964) aponta sua relevância para o aprendizado, uma vez que permite ao observante reconhecer e conter os sentimentos contratransferenciais por meio das supervisões. O observador entrega-se à observação, permitindo o uso positivo da contratransferência na procura por algo que possa entrar em contato nos participantes da cena observada. Contudo, o mesmo precisa observar o risco de se impermeabilizar e proteger-se dos sentimentos suscitados pela observação.

A segunda fase consiste no relato escrito das observações que devem ser redigidas, se possível logo após as visitas para que o material produzido tenha o máximo de riquezas possíveis das cenas observadas. No relato deve-se levar em consideração o olhar do

observador acerca da cena presenciada, uma vez que o mesmo deve estar atento à ressonância afetiva do clima emocional que se estabelece na família, o que é complementado por Mélega (1990, p. 22):

Outro aspecto fundamental deste método é que o observador não é neutro [...]; ele não registra apenas as condutas, mas também o clima emocional da situação observada – usando para isto a percepção. Deste modo tenta-se apreender a realidade sensorial e a realidade psíquica.

A terceira fase consiste, portanto na supervisão de preferência realizada por um psicólogo experiente. Oliveira-Menegotto, Menezes, Caron e Lopes (2006) aponta que a supervisão é um aspecto do método que merece destaque. Nesta fase a supervisão focaliza-se nos pólos que integram a observação: aquilo que é observado – a díade mãe/bebê – e o observador. Estes pólos são indissociáveis uma vez que dependendo do instrumento de observação-observador o que será observado sofrerá alterações (SOUSA, 1995).

A supervisão funciona como um continente para o observador, através dela o mesmo tem oportunidade de ser observado, acompanhando seu desenvolvimento junto à família. Desta maneira é possível criar uma nova rede de significados para suas vivências (PERGHER; CARDOSO, 2008).

A função continente do supervisor é semelhante à função do pai que sustenta a mãe no cuidado do bebê. O supervisor assume uma posição de terceiro, que permite conter o impacto emocional da situação de observação (SANDRI, 1997).

Segundo Rustin (1989), o método não só treina a observação, mas contribui na reflexão a cerca das interações entre o bebê, a mãe e os demais cuidadores. Ou seja, permite ao observador esteja atento não só ao desenvolvimento do bebê, mas também na sua relação com sua rede de cuidado. A regularidade das observações, as quais são realizadas no mesmo lugar e na mesma hora da semana, demarca um *setting* constante. Este último estabelece o estreito vínculo com a Psicanálise, pois permite atenção aos mínimos detalhes, observação do contexto, tipo de contrato de trabalho, supervisão continuada e compreensão dos conflitos, sentimentos e dinâmica estabelecida no ambiente observado. Além disso, a duração de dois anos, proposta pelo método, permite que a observação percorra por um período muito importante, uma vez que, segundo Oliveira-Menegotto, Menezes, Caron e Lopes (2006) os mesmos se configuram como fundante na vida emocional do ser humano.

### *3.1.2 Adaptações do método Bick*

Além da sua notória relevância quando aplicado ao ambiente familiar os trabalhos que utilizam o método Bick, apontam para a importância desta metodologia em suas várias possibilidades de desdobramento, aplicação e pesquisa em diferentes contextos (LOPES; VIVIAN; OLIVEIRA-MENEGOTO; DONELLI; CARON, 2007). Destaca-se sua inserção no âmbito institucional, no qual a observação é aplicada em outro tipo de enquadre, com características distintas daquelas pertencentes ao modelo tradicional.

No tocante a presente investigação pode-se destacar a inovação, ao realizar as observações nos dois ambientes, tanto no familiar quanto no institucional, concomitantemente. Assim, ao invés de apenas uma observação semanal, como preconiza tradicionalmente o método, optou-se por serem realizadas duas visitas, uma na casa do bebê e outra na creche.

Outra adaptação importante neste trabalho refere-se à idade do bebê observado, uma vez que a criança participante ingressou na creche em uma fase de maior maturidade. Sendo que o método original recomenda que a observação inicie logo após o nascimento. Outra alteração relaciona-se e ao tempo de observação reduzido. As observações tiveram duração de quatro meses, enquanto que o método original preconiza a duração de dois anos. Tal adaptação se faz necessária por tratar-se de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, com período de atividades e término pré-estabelecidos e não compatíveis com a proposta de Bick (1964).

Estas adaptações ao método estão de acordo com o que já vem sendo estudado na linha de pesquisa Tratamento e Prevenção Psicológica do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal da Pará, ao qual também se encontra ligado o LADS – Laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Saúde, dando continuidade a trabalhos que adaptam o método Bick ao contexto institucional, como abrigos para crianças, com trabalhos desenvolvidos por Barros (2009) e Nascimento (2009), ambos realizados no Espaço de Acolhimento Provisório Infantil (EAPI).

No trabalho de Barros (2009) foram realizados dois estudos de casos com crianças a partir de dois anos de idade. As adaptações consistem no tocante a idade dos participantes da pesquisa – dois anos – na limitação do período de observação, no ambiente – institucional – a na formação acadêmica da observadora – terapeuta ocupacional.

A pesquisa realizada por Nascimento (2009) objetivou o entendimento do desenvolvimento emocional precoce de um bebê recém-nascido, abrigado no Espaço de Acolhimento Provisório Infantil (EAPI) durante os seis primeiros anos de vida. As adaptações

dizem respeito ao ambiente, que é institucional, onde as figuras paterna e materna originais não estão presentes, e os cuidadores são itinerantes, pois trabalham por turnos. E no tempo de observação, uma vez que os bebês não foram acompanhados desde o período pós-parto imediato, pois o bebê observado já se encontrava na condição de abrigado.

### **3.2 Participantes**

Participou desta pesquisa, um bebê do sexo feminino que, no início da observação, estava com 09 (nove) meses de idade e frequentava a creche desde os 07 (sete) meses, doravante chamada de “Clarice” para preservação de sua identidade.

Foram considerados participantes também, o núcleo familiar do bebê formado por sua mãe, Alice (32 anos) seu pai, João (35 anos), seus irmãos, Denis (14 anos) e Caio (07 anos). Uma menina, moradora da vila de Clarice também se apresenta durante as observações, trata-se de Larissa (09 anos).

No contexto da creche participaram a Diretora da creche e as cuidadoras, Norma (Técnica de enfermagem, 45 anos), Paula (pedagoga, 37 anos), Julia (pedagoga, 34 anos), Janete (estudante de pedagogia, 35 anos) e Flavia (estudante de pedagogia, 25 anos) e todos os bebês que estavam matriculados no berçário da creche (16), com idade entre 06 (seis) meses e 01 (um) ano e 08 (oito) meses. Todos os participantes acima citados também tiveram seus nomes modificados. A observadora e o supervisor também foram considerados como participantes devido às especificidades do método Bick.

### **3.3 Os caminhos percorridos...**

O contato com os participantes iniciou-se através de um levantamento em sites de busca na internet e listas telefônicas impressas, realizada pela observadora, de creches na Região Metropolitana de Belém, em que estivessem matriculados bebês com menos de 10 meses. Medida tomada para não alterar demais a idade em relação ao que preconiza originalmente o método.

Foi estabelecido contato telefônico com a creche “Lugar do Pequeno<sup>2</sup>” e sua diretora apresentou-se bastante disposta em colaborar com a pesquisa e marcada visita à creche. No momento da visita a observadora informou os pormenores da pesquisa à diretora da instituição e lhe foi entregue uma cópia do projeto de aplicação da pesquisa. Foi solicitado, na oportunidade, que a instituição emitisse um termo de consentimento para realização da pesquisa nas suas dependências e que estava ciente dos procedimentos necessários a mesma.

---

<sup>2</sup> Nome fictício criado pela pesquisadora para salvaguardar as informações dos participantes

Em uma segunda visita foi solicitado à diretora que a observadora conhecesse os espaços da creche, incluído o berçário, local específico da observação. Os detalhes desta visita serão explicitados no subtítulo 3.3.2 deste capítulo. Nestes contatos, foi possível obter informações acerca da estrutura física do local, bem como uma aproximação do funcionamento da instituição. Esta fase da pesquisa é denominada por Turato (2003, p. 324) como ambientação e se mostra importante para que o pesquisador faça a “[...] suposição da provável dinâmica do *setting* onde se desenvolverá a coleta de dados”. Nesta fase também ocorreu a adaptação às condições do ambiente onde foi realizado o estudo, o que possibilita os ajustes pessoais com relação aos arranjos cronológicos (horários das observações, funcionamento do local, presença ou ausência do bebê observado), bem como a distribuição das atividades desenvolvidas, ligadas a rotina de todos os indivíduos presentes no espaço da creche.

Após a primeira visita à creche, principiou-se uma série de contatos com pais de bebês com potencial participação na pesquisa e, ao terceiro contato, Alice concordou em participar e permitiu as observações em sua residência. Na oportunidade, foram marcadas as entrevistas iniciais com os pais de Clarice e com os funcionários da creche.

No dia 04 de outubro de 2010, foi realizada, nas dependências da creche, entrevista com a diretora do estabelecimento e com as cuidadoras que trabalham no berçário e que foram responsáveis pelo cuidado de Clarice. Não houve a necessidade de assinatura do TCLE – Termo de Consentimento livre e Esclarecido – pelos profissionais uma vez que a adesão à pesquisa foi considerada subentendida pela emissão, por parte da instituição, do documento que permitiu a realização do estudo no local. A entrevista durou uma hora e os primeiros 20 minutos foram dedicados às perguntas direcionadas a diretora acerca do funcionamento, da rotina e estrutura da creche como um todo. Os 40 minutos restantes foram realizadas entrevistas com as 04 (quatro) cuidadoras do berçário.

Primeiramente a pesquisadora explicou os objetivos e pormenores do estudo, bem como a importância da observadora em manter-se a mais “neutra” possível em relação às cenas presenciadas e solicitou a todas que se apresentassem. A seguir foram dirigidas perguntas específicas a este espaço como a rotina do lugar, especificidades do cuidado com os bebês, quantas crianças frequentavam o espaço, etc. Ao final a pesquisadora encerrou a atividade e agendou a primeira observação para uma quarta-feira, dia 20 de outubro de 2010.

A entrevista com os pais de Clarice foi realizada no dia 09 de outubro de 2010, com duração de uma hora. Na ocasião foram explicados os objetivos e características da pesquisa, foi amplamente clarificado que a pesquisadora não poderia interferir nas interações, onde sua

presença deveria ser a mais “neutra” possível. Após perguntar se havia dúvidas em torno do processo, foi lido e assinado o TCLE pelos participantes (ANEXO I). O termo descrevia de forma breve, os objetivos e procedimentos da pesquisa, os direitos dos participantes e os contatos da pesquisadora em caso de necessidade. O documento foi assinado em duas vias pelos pais do bebê, sendo que uma ficou em poder dos genitores e a outra com a pesquisadora. Iniciou-se a entrevista propriamente dita com a coleta dos dados referentes ao nascimento, aspectos do desenvolvimento do bebê até o dado momento e características referentes ao cuidado dispensado à criança. No decorrer da entrevista o pai de Clarice ausentou-se e por este motivo não participou até o final. No encerramento da entrevista foi marcada a data para realização da primeira observação, em um sábado, dia 16 de outubro de 2010.

Após as entrevistas, foram iniciadas as observações, 23 no total, durante 04 (quatro) meses e meio. Algumas delas tiveram intervalos maiores entre as realizações devido a alguns feriados em que a creche não funcionou, ao adoecimento do bebê participante e às festas de final de ano. Todavia, no geral, as observações foram realizadas duas vezes por semana, sendo uma na residência de Clarice e outra na creche. Aos sábados pela manhã realizou-se a observação na residência da família do bebê, por se tratar do único dia (exceto domingo) em que a mãe estava em casa, na companhia dos filhos durante o dia e as observações da creche foram realizadas às quartas-feiras à tarde. Todas com duração de uma hora.

Este método desaconselha que sejam realizadas anotações durante a observação para que não haja interferência na atenção flutuante (BICK, 1964). Desta feita, foram realizadas transcrições o mais imediatamente possível, após as visitas, sempre com a prerrogativa, por parte da observadora, de não incluir interpretações teóricas em seus relatos. Como aponta Rustin (1989) o observador deve apresentar linguagem o mais literal possível para que a experiência possa ser apresentada em supervisão, através de seu significado emocional.

Os relatos foram supervisionados, sempre dois dias após a cada observação, nas segundas e quintas-feiras, duas vezes por semana. Houve momentos em que as supervisões foram realizadas em grupo e outras que estavam presentes apenas o observador e o supervisor. Este último, apresenta o importante papel de conter as angústias do observador diante da tarefa de investigar o objeto de estudo, neste caso a relação cuidadores/bebê.

O supervisor trabalha no sentido de seguir o fluxo associativo do pesquisador, tende a criar um clima de investigação e colaboração com a tarefa e ainda ajuda a discriminar as diferentes funções: a do observador que apresenta o material e conta sua experiência diante da visita de observação, o seu próprio durante as supervisões e dos cuidadores, bebê e outros participantes e suas vivências possivelmente ocorridas em cada cena presenciada pelo

observador (MÉLEGA, 1995).

Este suporte oferecido pelo supervisor foi de extrema importância para a pesquisadora, uma vez que a mesma iniciou as transcrições de um modo descritivo e formal e o orientador a instigou a explorar seus sentimentos ante as cenas presenciadas, sempre na busca de explorar a contratransferência, em todas as supervisões. Tal exploração também foi bem sucedida devido ao fato de a observadora estar em processo de terapia pessoal.

Ao final de todas as observações a pesquisadora marcou encontro final com os pais do bebê e com a diretora da creche em momentos distintos, para entregar-lhes uma cópia do trabalho e realizar entrevista de retorno com os mesmos.

### *3.3.1 ...Entre o lar...*

No decorrer das observações a família de Clarice mudou uma vez de endereço, sendo que alterou três vezes de casa (sendo que duas das mudanças ocorreram em casas de uma mesma vila). Portanto serão descritos os quatro ambientes em que a observação ocorreu.

A primeira residência visitada pela observadora situava-se em um bairro periférico e bastante populoso de Belém. Estava localizada próxima a uma grande obra que ocorria na cidade e por este motivo, a rua, apesar de bastante estreita, dava a impressão de ser bastante agitada e barulhenta. Tratava-se de um imóvel alugado, construído em alvenaria, nos altos de outra residência. O acesso ocorria através de uma escada íngreme, de cimento, sem acabamento, próxima a calçada. Através dela chegava-se a um pequeno pátio sem parapeito e a porta de entrada.

A casa era bem grande com uma sala ampla com apenas um sofá de dois lugares, bastante usado e uma estante de madeira como mobília. Um aparelho de TV encontrava-se sobre o móvel e uma rede de dormir estava atada bem no centro da sala. Havia três quartos na residência, mas apenas um era realmente ocupado, com duas camas e uma rede, o quarto era climatizado por um condicionador de ar. Nos outros quartos podia se encontrar redes atadas e dois guarda-roupas. A cozinha era o menor espaço, com um banheiro adjacente. No geral a residência passava um aspecto de limpeza apesar de pouco mobiliada. Neste espaço foi realizada apenas a entrevista inicial, sendo que a primeira mudança de casa foi anunciada neste mesmo dia.

A primeira observação foi realizada na nova residência alugada por Alice. Uma casa, localizada em outro bairro, menos periférico, mas igualmente populoso em relação ao que morava anteriormente. Encontrava-se mais próximo da creche em que Clarice estava matriculada, podendo-se chegar à instituição em 10 minutos de caminhada. A casa

encontrava-se nos fundos de uma residência e pertencia a uma vila. Seu ingresso era realizado por um pequeno corredor a céu aberto que dava acesso a uma vila com diversas pequenas casas sendo que a que era ocupada pela família de Clarice encontrava-se no final e nos altos. Seu acesso era realizado por uma escada em cimento sem acabamento e estava dividida em três cômodos: um que servia de sala/cozinha, um quarto e um banheiro. Apesar de modesta a casa era limpa e razoavelmente organizada.

No dia em que foi realizada a terceira observação, ao chegar à vila onde Clarice residia, a observadora dirigiu-se imediatamente para a escada que dava acesso a casa e foi informada por uma vizinha que Alice havia se mudado para a casa de baixo. A casa era quase uma réplica da de cima, sendo que parecia mais escura e quente, pois apesar de haver uma janela no quarto, como a de cima, havia um muro bem diante da mesma. Fato que Alice apontou como dificultador para instalação do aparelho de ar condicionado.

Na nona observação a família havia se mudado para a primeira casa da vila, que era maior e mais arejada. Possuía quatro cômodos: uma sala, uma cozinha, um quarto e um banheiro e apresentava-se em melhores condições que as anteriores.

A família é composta por 05 (cinco) membros, Alice, João e seus três filhos, Denis, Caio e Clarice. O companheiro de Alice tem uma filha de uma relação extraconjugal que nunca frequentou a casa e não participou das observações. O pai de Clarice, não mora na casa e apenas visitava a família de 15 em 15 dias. João tinha ensino superior completo e trabalhava como professor em uma escola em um município do interior do estado e residia com a mãe.

Alice tem ensino fundamental completo e trabalha em uma companhia de fornecimento de energia como atendente. As despesas da casa eram em sua maioria subsidiadas por Alice, inclusive o aluguel da casa, mas o pai também participava em menor grau. E era também a mãe a grande responsável pelo cuidado com os filhos.

Seu filho mais velho Denis, morava com a avó em um município do interior do Estado, local em que também estudava e vinha para a Capital aos finais de semana para participar de um curso de inglês aos sábados. O rapaz tomava parte nos cuidados prestados aos irmãos menores quando estava na casa da mãe, principalmente estar com Clarice. Nas últimas observações realizadas, no início do ano de 2011, o rapaz havia se mudado definitivamente para a casa da mãe.

Nos momentos em que nem o pai nem o irmão mais velho estavam presentes, os cuidados de Clarice eram transferidos a Caio, seu irmão mais novo, enquanto Alice estava ocupada com as tarefas da casa.



Enquanto a participação da mãe nos cuidados da criança é geralmente obrigatória, a do pai é mais uma questão de escolha e depende das definições culturais dos papéis dos homens e das mulheres. O homem trabalha fora, tendendo a se envolver menos que a mulher nos cuidados diários do infante e a ser influenciado por suas ideias em relação à criação dos filhos, envolvendo-se, geralmente, no reforço da disciplina e no brincar com a criança. Por outro lado, um marido que dá apoio vai ser sensível ao estado emocional da esposa, aumentando a sua participação nos cuidados da criança durante situações de estresse (RAPOPORT; PUCCININI, 2006).

Durante a entrevista e o decorrer das observações observou-se que nos poucos momentos presentes, João cuidava de Clarice enquanto mãe detinha-se nos afazeres do lar. Entretanto, cuidados como higiene e alimentação ainda eram responsabilidade de Alice, mesmo com a presença do pai.

Outras figuras também se apresentam importantes no cuidado com o lactante. No caso da família de Clarice, duas figuras que não participaram das observações, mas apresentaram-se muito presentes no cuidado do bebê era sua avó e uma tia. Durante os últimos meses de gravidez a irmã de Alice morou em sua casa e, segundo seu relato, foi uma figura fundamental neste processo. Mediante o nascimento de Clarice, Alice passou todo o período da licença maternidade na casa de sua mãe, onde tia e avó participaram ativamente dos cuidados com o bebê.

Após o nascimento da criança é comum uma reaproximação com os avós, que auxiliam nos cuidados com a mesma. Dessen e Braz (2000) salientam que os avós não somente ajudam a cuidar de seus netos, mas que representam uma das principais formas dos cuidados utilizados pelas famílias em que pais e mães trabalham fora. Segundo Peters (1999), os avós são um meio de ampliar a família, em virtude de sua ligação com as crianças, e também pelo benefício mútuo do seu envolvimento. A figura do avô de Clarice também foi apontada como importante, mediante a substituição da pouca participação do pai.

### 3.3.2 ...E a creche.

A escola-creche frequentada por Clarice trata-se de uma instituição que, neste trabalho, foi denominada “Lugar do Pequenino”. A mesma está localizada em um bairro próximo a periferia de Belém e atende crianças de toda a cidade e está em funcionamento desde 2006. Seu horário de funcionamento é das 07 (sete) da manhã às 19 horas. Além do espaço da creche, com crianças que passam o dia todo em suas dependências, funciona também no local, uma escola, com aquelas que frequentam somente no horário das aulas.

O espaço físico da creche se apresenta da seguinte maneira: na parte da entrada, encontra-se, à esquerda uma quadra poliesportiva, onde as crianças recebem treinos de futebol, futsal, basquete, entre outros esportes e a direita um *playground* que possuem alguns brinquedos como gangorra, balanço, escorregadores e casinhas. A parte construída tem a aparência de uma casa com dois pavimentos adaptada a algumas necessidades. Na parte térrea pode-se verificar: sala da direção, secretaria, copa, sala de informática, sala recreativa, banheiros e algumas salas de aula. Na parte superior estão salas de aula, sala de vídeo, brinquedoteca, sala de balé e banheiros. Nos fundos há uma piscina, cercada por uma grade, um vestiário com banheiros e adjacente a este está o berçário.

O berçário é um espaço em “L” onde há uma área com berços onde as cuidadoras também colocam redes na hora em que os bebês dormem, uma poltrona e alguns *pufs*. Anexo a este espaço há um banheiro com uma pia em que as cuidadoras banham os bebês, um balcão em que são trocados e um armário em que seus utensílios e produtos de higiene são guardados. Em outra área, separada por um cercado de madeira, há um espaço em que estão vários brinquedos em uma estante e onde fica um aparelho de TV e um de DVD para que as crianças possam assistir vídeos infantis. Nesta parte também há cadeiras de comer, de descansar uma mesa com vários bancos e dois balanços grandes com formato de caramujo. Todos os espaços são climatizados limpos e agradáveis.

A creche conta com uma equipe multiprofissional que trabalha para oferecer atendimento levando em consideração as necessidades de estimulação, alimentação e higiene de cada criança. No seu quadro funcional podemos apontar cuidadores formados ou em processo de formação em pedagogia, conta ainda com técnicos de enfermagem, nutricionista, professores, técnicos administrativos e equipe de limpeza.

No que diz respeito à rotina do berçário pode-se notar a creche, em geral, mantinham horários fixos para as atividades com os bebês. Estes chegavam em torno de 7h30min e tomavam banho de sol na parte externa do berçário por cerca de 1 hora. Em seguida faziam uma pequena refeição, quase sempre uma fruta. Durante a manhã as cuidadoras brincavam com os bebês ou assistiam a algum vídeo e as 12h00min serviam o almoço. Passou-se a impressão que a creche tinha cuidado no tocante ao que ia ser servido aos bebês, pois não havia doces, balas ou comidas industrializadas em nenhuma das refeições. Este é um ponto importante a ser verificado, assinalando-se a preocupação em oferecer aos bebês uma alimentação saudável, bem com, faz-se necessário pensar que muito do que será servido pode ser novidade e, com tudo o que é novo, pode causar estranheza.

É necessário também estar atento ao ritmo da criança para comer. Não passar todo o tempo pressionando para que se coma depressa, bem como engolir ou empurrar a comida são procedimentos dispensáveis. No momento da alimentação há várias crianças e, segundo Moraes (1997), existe o fator “stress” no momento de lidar com muitos bebês. No entanto, este trabalho requer um cuidador com algumas características: a paciência, a capacidade de se importar com o outro, entre outras (GHELER; RABINOVICH, 1989).

Às 13h00min os bebês eram ninados e dormiam por cerca de 1 hora. Neste momento as cuidadoras sempre aproveitavam pra realizar algumas tarefas como anotar as atividades das crianças em diário que era entregue ao final do dia para os pais. No tocante ao sono do bebê, é importante que o cuidador tenha atenção ao ritmo de sono de cada um. Quando alguns deles começam a frequentar a creche, ou não possuem este hábito ou, simplesmente, não conseguem dormir por estar em ambiente novo e estranho. Atividades que acalmam como ouvir estórias ou determinado tipo de música apresentavam-se como bons recursos quando estes fatos ocorriam.

Ao acordar, os bebês eram banhados, tinham os dentes escovados e eram vestidos com roupas e fraldas limpas. A higiene na creche deve seguir determinados padrões e estes repassados para as crianças através de hábitos como: lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho. Incorporar hábitos saudáveis e de higiene para criança é um dos papéis da creche, mas atitudes higienistas extremas, como fazer a criança voltar para casa porque está com as unhas sem cortar, ou porque o perfume destoa com o ambiente não será, de forma alguma, um método correccional adequado.

Após a higiene os bebês recebiam outra refeição leve e eram levados para a sala de TV para assistir a vídeos ou brincar com as cuidadoras. Ao final do dia – alguns por volta das 16h00min outros que permaneciam até as 19h00min – os pais chegavam para leva-las para casa.

O brincar é um ponto que merece atenção. É considerada a atividade mais significativa da infância, pois através dela a criança é capaz de se colocar, colocar o seu mundo e transformá-lo (MORAES, 1997). Aspectos sensoriais, motores, afetivos, sociais e linguísticos são enriquecidos com a atividade de brincar (PENTEADO; PEREIRA, 1998). O “não brincar” deve levantar tantas interrogações como o não se alimentar. Uma criança que passa seu tempo de forma apática, sem imaginar, sem criar, sem falar sozinha, sem participar das brincadeiras do grupo, dependendo do seu estágio de desenvolvimento, precisa ser observada com mais apuro pelo seu cuidador.

Outro aspecto importante refere-se ao levar objetos pessoais. Na creche em questão, no geral podia-se levar algum brinquedo de casa, porém, raramente isto acontecia, por iniciativa dos pais. Mas em muitas instituições, com o objetivo de preservar a higiene muitas vezes estes objetos são vetados. Contudo, é importante destacar o significado que o objeto tem para a criança.

De acordo com Winnicott (1956/2000), estes são objetos transacionais e trazem a lembrança do acolhimento materno e sensações como: calor, maciez, além do que têm caráter confortador e são, inclusive, essenciais para o processo de individualização Segundo Moraes, (1997). O fator higiene é importantíssimo, mas a preservação do afetivo e a saúde mental também os são. Neste caso o cuidador na creche necessita estar atento e ser capaz de mediar a situação.

Outro aspecto incorporado à rotina de cuidados dispensados aos bebês nesta creche diz respeito aos cuidados com a saúde. Por se tratar de um ambiente coletivo faz necessária a verificação do estado de saúde da criança, caso ela apresente algum processo infectocontagiosos provavelmente será impedida de ficar na instituição. Quando a criança começa a frequentar a creche, o organismo entra em contato com vírus e bactérias que podem causar doenças. Moraes (1997) chama este processo de experiência infecciosa, contudo, de maneira genérica, após certo período haverá uma adaptação orgânica sem danos para a saúde.

Como foi observado, a creche “Espaço do Pequeno” mantinha uma dinâmica de funcionamento com regras claras e rotina fixa, gerenciadora do espaço-tempo da instituição e mediadora da vivência entre os bebês e seus cuidadores. Todavia, foi observada, no discurso das cuidadoras, uma preocupação em manter as dinâmicas do lar e da creche o mais próximas possível sempre mantendo um diálogo aberto com as mães sobre os cuidados dispensados em casa e os dispensados na creche, através da manutenção de um diário com as atividades do bebê, o qual era repassado aos pais.

### **3.4 Considerações Éticas**

De acordo com o *Council for International Organizations of Medical Sciences*<sup>3</sup> (CIOMS, 2002), toda pesquisa com seres humanos deve ser realizada de acordo com aspectos éticos básicos, sendo aplicado em diferentes formas, de acordo com o caso em que propões. Seja em Medicina, Psicologia ou qualquer outra área de estudo, não se pode perder de vista o respeito ao ser humano e a sua autonomia. Com isto, a primeira providência tomada pela

---

<sup>3</sup> Conselho de Organizações Internacionais de Ciências Médicas

pesquisadora esteve em consonância com o que preconiza a Resolução do Conselho Federal de Psicologia Nº 016 de 20 de Dezembro de 2002 (CFP, 2000), que dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia realizadas com seres humanos, em seu artigo nº 01 que “toda pesquisa em Psicologia com seres humanos deverá estar instruída de um protocolo, a ser submetido à apreciação de Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde”. Neste sentido, o projeto que balizou este trabalho foi submetido à avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará – CEP-ICS/UFGA, sob o protocolo nº 134/10 o qual obteve aprovação através da carta em anexo a este trabalho (ANEXO II).

A coleta de dados só teve seu início após a aprovação no comitê acima citado. No momento da primeira entrevista foi apresentado o Termo de Consentimento livre e Esclarecido – TCLE, aos participantes, tendo a pesquisadora, explanado em linguagem clara e acessível os objetivos e procedimentos do trabalho, a liberdade dos participantes em se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo e com a garantia de sigilo, que assegure sua privacidade quanto aos dados confidenciais coletados durante a pesquisa.

Segundo as orientações do *Council for International Organizations of Medical Sciences* (CIOMS, 2002, p 66), em pesquisas que envolvam crianças “os pais ou representantes legais devem conceder permissão para que a criança participe do estudo”. Assim, por se tratar um bebê, os pais aceitaram fazer parte da pesquisa voluntariamente e permitiram que seu filho também participasse e assinaram o termo de compromisso por eles e pela criança.

No caso dos profissionais e outros bebês matriculados no berçário da creche e que não eram alvo direto da observação, não houve necessidade de assinatura do termo, uma vez que a instituição forneceu documento permitindo a realização da coleta de dados em suas dependências e o mesmo ter sido anexado às informações enviadas ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Cabe ressaltar que os cuidadores da creche também foram esclarecidos acerca dos objetivos e procedimentos do trabalho e tiveram todas as suas dúvidas respondidas sempre que a observadora era interpelada, o que ocorreu inclusive durante as observações. Assim, com estas atitudes da observadora, os princípios éticos, que segundo Baker, Pistrang e Elliot (1994) dizem respeito aos direitos, ao bem estar e a dignidade dos participantes, foram contemplados.

Além das diretrizes fundamentais acima expostas, podem-se destacar, em especial, os

aspectos relacionados à confidencialidade, a privacidade e ao sigilo das informações coletadas, que está em estrita relação com a própria formação e prática do profissional de psicologia. A confidencialidade tem origem na palavra *confiança* sendo esta a base para o estabelecimento de um bom vínculo, entre participante e pesquisador. A privacidade se refere a limitação do acesso às informações de uma pessoa no que se refere a sua intimidade (FRANCISCONI; GOLDIN, 1998). Com isso, todas as medidas que asseguram a não identificação dos participantes foram tomadas pela pesquisadora como: a não divulgação de endereços, traços físicos muito característicos que possibilitem o reconhecimento bem como a substituição de nomes tanto das pessoas quanto das instituições participantes, na redação do presente trabalho.

Outro aspecto ético importante a ser citado diz respeito à experiência da observadora e seu supervisor, uma vez que ambos possuem vivências prévias de observação e supervisão concernentes ao método Bick. No caso da pesquisadora, a mesma realizou observação de um bebê durante um ano, sendo supervisionada pelo orientador da dissertação. Este aspecto ajudou a evitar prejuízos aos participantes uma vez que a observadora esteve apta a refletir sobre seus sentimentos e atitudes, tolerando de forma tranquila os aspectos ligados ao desenvolvimento do trabalho. Pode ainda conter atitudes precipitadas ou hostis em relação aos participantes, que pudessem gerar situações ansiogênicas.

### **3.5 A Análise dos Dados**

Para análise dos dados coletados durante as observações deste trabalho optou-se por apresentar seus resultados e realizar a discussão concomitantemente, dentro dos seus capítulos. As observações transcritas e o relato das entrevistas reuniram um total de 127 páginas que foram analisadas a partir das mesmas e das anotações realizadas durante as supervisões.

Aponta-se que as discussões foram realizadas a partir dos resultados apresentados em excertos dos relatos das observações, identificados entre parênteses pelo número da observação, o local onde esta foi realizada e a idade do bebê neste período (*exe.*: 1ª observação, casa, 09 meses). Esta última informação do parêntese se faz apropriada, principalmente no momento da análise das sequências de aquisições físicas e emocionais do bebê.

Atentou-se para as repetições apresentadas nos relatos, configurando-se em temas recorrentes que direcionam a análise do conjunto do que foi observado (BICK, 1964). Porém, as características peculiares ao bebê observado, e sua interação nos dois ambientes também

são pontos relevantes para apreciação neste trabalho, levando em consideração seus aspectos subjetivos, sendo esta captação, possível através do delineamento qualitativo desta pesquisa. (MINAYO, 2001).

Com base no material, nas proposições metodológicas supracitadas e no referencial teórico da psicanálise norteando as interpretações apresentadas neste trabalho foram definidas quatro categorias de análise: o desenvolvimento emocional, como os cuidados se apresentavam nos dois ambientes, as características próprias do bebê observado e a interação da observadora em relação aos ambientes observados. Quanto à categorização Bogdan e Biklen (1994) referem que à medida que as cenas observadas e transcritas são analisadas, certas palavras e frases vão se destacando, assim como o estabelecimento das relações e apresentação dos comportamentos e sentimentos despertados no processo. Os autores referem-se a esta fase do processo a partir de uma comparação:

Tal como o mineiro apanha uma pedra e, perscrutando-a na busca do ouro, também o investigador procura identificar a informação importante por entre o material encontrado durante o processo de investigação. Num certo sentido, os acontecimentos vulgares tornam-se dados quando vistos de um ponto de vista peculiar – o do investigador. (BOGDAN; BIKLEN, 1994; p. 194).

As categorizações foram agrupadas em quatro sessões no capítulo que segue: *Clarice e seu desenvolvimento emocional*; *Os cuidados de Clarice: o lar e a creche*; *Clarice Clarificada* e *Clarice e a Observadora* as quais se desenvolvem a seguir.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Clarice e seu Desenvolvimento Emocional

Doravante serão apresentados os resultados e discussões acerca do desenvolvimento emocional de Clarice, com aporte teórico psicanalítico.

Clarice, na primeira impressão da observadora, apresentou-se como um bebê sereno, no entanto, atento ao seu redor. O primeiro contato entre ambas aconteceu quando a pesquisadora realizou visita para ambientação no berçário da creche. Era uma criança de pele muito clara, porém, com bochechas rosadas, grandes olhos castanhos e cabelos escuros. Não era um neném magro, contudo, não apresentava muitas dobrinhas pelo corpo e apresentava tamanho compatível com sua idade.

As observações com Clarice, devido aos objetivos deste estudo, começaram quando a mesma tinha 09 (nove) meses de idade, sendo assim, algumas questões do desenvolvimento emocional do bebê só foram acessados através do relato de sua mãe durante a entrevista inicial e alguns comentários durante as observações.

O momento do parto é apresentado por Alice como uma experiência vivenciada com muito sofrimento:

“Pra te falar a verdade [o parto] foi muito difícil, [...] passei mal na mesa de cirurgia. Começou a me dar uma falta de ar, e eu me senti muito mal na hora. Eu achava que eu ia morrer ou que a minha filha ia morrer. Eu só pensava que eu ia morrer e não ia ver minha filha. Foi uma situação muito difícil mesmo” (1ª entrevista com os pais de Clarice).

Alguns autores se questionaram quanto a influencia do nascimento no desenvolvimento emocional do indivíduo. Rank (1923/1961) e Freud (1926/1996), em obras distintas, sugeriram que o momento do nascimento poderia ser o desencadeador de ansiedades na vivencia dos indivíduos. Todavia, Freud (1926/1996) ao avançar em seus postulados, afirmou que a ansiedade seria um estado reativo a perda do objeto.

Para Freud (1926/1996) a introjeção de objetos se inicia após o nascimento, colocando em cheque a teoria do “trauma do nascimento” preconizada por Rank (1923/1961), uma vez que, segundo os pressupostos psicanalíticos, o recém-nascido não teria condições de reconhecer a mãe como objeto e vivenciar o nascimento como momento de separação.

Para Winnicott (1945/1988) o desenvolvimento emocional do bebê e sua relação com o momento do nascimento é um fenômeno variável. Na compreensão deste autor pode-se pensar em três possibilidades relativas ao nascimento: a primeira denominada de *experiência normal* o nascimento é experimentado como de forma não traumática, devido ao seu caráter não significativo; na segunda considerada como uma *experiência traumática comum* existe a



necessidade de reagir a um estímulo, contudo, mistura-se a outros, confundindo-se com estes e tornando-se comum; a terceira chamada de *experiência traumática extrema* pode ser considerada como o verdadeiro trauma do nascimento. Após o nascimento Clarice é descrita por sua mãe como um bebê tranquilo, que dormia bastante e chorava e adoecia pouco. No decorrer das observações Clarice não foi captada pela observadora como um bebê ansioso e mesmo o parto, sendo descrito por Alice, como um momento apresentando complicações, este não pareceu se configurar como problema linear para o desenvolvimento emocional do bebê até o encerramento das observações.

Após o parto e durante toda a licença maternidade Alice, residiu em uma cidade do interior, na casa de sua mãe. Com a finalização deste período necessitou retornar a Belém a ao seu posto de trabalho. Por este motivo Clarice foi matriculada em uma creche juntamente com seu irmão, quando a mesma tinha 07 (sete) meses. A mãe relata, na entrevista, as diferenças que sentiu no bebê mediante seu ingresso na creche:

“[...] depois que começou a frequentar a creche, todo mês ela fica gripada. [...] Ela fica mais tempo no chão agora, brincando sozinha, antes ela só queria colo. Agora ela já se afasta mais. Antes ela engatinhava, muito pouco, logo grudava na minha perna. Agora ela quer ir pra baixo da cama às vezes ela até bate a cabeça, se eu não ficar de olho. Ela também vai mais com as pessoas, tem uma vizinha que ela não ia de jeito nenhum, agora ela vai”. (*1ª entrevista com os pais*).

O período de ingresso da criança em uma instituição educacional é muito importante, visto que as experiências emocionais iniciais são bastante significativas, os pais experimentam sentimentos contraditórios, ansiedade e insegurança, enquanto as crianças apresentam mudança de atitude, podem até regredir em algum comportamento já adquirido. Segundo Rapoport (2001), alguns estudos sugerem que algumas crianças, principalmente os bebês, necessitam de cuidados alternativos ou as primeiras interações se apresentam como muito ansiogênicas. Segundo o relato de Alice, com Clarice não foi diferente.

Como as observações deram início quando Clarice tinha 09 (nove) meses de idade (havia dois meses que frequentava a creche) ela já havia adquirido algumas habilidades motoras com sentar e engatinhar pela casa:

Estou encostada na porta e Clarice engatinha em minha direção, porém, Caio a detém segurando em suas pernas. Ele a solta e ela engatinha mais um pouco em direção à porta. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Para Winnicott (1960/1983), todos os estágios do desenvolvimento emocional podem ser mais ou menos datados, sendo que estas fases têm uma data para cada criança. Porém estas não apenas variam como, ainda que fossem reconhecidas com antecipação, não poderia

ser utilizada para prever seu desenvolvimento real, em consequência de outro fator: o cuidado materno.

As tarefas ligadas aos primeiros estágios do desenvolvimento emocional da criança só podem ser levadas a cabo em um ambiente suficientemente bom. Esse ambiente, principalmente nesses períodos iniciais, deve adaptar-se ativamente às necessidades do bebê, colocando-se de modo empático ao atendimento de suas demandas. Logo, um ambiente suficientemente bom, proporcionado pelos cuidados fornecidos, sobretudo pela mãe, capacita o bebê a ter novas experiências, a constituir um ego pessoal individualizado, a dominar seus impulsos e a defrontar-se com as dificuldades inerentes à vida (WINNICOTT, 1960/1983).

A mãe exerce um importante papel nos momentos iniciais da vida do bebê e para Winnicott (1960/1983) o seu desenvolvimento emocional passa por três fases: o da *dependência absoluta* em que o lactante encontra-se em estado de fusão com a genitora e completamente dependente de seus cuidados, enquanto que esta se encontra “devotada” ao cuidado de seu bebê, muito identificada com este ao passo de entender bem como ele está se sentindo; na *dependência relativa* o bebê já começa a esboçar menos necessidade dos cuidados intensivos da mãe e a estabelecer com esta uma relação objetal e ao final desta encontra-se *rumo a independência* na qual a criança evolui de forma progressiva, enfrenta as dificuldades que o mundo lhe apresenta e passa pelos processos de identificação e socialização.

Clarice fica no chão e continua brincando com o controle do carro [...] bate e arrasta o controle no chão e depois o coloca novamente na boca [...] engatinha até o sofá e sua mãe a coloca em pé apoiada no móvel [...] fica um bom tempo apoiada no sofá, ora com as duas mãos, ora apenas com um. Clarice ensaia alguns passos de um lado para o outro do sofá, se desequilibra e cai de bumbum no chão. (3ª observação, creche, 09 meses).

No início das observações, Clarice mostrava-se encontrar na segunda fase supracitada (*dependência relativa*), uma vez que engatinhava pela casa e mostrava suportar momentos em que se dedicava exclusivamente a brincadeiras exploração de suas próprias capacidades e momentos em que buscava a presença da mãe. A presença de autonomia nesta idade, segundo Brazelton e Cramer (1992), é sinal de um relacionamento saudável e sua ausência, com uma aparente simbiose ou fusão, pode indicar uma deficiência de apego.

Nesta fase Clarice demonstrava claramente estar tomando consciência desta independência, pois explorava a casa e até ensaiava seus primeiros passos, mesmo que sob a supervisão do irmão mais velho, contudo, há momentos em que a presença da mãe é solicitada:

Clarice se distrai com um brinquedo qualquer o levando imediatamente a boca [...] presta atenção às imagens da TV, me vê e solta gritinhos, depois faz um barulho com a boca ao mesmo tempo em que faz bolinhas de saliva. Ela fica calma por um tempo, mas depois começa a escorregar pelas pernas do irmão e ele a recoloca no colo e Clarice se irrita, chora e o irmão se levanta e fica com ela no colo enquanto Clarice visivelmente procura pela mãe. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Quando a mãe está longe por um tempo superior ao da capacidade do lactante em acreditar em sua sobrevivência sem a presença desta, surge a ansiedade. Antes disto, se a mãe está ausente, o bebê falha em se beneficiar desta habilidade de evitar irritações (WINNICOT, 1960/1983). Pode-se notar neste trecho da primeira observação realizada que Clarice já começa a perceber, mesmo estando sob os cuidados do irmão naquele momento, a necessidade que sente de sua mãe. Esta necessidade também se revela observações subsequentes:

Alice me diz que ela está no quarto, dormindo e quando vou me aproximando Clarice chora, sinalizando que ela acordou. “Ela acordou. Bem na hora...”. Caio passa por mim muito depressa e chega à cama, entro no quarto e Alice entra atrás de mim. Sento na beira da cama de casal e Clarice está sentada na cama de solteiro e Caio já está junto dela. Ela me vê e faz “hum hum hum”, apontado para mim, sua mãe ri e Clarice a vê e chora para ir para o seu colo, mas Alice não a pega e pede para Caio vigiá-la enquanto ela arruma algumas coisas. (*7ª observação, casa, 10 meses*).

Faz-se importante ressaltar que as primeiras observações na residência de Clarice foram correspondentes as observações realizadas na creche, levando-se em consideração a perspectiva do desenvolvimento emocional do bebê, uma vez que a na sua relação com as cuidadoras da instituição, Clarice mostrava momentos em que suportava bem estar sem a presença ou o cuidado das mesmas:

A cuidadora fica mais um pouco com Clarice no colo e depois a leva para a sala de TV. Clarice fica sentada e observa todos que passam por ela. (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Clarice fica sentada, ora brinca com os pés e bate palmas, a parte de todo o burburinho e vai e vem. Apenas olha para cima, de vez em quando, ao passarem por ela, mas retorna para sua brincadeira. (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Mesclado por momentos em que solicitava atenção das cuidadoras:

Entro (no berçário) e vejo logo Clarice sentada no chão [...] Clarice está choramingando, engatinha na direção da porta do banheiro e a cuidadora a recoloca no centro do tapete [...] engatinha novamente para a porta do banheiro e chora de uma forma que nunca havia escutado, dá gritos altos durante o choro. Pareceu-me um choro bastante sofrido (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Winnicott (1960/1983) postula que entre os seis meses e os dois anos de idade a necessidade pela mãe se torna fantástica e que algumas mães se sacrificam para diminuir os

mentos de separação e causar grande aflição no infante e que quando a criança chega aos dois anos surgem novos ganhos no desenvolvimento emocional que auxiliam a criança a lidar com a perda. No caso de Clarice passa-se a impressão de que esta habilidade necessitou se ajustar o mais cedo possível, devido ao seu ingresso na creche e sua necessidade de separação diária da figura da mãe e conseqüente ampliação de atores responsáveis pelo seu cuidado. Porém, não sem que Clarice apresentasse reações a esta adaptação:

Sua mãe fala comigo quando ainda estava no outro cômodo: “A Clarice já está doente de novo...”. “O que ela tem?”, pergunto. “Está gripada de novo... depois que entrou na creche vive assim”. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

No espaço da creche os processos infectocontagiosos existem de fato. Quando a criança começa a frequentar a creche seu organismo entra em contato com vírus e bactérias que podem causar doenças. Siqueira (1989) chama este processo de experiência infecciosa, entretanto, de maneira genérica, após certo período haverá uma adaptação orgânica sem danos para a saúde. Sem excluir-se o fato de a creche (mais especificamente o berçário) ser um lugar fechado, onde convivem diversas crianças, o que potencializa o risco de transmissão de doenças, enfoca-se o fato de o ambiente institucional configurar-se como um local desconhecido para Clarice, ao qual precisa familiarizar-se, sem nunca antes ter ficado, por um longo tempo, longe de sua família.

Com isso, no geral, o ingresso na creche e conseqüente separação diária da mãe pode-se apresentar como um evento estressante para o bebê. É razoável supor que, quando a criança está demonstrando sinais de angústia, deve estar experienciando estresse. Sinais de angústia podem incluir expressões emocionais negativas (choro, tristeza, medo), problemas no sono, na alimentação e adoecimento (GIANINO; TRONICK, 1988). Clarice poderia estar expressando esta angústia de separar-se de sua mãe através do adoecer. O adoecimento pode funcionar como uma forma de aumentar a demanda de atenção de sua genitora, nos momentos em que mãe e filha estão juntas, assim como conseqüentes faltas a creche.

A separação física da mãe apresentou-se como um processo intenso para Clarice, porém, a creche lhe proporcionou outras relações triangulares que se configuraram muito agradáveis e enriquecedoras:

Clarice alcança as pernas da cuidadora e vai se puxando nela até alcançar seu colo. A cuidadora deixa as agendas de lado, a pega e dá um beijo em sua bochecha. Outro bebê se aproxima e abraça e encosta a chupeta que está em sua boca na testa da cuidadora. Faz o mesmo com Clarice. A menina fica de frente para o bebê, abre os braços como que para abraçá-lo e encosta sua boca na chupeta do bebê, que retribui o abraço e sorri. A cuidadora diz: “Ah! Tu ficas dando trela pra esse beijoqueiro! É tudo o que ele quer! Tua mãe já sabe disso Clarice... Deixa ela ver isso..”. E ri da situação. Dou uma risada discreta, pois a situação é engraçada. (*8ª Observação, creche, 10 meses*).

Paula pega um dos bebês que está bastante ativo e o coloca no colo e senta no chão colocando também outras crianças ao seu redor. Formam o que elas chamam de “rodinha” com as outras crianças e começa a cantar com elas músicas de roda. Parece-me que elas fazem sempre esta atividade, pois elas já sabem que crianças ficam concentradas na brincadeira e quais não ficam. É primeira vez que presencio a “rodinha”. Clarice bate palmas de vez em quando, porém, às vezes fica apenas olhando para Paula com curiosidade. Algumas crianças participam com afinco da atividade e o mais participativo é Caio. Paula canta uma música de um elefante que queria voar e cai e Clarice bate com as mãos no chão, com vontade e entusiasmo. Quando a cuidadora faz um gesto coreografando a música, às vezes Clarice repete, às vezes não. Paula canta uma música que fala no nome das crianças, ao falar o nome de Clarice ela olha para a cuidadora prestando muita atenção, como se soubesse que estava falando dela. Norma senta no chão próximo a rodinha das crianças e Clarice vai em sua direção. Norma diz: “Tinha que ser a Clarice... Vamos cantar Clarice...” (11ª Observação, creche, 11 meses).

Assim, com o passar do tempo e sua clara adaptação ao ambiente da creche, Clarice apresentou mais tolerância às separações da figura materna. Segundo os pressupostos de Mahler (1993), no curso normal do desenvolvimento, separações reais entre o bebê e sua mãe contribuem para o sentimento infantil de ser uma “pessoa separada”, não só no sentido de estar fisicamente desligado de alguém. É provável que no caso de Clarice, estes momentos de separação na creche tenham contribuído para o desenvolvimento deste sentimento.

Mahler, Pine e Bergman (1986), ressaltam que o nascimento psicológico se dá a partir do sentimento de identidade, que pode ser definido como a catexia coesa da autoimagem, diferenciada e individualizada, com as origens remotas aos dois primeiros anos de vida, momento em que a criança rompe a membrana simbiótica comum.

A partir do fenômeno descrito por Mahler (1993) pode-se avaliar que Clarice encontrava-se no início do processo de separação-individuação, mais precisamente na subfase da *diferenciação* progredindo para a o período de *exploração*. Este período coincide com o que Greenacre (1957) denominou de “caso de amor do bebê com o mundo” e resulta do domínio do bebê de certas habilidades motoras e outras funções autônomas do ego. Estas funções são capazes de atrair tanta libido do bebê que este começa apresentar uma relativa independência emocional do objeto de amor, absorvendo-se nos próprios prazeres narcisistas. Ao passo que as observações vão acontecendo, este fenômeno pode ser observado tanto em casa quanto na creche:

Clarice se levanta e engatinha para o espaço da TV. Sigo-a. no meio do caminho encontra um brinquedo e se distrai com ele. Percebo que até agora, nada foi feito para Clarice. Lanche, banho, colo etc. ela vaga pelo berçário, sozinha. Brinca com o objeto encontrado, o coloca na boca, bate com ele no chão. Larga-o e segue mais uma vez na direção do espaço da TV, desta vez chega até ele e pega um brinquedo cilíndrico. Coloca-o na boca. Brinca com este objeto por um bom tempo. (6ª observação, creche, 10 meses).

Caio fica com Clarice por um tempo. Traz alguns brinquedos e Clarice pega um deles e coloca na boca. Caio pego um brinquedo que faz bolinhas de sabão e sopra algumas bolas na direção de Clarice. Ela tenta pegar as bolinhas e engatinha na direção de Caio. Verbaliza bastante tentando pegar as bolinhas, faz hahahahahaha. (7<sup>a</sup> observação, casa, 10 meses).

Estas primeiras subfases desenvolvem-se paralelamente ao crescimento maturativo das funções locomotoras parciais como engatinhar, arrastar-se, trepar, parar em pé, entre outras. Esta fase inclui também o olhar para além do seu campo de visão imediato (MAHLER, 1993). Esta aquisição se tornava bem delineada quando a observadora se fazia presente e Clarice a observava:

Pergunto por Clarice e a cuidadora me diz que está no banho. Chego a porta do vestiário e Clarice está no tanque. Por sobre os ombros da cuidadora Clarice me vê e abre um largo sorriso para mim, dando a impressão que me reconhece. Aceno para ela e a cuidadora diz que ela já me conhece e que está até sorrindo para mim, em consonância com o que havia pensado anteriormente. Clarice faz “bichinho” e depois pega um barquinho de borracha e leva-o a boca. (10<sup>a</sup> observação, creche, 11 meses).

Clarice apresenta ainda outros progressos como a aquisição de coordenação de sua mão, boca e olhos, apresentando manifestações de prazer ativo ao usar todo o seu corpo e por objetos inanimados. Parece voltar-se ativamente para o mundo externo em busca de prazer e apresenta muito mais esforços bem sucedidos em busca da autoestimulação (MAHLER, 1993).

Por volta dos onze meses Clarice apresenta também o comportamento de se afastar e buscar a mãe em casa, repetindo esta atitude na creche em relação às cuidadoras:

A cuidadora senta-se no chão, perto dos bebês e Clarice engatinha em sua direção. A cuidadora diz: “Lá vem a Clarice, tinha que ser... eu não vou te pegar”. E olhando para mim diz: “Ela adora colo”. Clarice se levanta e tenta ir para o colo da cuidadora que a pega e a coloca no chão. Ela lhe dá um brinquedo, parecido com um carro. (10<sup>a</sup> observação, creche, 11 meses).

Alice se levanta, com Clarice no colo, dizendo que precisa fazer um feijão e pede para Caio ficar com Clarice. Alice pega uma boneca bem grande, parecida com um bebê e entrega a Clarice, que ainda está em seu colo. [...] Alice pede novamente a Caio que fique com Clarice, ele reclama um pouco, mas senta na cama, próximo a menina. Clarice larga a boneca e engatinha por toda a cama, até chegar à beira e Caio a segura pelos pés, se esticando todo. Coloca a menina no centro da cama e ela recomeça a engatinhar. Vai até o encosto da cama e se levanta, caindo de bumbum no travesseiro e virando de costas. Caio a levanta e a recoloca no centro da cama. Alice vem olhar como estão as coisas e Clarice engatinha em sua direção chegando a beira da cama e se jogando em cima da mãe. Alice a pega e a coloca no centro da cama. Clarice choraminga e a mãe pede a Caio que fique perto dela. (11<sup>a</sup> Observação, creche, 11 meses).

Clarice ri e puxa o saco várias vezes. Fico pensando se ela não corre risco de se sufocar [...] Clarice começa a engatinhar e tenta sair de dentro do círculo de isopor. Vai arrastando-o até onde pode e consegue sair de um. Arrasta o outro até chegar aos pés de sua mãe. Quando chega, choraminga e Alice a pega no colo, exclamando “ai meu deus”. (13<sup>a</sup> Observação, casa, 11 meses).

A partir deste movimento de Clarice, pode-se notar que, mesmo ao explorar com vivacidade o mundo e apresentar interesse por outros objetos, principalmente os inanimados, ela parece ainda necessitar da mãe ou cuidadora presente como o que Mahler (1993) chamou de ponto estável. Observa-se que Clarice apresenta uma necessidade de abastecimento afetivo através do contato físico, sendo este movimento interpretado por todos os seus cuidadores como necessidade de estar no colo. Este fenômeno foi denominado por Furer (1963, apud Mahler, 1993) de “reabastecimento emocional”, onde o bebê “cansado”, “recupera-se” logo após manter o contato e continua a seguir em suas explorações.

Ao atingir este ponto de desenvolvimento físico e motor que permite a Clarice se colocar em seu meio, pode-se observar uma dificuldade de sua mãe em manter e impulsionar este afastamento, ao passo que as cuidadoras da creche o incentivavam. Tal dificuldade de Alice em lidar com a autonomia de Clarice apresenta-se nos excertos a seguir:

A cuidadora enxuga Clarice, coloca sua fralda e veste suas roupas. Ao colocar a parte de baixo, comenta que sua roupa de baixo está muito apertada. É um *short jeans* e a cuidadora comenta que isso atrapalha seus movimentos. (10ª Observação, creche, 11 meses).

Norma veste as roupas de Clarice e logo vejo que a parte de baixo é um short jeans. Me pego perguntando por que alguém compra uma roupa jeans para um bebê... Quando Nazaré a veste tem a mesma constatação que eu. “Ai Clarice, isso tá muito apertado... É bom que esconde a barriga”. E Clarice choraminga novamente. Em seguida veste a blusa de Clarice e percebe que está descosturada na altura do ombro e comenta: “Ah! Clarice essa tua roupa está difícil... Tá rasgada...” Procura o pente que não está mais nas mãos de Clarice e encontra-o em baixo da toalha. “Agora vamos para a batalha.” Referindo-se à tarefa de pentear os cabelos de Clarice. (16ª observação, creche, 01 ano).

A roupa apertada enviada por Alice, para a creche pode simbolizar sua necessidade de limitação aos movimentos de Clarice, que é prontamente observada pelas cuidadoras. Esta restrição aos movimentos de Clarice pode estar ligada aos sentimentos ambivalentes frente às aquisições do bebê. De fato muitas mães vivenciam o desejo de seus bebês permanecerem sempre próximos e “dependentes”, ligado a um receio da criança não ser capaz de “arranjar-se por si mesmo” (MAHLER, 1993). No entanto, em alguns momentos Alice parecia incentivar a autonomia da menina:

Clarice fica apoiada na beira da cama, em pé e Alice a segura pelo braço. Clarice ensaia alguns passos, sem se segurar na beira de cama e Alice a apoia sem segura-la, contudo, só dura alguns segundos e Alice pega o braço de Clarice e a recoloca na cama. Clarice bate os pesinhos no chão olha para mim e faz “bichinho”. (19ª observação, casa, 11 meses).

Clarice engatinha para a ponta da mesa e Alice a pega no colo e a coloca no chão. Diz: “Vamos andar” e leva Clarice andando pela sala. (11ª observação, casa, 11 meses).

Segundo Cassidy e Berlin (1994) os pais quando se sentem ameaçados com a expansão dos movimentos exploratórios do bebê, podem falhar a responder às necessidades de apego, a fim de satisfazer a sua necessidade de dependência. Neste caso, muitos pais podem não encorajar o desenvolvimento das competências em relação à autonomia no período da exploração, manifestando comportamentos de retraimento e até de punição à criança.

O desmame também se apresenta como outro símbolo de autonomia em que Alice apresenta dificuldades de lidar:

Alice pegou Clarice no colo e a levou para o quarto, deitou com ela na rede e lhe deu de mamar. Clarice estava deitada ao lado da mãe com as pernas totalmente para cima e segurando a coxa esquerda com a mão direita. Alice diz: “Mas olha essa menina... com a perna pra cima”. Clarice mama e fecha os olhos devagar. Todavia, Caio que estava no quarto, desliga a TV e sai. Ouço Caio abrindo a porta e seu pai perguntando para onde ele vai. Ele diz que vai brincar lá fora e seu pai pede para que entre. Caio retorna para o quarto e pega um brinquedo que ao ser lançado na parede, gruda. Começa a jogá-lo na porta do guarda-roupa e chama a atenção de Clarice que se levanta e larga o peito. Senta olha para o que o irmão está fazendo depois olha para mim e ri. Sua mãe diz que ela já está acostumada comigo. Clarice vira-se para procurar o outro peito e Alice retira-o da blusa e ela deita para mamar. Alice diz: “A Clarice é viciada nesse peito...” (13ª Observação, casa, 11 meses).

Em todas as observações subsequentes, quando Clarice tinha 11 meses e após completar um ano, Alice ofereceu-lhe o seio. Em uma das ocasiões após uma queda, momento no qual Clarice chorou bastante. A oportunidade se apresentou como motivo pra lhe oferecer o seio, porém, em observações subsequentes não houve qualquer tipo de solicitação por parte da menina:

Alice entra no quarto e Clarice a vê e fica eufórica. Tenta sentar na rede ri para a mãe e estica os braços. Alice a pega no colo e fica um momento em pé próximo à rede [...]. Alice leva Clarice para a sala e eu a sigo. Alice senta na rede com Clarice apoiada em suas pernas. Retira o seio e dá para a menina (15ª Observação, casa, 11 meses).

Clarice caminha em direção à mãe e se desequilibra e Alice a ampara e a coloca em pé novamente, Clarice caminha em sua direção e se desequilibra, caindo e batendo o queixo no joelho de Alice que estava sentada na beira da cama. Alice exclama: “Minha filha!!” E constata: “Ela bateu o queixo.” Pegando Clarice no colo esfrega o queixo da menina que começou a chorar imediatamente. Alice balança Clarice no colo e lhe dá o peito. Clarice para de chorar e mama, mas depois deixa o peito e olha em minha direção. (17ª Observação, casa, 01 ano).

Um dos pares de sapato de Clarice saiu de seus pés, na confusão Denis o pega e o calça na menina [...]. Alice chega a sala e pega Clarice no colo novamente, senta na rede e dá o peito a menina. Caio tem um objeto, parecido com uma caixa, que, ao ser acionado um botão toca uma música. O menino entrega o objeto na mão da mãe, que em seguida o entrega a Clarice. A menina mama e coloca o objeto próximo ao ouvido para escutar a música do aparelho... e adormece aos poucos. (19ª Observação, casa, 01 ano).



Para Freud (1905/1996) o bebê não se separa subjetivamente da mãe quando nasce, embora seu corpo se separe do dela. A verdadeira separação ocorre no momento do desmame. Por isso o bebê precisa continuar muito próximo da mãe até que esteja preparado para essa separação.

A *amamentação*, considerada como processo que o oferecimento do leite, através do seio, e o *desmame* que é passagem do seio a outros alimentos e objetos, carregam significados que transcendem o biológico, que indicam um momento singular e decisivo na constituição psíquica do bebê (SAMPAIO; FALBO; CAMAROTTI; VASCONCELOS; ECHEVERRIA; LIMA; RAMOS; PRADO, 2010).

Para Sales (2005) através das interações simbólicas com a mãe, o leite adquire sentidos singulares para o bebê, situando-se entre a demanda e o desejo materno. O desmame, enquanto perda do objeto mítico de satisfação (seio materno) assume importância à díade por confrontar o bebê com perdas necessárias à conquista progressiva de laços sociais, enquanto dependência da criança em relação a ela; do lado da criança, significa suportar a separação do corpo materno, aceitar trocas e substituições, sobretudo aceitar inserção no mundo.

Ao ignorar a singularidade do bebê, a mãe cria obstáculos à separação e autonomia necessárias à constituição subjetiva do filho. Questiona-se também o risco de distúrbios infantis quanto à alimentação, em vista da boca se transformar numa área de gozo, independente da condição nutricional do leite materno (FREITAS, 2005).

A mãe (representante do mundo externo e da realidade), ao ser *suficientemente boa*, propõe uma adaptação ativa e que vai diminuindo lentamente com a capacidade do bebê de tolerar a frustração. Cria-se área de experimentação no desmame, através da ausência da mãe/seio. Esta vivência ajuda a construir a noção de separação. Mas Alice aos poucos também adiciona novos elementos a alimentação de Clarice, como quando anunciou a introdução de uma determinada comida para a observadora:

“Estou fazendo feijão. É a primeira vez que vou dar feijão a ela.” (11<sup>a</sup> Observação, casa 11 meses).

Na creche a autonomia durante a alimentação também é estimulada pelas cuidadoras:

Entro e encontro Clarice em parte deitada na pedra fria do tanque, o local em que as cuidadoras usam para enxugar e vestir os bebês, e a outra parte nos braços de Paula sugando o leite de uma mamadeira, como sempre, com muita vontade e muito prazer. (14<sup>a</sup> Observação, creche, 11 meses).

Ao finalizar Clarice parece querer mais, e a cuidadora, entregando-lhe a mamadeira e verbaliza: “Quer mais Clarice? Acho que ela quer mais...” Diz virando-se para mim. Clarice segura a mamadeira e tenta colocar na boca novamente, mas a cuidadora a retira e leva Clarice para o tapete. (14<sup>a</sup> Observação, creche, 11 meses).

As aquisições de Clarice se tornavam cada vez mais evidentes com o decorrer das observações. A menina demonstrava maior interação com seus pares, tanto em casa quanto na creche:

Caio fica com Clarice por um tempo. Traz alguns brinquedos e Clarice pega um deles e coloca na boca. Caio pega um brinquedo que faz bolinhas de sabão e sopra algumas bolas na direção de Clarice. Ela tenta pegar as bolinhas e engatinha na direção de Caio. Verbaliza bastante tentando pegar as bolinhas, faz hahahahaha. Contudo, percebo que ela interage bem neste momento com o Irmão. Na verdade, não só neste momento, outros momentos em que, diferentemente da creche Clarice tem boa interação com outro que não seja um adulto. Caio passa Clarice para a outra cama e continua brincando com ela. (7ª observação, casa, 10 meses).

A cuidadora coloca Clarice sentada próximo a ela e canta “parabéns pra você” e a menina imediatamente bate palmas. Outro bebê se aproxima e também bate palmas, tira sua chupeta e beija Clarice na testa. A cuidadora diz: “Joga beijo.” E Clarice coloca a mão na boca e faz “baaaa” [...] O outro bebê se aproxima novamente para beija-la. Clarice se estica toda e lança os braços no ar, o abraça e encostando sua boca na boca do bebê, dá-lhe um beijo. (12ª observação, creche, 11 meses).

Clarice está ocupada comendo sua uva e Caio pego o saco em que a máquina de lavar veio empacotada e coloca ao redor do corpo. Aproxima o rosto de Clarice que embarca na brincadeira e aproxima seu rosto do rosto de Caio e abre a boca para encostar-se a seu rosto. Caio e Clarice dão muitas risadas e repetem a brincadeira várias vezes. Clarice se diverte muito com a brincadeira do irmão. (13ª Observação, casa, 11 meses).

Estas experiências afetivas precoces com seus pares são absorvidas pelo bebê, constituindo-se em inscrições de necessidade e desejo. O brincar se constitui como um encontro importante e não só em um momento de distração. Não está restrita apenas a interação mãe-bebê e, assim como na creche onde o brincar é bastante estimulado, Clarice fortalece seus laços afetivos em brincadeiras com seu irmão, que também vão se tornando cada vez mais elaboradas.

Para Winnicott (1971/1975), a criança adquire experiência ao brincar, configurando-se como uma parcela importante da vida. As experiências, tanto externas quanto internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Assim como a personalidade dos adultos se desenvolvem por meio de suas experiências de vida, as das crianças evoluem por intermédio de sua atividade de brincar, sozinha, com outras crianças ou com adultos. Para o autor a brincadeira é prova da capacidade criadora do ser.

Na medida em que se considera que a criatividade está na base da saúde do ser humano, como afirma Winnicott (1971/1975) e verifica-se que durante a infância o indivíduo empreende a construção das raízes de sua individualidade, podem ser averiguados os aspectos

essenciais do desenvolvimento emocional infantil que asseguram o ponto de partida mais promissor de um processo bem sucedido.

Clarice exercita o jogo do relacionamento social e experimenta o ato de tomar a iniciativa do convite ao envolvimento afetivo e arrisca a recusa do contato interpessoal, investe nas identificações subjetivas das diversificadas relações que estabelece com os outros e, às vezes brinca com a imitação dos papéis sociais.

Janete entra e diz para Caio. “Vamos Caio, bate aqui, Yes!” e levanta a mão para que Caio bata na palma. Fala para todos os bebês e Clarice já está com a mão levantada esperando a sua vez... Quando a cuidadora se aproxima para fazer o gesto, Clarice bate com gosto na palma da mão dela e a cuidadora diz: “Yes!”. Bate novamente e fica com a mão levantada esperando que a cuidadora peça novamente. Clarice é a criança que bate na palma da mão da cuidadora com mais veemência... (16ª Observação, creche, 01 ano).

Paula surge com uma garrafa e diversos canudos cortados ao meio. Ensina Clarice a colocar o canudos dentro da garrafa e a menina a principio, não entende bem o que a cuidadora quer. Depois Paula mostra novamente como se faz e Clarice passa a colocar os canudos dentro da garrafa sem problemas. Clarice passa um tempo considerável na tarefa de colocar os canudos dentro da garrafa. Sempre que realiza a tarefa dá um sorriso de satisfação para Paula que “reforça” seu comportamento dizendo: “Muito bem Clarice”. (22ª Observação, creche, 01 ano e 01 mês).

Alice pega a boneca e coloca junto ao próprio peito e diz: “Neném, neném”. E depois a entrega a Clarice, que também faz o mesmo gesto (17ª observação, casa, 01 ano).

Pode-se compreender o brincar, também como uma atividade que garante interação e constituição da realidade pelas crianças.

A brincadeira apresenta-se não só como a relação do indivíduo com sua realidade interior, como também com a realidade externa e compartilhada. O brincar explora a criatividade e implica no estar vivo e na sanidade. Também promove as amizades, o que propicia a representatividade de papeis e a possibilidade de contatos sociais.

Clarice também brinca com sua voz, experimenta toda sorte dos sons por ela produzidos, até que desenvolve a fala e o tom emocional da comunicação oral. Assim, outra aquisição importante apresentada por ela é a comunicação verbal. Suas vocalizações tornavam cada vez mais claras as expressões de suas vontades e necessidades:

Quando Alice dá uma pausa nas atividades, Clarice diz: “Aba” e Alice entende que ela está pedindo água. Vai até a geladeira e pega um copo com a tampa rosa e dá nas mãos de Clarice, que bebe todo o conteúdo do mesmo. (11ª Observação, casa, 11 meses).

Após um tempo Clarice abre os olhos e fecha rapidamente e passa a fazer o movimento de sugar com os lábios, mas é por um tempo pequeno, pois o cachorro que havia silenciado começa a latir alto e Clarice espanta-se. [...] Mas uma música começa a tocar e Clarice acorda, balança a cabeça novamente e me vê. Desta vez faz “dá, dá” pra mim e fecha os olhos. Abre novamente, me olha e

faz “dá, dá” e começa a bater palmas no ritmo da música. (15ª Observação, casa, 11 meses).

Clarice senta-se ao lado de Paula e quando esta se distrai Clarice tenta pegar a caneta de suas mãos. Paula não deixa e Clarice faz “hummm” em um tom de protesto, como se estivesse reclamando com ela. (18ª observação, creche, 01 ano).

Clarice olha com curiosidade para um bebê que Paula havia colocado em uma cadeirinha e que ainda chora bastante. Em certo momento ela “fala” com bebê, fazendo “haaaaaaaaaa”, e o barulho produzido por Clarice se mistura ao choro dos outros bebês. (22ª observação, creche, 01 ano e 01 mês).

No desenvolvimento normal do bebê, suas vocalizações além de encherem seu universo, provocam ecos no ambiente, resultado da repetição dos sons por parte dos pais. O bebê parece reconhecer, gradualmente, que o som que ocorre em outro lugar é o mesmo de sua vocalização. Isto resulta um aumento de experiência: o bebê torna-se cômico do tom, o produto de sua atividade que lhe absorve o interesse.

A cuidadora finaliza o banho e coloca Clarice na toalha para saca-la. Clarice fala “Papa” e bate palmas várias vezes. A cuidadora a estimula dizendo: “Fala Clarice, fala ... papai... agora fala mamãe...”. Clarice repete: “Papa, papa. Depois faz outras verbalizações e bate palmas. A cuidadora diz: “Essa Clarice é uma graça, tá quase pra falar... Mas não aprende a andar...”. (10ª observação, creche, 11 meses)

Quando retorno o sofá já não tem mais objeto e João me convida para sentar, porém, eu não ia conseguir vê-los do ângulo do sofá e então disse que estava tudo bem onde eu estava. Clarice continua choramingando e o pai faz cócegas em sua barriga para distraí-la. Ela não está com uma aparência muito satisfeita. Ri e ao mesmo tempo chora, franzindo a pele do rosto em cima do nariz. O pai canta “parabéns pra você” e Clarice bate palmas ao mesmo tempo em que choraminga, pára e faz “daaaaa, daaaaa”. (13ª observação, casa, 11 meses).

João coloca Clarice sentada do outro lado e a menina verbaliza bastante, diz: “nê nê, nê nê”, “dáaaa” e faz “bruuuuuuu” como se estivesse soprando os lábios. O pai diz “neném, dá beijo é?, neném dá beijo é?” Clarice parece ficar parada, prestando atenção no pai. (13ª observação, casa, 11 meses).

Assim, observa-se que Clarice começa a repetir vocábulos, que são sons articulados, quando então uma difusa consciência de vocalização cede lugar à consciência. O vocábulo passa a ser repetido prazerosamente, o repete quando quiser, formando uma posse e um produto de sua própria atividade. Para Langer (1989, p.130), “o jogo vocal da criança enche seu mundo de ações audíveis, os estímulos mais próximos e mais completamente absorventes, por serem tanto internos quanto externos, autonomamente produzidos, no entanto inesperados...”.

Ao ouvir e proferir um vocábulo, o bebê pode fazer associação com o cheiro da mãe, com a voz dela, o olhar, que para ele tem o sentido de uma presença. Pode também estar associado com o formato da mamadeira, com o líquido que entra na sua boca, ou com

qualquer outra coisa. O som reconhecível e produzível passa a ser identificado com estas coisas. Nesse sentido o bebê, ao proferir um som, invoca uma concepção por ele construída.

Além do início da linguagem, Clarice apresenta outra importante aquisição: a marcha ereta. Durante as observações subsequentes foi observado que Clarice movimentava-se com mais frequência e interage com os objetos ao seu redor de modo mais vivaz, que a anterior fase, em que era mais contemplativa. Neste sentido a marcha a colocou mais em “contato com o mundo”.

Apoiando-se na parede Clarice fica em pé e tenta dar uns passos. É a primeira vez que vejo Clarice tentando ficar de pé e trocando passos, sozinha, sem a intervenção de um adulto. Pergunto a uma cuidadora: “- É a primeira vez que ela faz isso?” Ao que Paula me responde: “Não, não... Ela já se apoia na parede e tenta andar... Essa Clarice é danada!” Clarice fica em pé e tenta se abaixar para pegar o brinquedo que tinha antes, entretanto, no meio do gesto vê um pequeno grão de arroz e tenta pega-lo. Consegue e o leva à boca, mas, o grão cai e se perde em um pequeno espaço entre o tapete. Ela tenta recuperá-lo e cai de bumbum no chão. Clarice engatinha pelo tapete e tenta alcançar um brinquedo abandonado por outro bebê. (14ª Observação, creche, 11 meses).

Neste momento Clarice tenta descer da cama e Alice a coloca no chão. Alice, sem esconder o orgulho: “Ela já está andando.” “Sim, eu a vi andar na creche”. Respondo. E coloca Clarice para dar alguns passos. (17ª Observação, casa, 01 ano).

Mahler (1993) considera a locomoção do bebê como uma fase de grande atividade. Há o aumento da vivacidade e receptividade sensorial do corpo da criança. O bebê está a um grande passo rumo a formação de sua identidade como pessoa. A autora afirma que o bebê expressa boa saúde mental quando os primeiros passos se dão em direção a mãe, pois é nesse momento que a criança expressa sua confiança na mãe. É como se a mãe estivesse “diplomando” seu filho para entrar no mundo dos indivíduos independentes.

Ao adquirir a marcha, o bebê brinca com o corpo, experimenta toda sorte de movimentos, desafiando a manutenção do equilíbrio físico e o enfrentamento de quedas bruscas voluntárias, até que se torna capaz de realizar sofisticados desempenhos de agilidade e destreza motora.

Clarice está sendo amamentada e Alice ainda fica um tempo com ela na rede. Depois diz que precisa fazer o almoço e levanta-se da rede com cuidado para não acordar Clarice, porém, seus esforços são em vão. Clarice acorda e começa a chorar alto, tenta sentar na rede e Alice a deita tenta acalantá-la batendo em seu peito de leve. No entanto, a menina fica resistente em dormir e chora. Alice senta-se novamente na rede e a coloca no peito. Clarice mama, mas, apesar dos esforços de Alice para que ela durma a menina fica em estado de alerta. Larga o peito e pede para descer da rede e Alice a coloca no chão. Clarice vai para a pilha de álbuns de fotografia e os derruba no chão. (21ª Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Clarice vai para o quarto e eu a sigo. Denis está jogando vídeo game e Clarice fica bem na frente da TV. [...] Clarice tentar pegar os fios do videogame que

estão conectados a TV e os puxa. Denis parece não se importar com o comportamento da menina, apenas continua jogando. É Caio quem diz que ela vai desconectar o aparelho. Clarice anda em direção ao aparelho de videogame e o pega com força, o levantando de cima do móvel onde está, mas novamente Denis não se importa. Clarice desiste de mexer nos fios e pega um brinquedo que estava próximo ao aparelho de vídeo game. Ao mudar os paços os fios enrolam-se em seu tornozelo e Clarice cambaleia. Cai de bumbum no chão, levanta-se, mas ainda está com os fios entrelaçados em sua perna. [...] Clarice me olhou e andou para a cozinha, eu a segui. [...] Clarice se aproximou da mãe e depois andou pela cozinha. Foi até o bebedouro e abriu a torneira, derramando água no chão. Clarice sempre teve fascínio por está torneira e me perguntei neste dia, porque ainda não haviam simplesmente colocado este filtro em um lugar mais alto... Alice a tirou Clarice de perto do bebedouro, porém, a menina foi direto para o lixo. Alice falou bem alto com Clarice para que ela não pegasse no lixo e afastou do sexto. [...] Clarice segue andando pela casa e eu a sigo. Vai para o quarto, só para retornar a cozinha. Ora para na sala etc. sigo-a da forma mais discreta possível para não parecer que estou assumindo o cuidado de Clarice, pois Denis está parecendo mais disperso... na verdade mais interessado em outras coisas que lhe trazem mais gratificações. (21ª Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Neste estágio do desenvolvimento de Clarice observa-se a fase de *Treinamento propriamente dito*, marcado pelos seus primeiros passos em posição vertical que ocorre segundo Mahler (1993) entre os dez e dezoito meses. Para a autora nesta etapa a energia libidinal do bebê está a serviço do ego autônomo em crescimento, assim como as suas funções e o bebê parece encantado com as suas próprias competências e seu mundo.

Três aspectos diferentes, mas, interligados deste período do desenvolvimento, contribuem para os primeiros passos da criança em direção à consciência do desligamento e à individuação: a diferenciação corporal da mãe; o estabelecimento de um elo específico com ela e o crescimento do funcionamento dos aparatos autônomos do ego em uma proximidade grande com a mãe. Com isso o interesse do bebê se amplia para outros objetos, explorando-os através de seus órgãos dos sentidos. A expansão da capacidade locomotora possibilita a criança um papel mais ativo na determinação da proximidade e do distanciamento com a mãe e na exploração do ambiente (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1986).

Spitz (1979/1991) afirma que, a criança tendo adquirido locomoção, luta pela autonomia e consegue sair do alcance da mãe, não hesitando em satisfazer sua curiosidade e a necessidade de atividade, saindo do estado de passividade. Esta liberdade e a oportunidade de proceder esta exploração, com clara progressão da independência estão presentes nos excertos a seguir:

Clarice vai até aporta e tenta abri-la [...] Alice abre a porta e Clarice se aproxima, tentando sair. Alice coloca a perna, enquanto conversa com funcionário da CELPA, na frente de Clarice para que ela não caia ou saia da casa, no entanto, Clarice fica segurando-se pelas pontas dos dedos, na beira da porta e balança-se para frente e para trás, como se quisesse sair de casa. Clarice se afasta e Alice baixa a perna. Espertamente, Clarice volta rapidamente para a porta, quase

conseguindo sair. Mas Alice coloca novamente a perna em sua frente. (23<sup>a</sup> *Observação, casa, 01 ano e 01 mês*).

Paula comenta que ela acha que Clarice é muito inteligente e que é muito “descolada”, Norma que chega próximo e escuta a fala de Paula, concorda e diz que Clarice “dá um show” no parquinho: “Enquanto os outros bebês ficam gritando, mamãe me pega aqui a Clarice levanta uma perna, levanta outra e dá o jeito dela de passar pela cerca, ela vai ser muito independente, já é...” (22<sup>a</sup> *Observação, creche, 01 ano e 01 mês*).

Clarice caminha em direção a uma escada e sobe uns três degraus. Neste momento eu me lembro do que as cuidadoras na creche comentaram comigo a cerca das iniciativas de Clarice. Quando Alice a tenta tirar da escada ela reclama e tenta retornar para lá. (23<sup>a</sup> *Observação, casa, 01 ano e 01 mês*).

Esta fase marca o auge do narcisismo infantil já que há um grande investimento da criança em suas próprias funções, no seu próprio corpo e nos objetos e objetivos de sua realidade. O bebê se encontra no exercício e domínio de suas habilidades e capacidades independente do outro e de sua mãe. Em termos do desenvolvimento emocional o ato de andar proporciona à criança um aumento marcante de sua descoberta da realidade e do ato de testá-lo sobre seu controle e domínio. Para Mahler, Pine e Bergman (1986), o andar possui um grande significado simbólico tanto para a mãe quanto para a criança, pois mostra a competência para entrar no mundo dos seres independentes.

Alice, ao mesmo tempo em que, ainda tenta manter Clarice “dependente”, parece entender que o bebê necessita de espaço para se desenvolver:

Alice comenta com indisfarçável orgulho, que quando Clarice tem muito espaço ela “desembala” a andar. De fato Alice parece se afastar dando alguns passos para trás como que dando espaço para Clarice, que começa a andar pelo quarto, ainda balançando-se um pouco, mas no geral aparentado evolutivo equilíbrio. Mas me passa a sensação que apesar de se “afastar” Alice “está sempre por perto.” (17<sup>a</sup> *Observação, casa, 01 ano*).

Para Mahler (1993), o cuidador principal assume um papel importante para o desenvolvimento do comportamento exploratório do bebê, através da expressão do sentimento de confiança e expectativa, que envolve o seu estado emocional, manifesto pelo comportamento de encorajamento em relação ao bebê.

Segundo Winnicott (1987/2006) o desenvolvimento humano é um processo contínuo e nem sempre os pais conseguem privar o seu bebê de seus próprios humores, angústias e emoções. Mas a mãe é necessária desde o princípio e os cuidados maternos com o próprio bebê são inteiramente pessoais, uma tarefa que ninguém mais pode realizar tão bem quanto a própria mãe.

Até o final das observações, pôde-se notar que Clarice explora e descobre a si e ao mundo e constitui uma maneira própria de compreender suas experiências e relacionar-se, que

serão aprimoradas com o desenvolvimento de sua capacidade de abstração, que irá guiá-la em direção à vida adulta, ao adicionar experiências determinantes que irão compor a arquitetura de seu futuro. A seguir será apresentada análise dos cuidados recebidos por Clarice nos dois ambientes principais em que se encontra inserida.

#### **4.2 Os cuidados de Clarice: O lar e creche**

Nesta sessão serão apresentados e discutidos os resultados das observações acerca dos cuidados recebidos por Clarice nos dois ambientes em que foi observada: em sua casa e na creche. É um fato que as famílias ocidentais modificam-se rapidamente. Dentre estas transformações o cuidado – sempre atrelado à mãe e à maternidade – também sofre metamorfose. O fato de Clarice ter que ser matriculada em uma creche configurou-se na dificuldade de constituição de uma matriz de apoio (uma mulher e uma rede de apoio maternal), um dos componentes da constelação da maternidade, para auxiliar Alice no exercício da maternidade. A matriz de apoio se faz extremamente importante dadas as grandes demandas que tanto o bebê quanto a sociedade fazem à mãe, sem proporcionar-lhe a necessária preparação e os meios para satisfazê-las (STERN, 1997).

“Eu não tinha há quem ficasse com ela. Como eu te disse antes a minha irmã morava comigo, mas quando eu fui pro Moju ela também foi e quando eu voltei, voltei sozinha. Depois uma prima minha veio morar comigo. Eu trabalhava de manhã e ela à tarde. Eu tinha esperança de ser transferida para Igarapé-Miri, porque tinha um rapaz que trabalhava lá e vinha fazer tratamento de coluna pra cá. Mas não deu certo. Mas depois a minha prima começou a trabalhar em dois horários e não deu mais pra ela e eu comecei a pagar uma moça, por um tempo, mas não estava dando muito certo, ela faltava e eu tinha que me virar. Ai começaram a falar da creche lá no trabalho, que era um lugar bom. Eu coloquei os dois e estou gostando”. (*Entrevista com os pais, casa, 09 meses*).

Segundo Stern (1997) a primeira função da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, fornecer as necessidades essenciais e afasta-las das requisições da realidade exterior, provisoriamente para que ela possa dedicar-se, segundo Winnicott (1987/2006) aos cuidados inerentes a maternidade. Outro papel, com um aspecto mais psicológico, é providenciar para que a mãe possa sentir-se cercada e apoiada, bem como acompanhada, valorizada, apreciada, instruída e ajudada, sendo que estes aspectos surgem, em grande parte, das condições culturais prevalentes na sociedade atual.

Como já foi exposto no capítulo anterior Clarice ingressou na creche a 07 (sete) meses de idade e a primeira observação neste espaço deu-se um mês por volta de dois meses após o seu ingresso, quando já havia completado 09 (nove) meses. Apesar de autores como Almeida (1998) apontarem o choro como o indicativo mais comum para perceber se a criança está ou



não se adaptando a creche, Alice descreveu outra situação que apontava a não adaptação de Clarice ao ambiente institucional, fruto de seus hábitos em casa:

“Tinha também o fato de ela sempre estar comigo, ela ficava muito no colo. Até me chamaram a atenção lá na creche porque logo no começo ela queria ficar no colo e não dá porque tem muitas crianças para serem cuidadas” (*Entrevista com os pais, casa, 09 meses*).

Todavia, na primeira observação realizada na creche Clarice mostrava-se bem adaptada ao ambiente:

Pergunto por Clarice e sou informada que ela está dormindo em uma rede rosa, cercada por outras redes. Clarice está encoberta pelas beiradas da rede e uma cuidadora as abre e eu olho para dentro da rede (*1ª observação, creche, 09 meses*).

O período da adaptação é o tempo de conhecer e estabelecer um vínculo afetivo com o novo ambiente, as educadoras, os amigos e a rotina. Só depois de estabelecido este vínculo é que a criança se sentirá segura e tranquila. Novaes (1976) afirma que a adaptação relaciona-se com as modificações necessárias do indivíduo para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo ao meio e como tal implica em um processo dinâmico referente a tais condições. Algumas vezes a criança, no momento de seu ingresso na instituição, apresenta algumas modificações em seus hábitos, como: dificuldades no sono, certa irritabilidade e inapetência, isto porque sua entrada na creche/escola é vivida, no início, com grande apreensão, pois sempre há o medo de que os pais a abandonem. Assim, o fato de Clarice dormir com tranquilidade demonstrava que já havia superado este período.

Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Vitória (1994) a interação entre a mãe seu bebê pode alterar-se ao passar do espaço domiciliar, onde a intimidade e exclusividade são características, para o espaço institucional, no qual há o estabelecimento de novas relações e o fim da exclusividade de cuidados. Nesse contexto, há a introdução de novos parceiros, de um novo ambiente com novas rotinas. Entretanto, as demandas de Clarice não se modificam entre o lar e a creche. Em sua casa, apesar de ser a única criança pequena a ser cuidada, sua mãe necessita de tempo para executar suas tarefas cotidianas, como trabalhar, limpar a casa ou cuidar dos filhos maiores e na creche as imposições do ambiente, como as rotinas de espaço retardavam a chegada do cuidado. No início das observações a menina apresentava boa tolerância na espera de atenção:

Clarice está com a cabeça para fora da rede estica os braços para outro bebê, que retribui o gesto com uma batida em seu rosto e a cuidadora ralha: “Não faça isso com a amiguinha, é para fazer carinho, não bater.” Clarice chora para sair da rede. A cuidadora, que está embalando outro bebê que está chorando muito, retira a menina da rede e a coloca no chão. Clarice fica sentada no tapete e brinca com outro bebê. Eles dividem um brinquedo, uma casinha que possui várias

bolinhas no telhado... enquanto o bebê está brincando com as bolinhas, Clarice está mais interessada em colocar sua boca nela.[...] Clarice esquece o brinquedo e engatinha em direção da porta do vestiário. Sigo-a e me encosto-me a uma parede. [...] Clarice tenta levantar-se e ao apoiar-se em sua perna direita perde o equilíbrio e desliza suavemente girando o bumbum no chão, até que sua cabeça toca o tapete. Segura a beira da rede por um tempinho e a larga. Fica estirada no chão, me olhando, como se perguntando se eu não ia ajudá-la. Agita os braços e lembro-me dos “anjos de neve” que são feitos por crianças e adultos em lugares que nevam... lugar comum de alguns filmes. Clarice se levanta e engatinha para o espaço da TV. Sigo-a. no meio do caminho encontra um brinquedo e se distrai com ele. Percebo que até agora, nada foi feito para Clarice. (6ª Observação, creche, 10 meses).

Assim, em ambos os ambientes, existem atividades que absorvem tanto a mãe quanto as cuidadoras. Em casa, Alice precisa se dedicar também nos cuidados com o lar e de seus outros filhos:

Falando ao telefone Alice leva Clarice para a sala e senta com ela no sofá. Sento na mesma cadeira que havia sentado antes. Clarice me observa. Ainda falando com a mãe, levanta-se, com Clarice no colo, mexe em uma panela. (1ª Observação, casa, 10 meses).

Alice liga um ventilador para Clarice [que dormia] e começa a arrumar umas roupas que estão na outra cama. [...] arruma mais algumas coisas e comenta que seu filho mais velho diz que ela vive reorganizando as coisas no quarto, comenta também: “Com ela não dá para arrumar as coisas, depois que instalaram o ar eu ainda tive que cuidar de umas coisas. Só lavei o cabelo depois que ela dormiu. De vez em quando tenho que pedir pro Caio ficar com ela...” Comenta este fato de uma forma despreocupada e diz que vai aproveitar o tempo para estender algumas roupas, pede que eu fique à vontade. (5ª observação, casa, 10 meses).

Alice pega Clarice no colo e tenta fazer o almoço. Coloca a panela no fogão, acende o fogo. Balança as panelas em vez de mexê-las com uma colher, pois parece mais fácil agir desta forma em vez da outra estando com Clarice no colo. Pega uma panela que contem legumes e tenta colocar água do filtro nela. Apoia-a na estreita ponta da cadeira em que o filtro se encontra e com a perna apoia o outro lado da panela. Todo este malabarismo para que sua mão fique liberada para abrir a torneira, porém, a panela se desequilibra e cai e todo o seu conteúdo vai ao chão. Alice me olha desolada e acabo exprimindo um “poxa”. Alice diz: “Caramba Caio fica com ela, olha o que aconteceu, acabou derramando a sopa dela, pois, tenho que ficar com ela no colo”. (7ª observação, casa, 10 meses).

Claramente pode-se observar a necessidade de Alice em dividir seu tempo entre a jornada de trabalho fora do lar, os afazeres domésticos e o cuidado da família e como afetava os cuidados consigo mesma.

Independente da origem social, as mulheres têm passado ao trabalho extralhar, motivadas, pela necessidade de contribuir para a sobrevivência da família ou pelo desejo de realização profissional. Como decorrência tem buscado soluções que as apoiem e as auxiliem nos cuidados dos filhos, soluções essas nem sempre efetivas dentro do próprio contexto familiar motivado pela diminuição no número de elementos na família, a menor rede de apoio

familiar e de vizinhos, além de um distanciamento físico e psicológico entre os membros da família extensa, como irmãos, tios e avós (ROSSETI-FERREIRA; AMORIM; VITÓRIA, 1994).

Com isso, a creche passou a ser essencial para a viabilização da dupla jornada de trabalho, ou seja, para a criação dos filhos e o ganho do sustento da família. Contudo em muitos casos, esta instituição ainda se apresenta como um espaço para que as crianças possam comer, dormir e brincar enquanto a mãe está fora (PACHECO; DUPRET, 2004).

É fundamental compreender que o desenvolvimento integral da criança depende tanto de cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. A satisfação das necessidades afetiva das crianças é a base para o desenvolvimento infantil. No entanto, muitas instituições ainda mantêm um atendimento assistencialista e organiza sua rotina priorizando somente os cuidados básicos de guarda, alimentação, higiene e sono, apesar do atual entendimento de que as situações que ocorrem diariamente na rotina das crianças que a frequentam podem se transformar num momento educativo e lúdico na medida em que o adulto interagir com a criança, estreitando-se os vínculos afetivos. Em muitos espaços a quantidade de trabalho que se apresenta as cuidadoras pode interferir neste (ROSSETTI-FERREIRA, 2003).

Apesar de a creche em que Clarice está inserida haver uma tendência de valorização da educação dos bebês ainda assim, as trabalhadoras precisam cuidar de outras crianças que a frequentam e da manutenção da rotina do espaço, o que demandava um grande volume de trabalho:

Paula levantou-se novamente e foi pegar as agendas em estava escrevendo. Sentou-se novamente no chão e ficou dividida entre a tarefa de escrever, balançar uma rede de outro bebê e brincar com Clarice. (2ª Observação, creche, 09 meses).

Há muito barulho e muito movimento no ambiente, por causa do bebê novo que está dando muito trabalho às cuidadoras, mas Clarice fica sentada, hora brinca com os pés e bate palmas, à parte de todo o burburinho de falas e vai e vem. Apenas olha para cima de vez em quando ao passarem por ela, mas retorna para sua brincadeira. (4ª observação, creche, 10 meses).

A cuidadora, que está embalando outro bebê que está chorando muito, retira Clarice da rede e a coloca no chão. A cuidadora me olha e diz: “Essa aqui é nova, tá se adaptando ainda”. Apontando para o bebê que chora. (6ª observação, creche, 10 meses).

O cotidiano das creches é caracterizado por rotinas rígidas, onde os cuidados dispensados pelas trabalhadoras são divididos com várias crianças pode gerar um conjunto de ações instrumentais e mecânicas, uma vez que as tarefas necessitam ser realizadas de maneira rápida e eficiente por um número pequeno de pessoas (ROSEMBERG, 2001). Em uma das observações este aspecto foi claramente apontado:

Paula chega e leva Clarice com ela, sigo-as e elas entram no vestiário. Paula deita Clarice em cima de uma toalha pré-arrumada e tira sua fralda. Tira a blusa de da menina sem dizer nada a coloca no tanque, abre a torneira e inicia seu banho. Clarice não quer sentar no tanque e a cuidadora tenta fazer com que ela sente. Segura Clarice pela axila e passa sabonete em seu corpo. Tira o sabão e Clarice vai tentando pegar tudo o que está ao seu alcance, o sabonete, que é tirado de sua mão, o xampu, que também é tirado de sua mão e assim por diante. Para lavar seu cabelo, a cuidadora começa a dar uns brinquedinhos de plástico que estão na beira do tanque e Clarice fica menos agitada e brinca com eles, quer dizer, os leva a boca. A cuidadora comenta: “- Ela não sossega, é difícil dar banho assim. Os maiores até que ficam mais quietos, mas os menores mexem em tudo... Lava os cabelos de da menina a colocando bem em baixo do chuveiro e ela ri com a água que escorre em seu rosto. [...] Finaliza o banho, que durou cerca de 5 min. E coloca Clarice sobre a toalha. A enxuga e passa hipoglós nas dobras do bumbum e da genitália de Clarice. Coloca sua fralda e passa talco em seu pescoço[...] Neste tempo todo que Clarice foi colocada na toalha para ser vestida ela faz bichinho para mim. Porém, acredito que a cuidadora não notou, estando mais preocupada em finalizar sua tarefa. [...] A cuidadora sai e depois retorna com um pratinho contendo banana amassada com leite. Coloca Clarice na cadeira de alimentação e passa a dar a comida a ela. A menina come, como sempre muito bem. De vez em quando olha para mim e olha para a TV. Começo a perceber que a cuidadora dá a comida de uma forma mecânica, como se quisesse se livrar logo da tarefa. (8ª observação, creche, 10 meses).

Em casa as obrigações de Alice demonstravam que ela dispunha pouco tempo para o bebê e seus cuidados como vigiá-la durante as brincadeiras ficava no encargo do irmão, Caio, de 07 anos. Logo na primeira observação esta situação ficou bastante evidente, pois Alice solicitou que o filho vigiasse Clarice três vezes no decorrer de uma hora:

A mãe de Clarice a coloca sentada novamente na cama com brinquedos ao seu redor e pede ao filho para vigiá-la. [...] “Caio eu vou tomar banho fica com ela aqui na sala. O irmão a pega no colo e senta no sofá. Alice sai do banheiro e me pede licença para trocar de roupa. Escuto suas conversas e ela me pede novamente para entrar. Conversa com o filho: “Toma conta dela mais um pouco pra eu fazer a comida...” Caio protesta: “Mas mãe...” e Alice o repreende: “Eu tenho que fazer o almoço... O teu irmão pode demorar... Se ele não chegar a tempo a comida vai atrasar, depois não reclama que o almoço não está pronto”. [...] Alice chama Caio novamente e pede a ele que fique com ela, coloca Clarice sentada no chão e pede a caixa de brinquedos. [...] A mãe chama o filho novamente, coloca Clarice sentada no chão e pede a caixa de brinquedos. (1ª observação, casa, 09 meses).

Essas solicitações se repetem em diversas observações subsequentes:

Alice pede a Caio que a repare. Caio reclama: “Mas mãe eu não quero...” e a mãe responde: “Fica com ela aí... Eu tenho que fazer o almoço...” [...] Coloca Clarice no sofá e pede novamente para que Caio fique a reparar e o menino reclama: “Mas mãe, eu não quero ficar com ela”. Mas acaba ficando, talvez ao perceber que não tem alternativa. (3ª observação, casa, 09 meses).

Alice não a pega Clarice no colo e pede para Caio vigiá-la enquanto ela arruma algumas coisas. Caio fica com Clarice por um tempo. Traz alguns brinquedos e Clarice pega um deles e coloca na boca. Caio pega um brinquedo que faz bolinhas de sabão e sopra algumas bolas na direção de Clarice. (7ª observação, casa, 10 meses).

Ficamos no quarto por um tempo e Alice lembra que precisa fazer o jantar. Pede a Caio que fique com ela e ele responde: “Pede pra Larissa ficar com ela”. E Alice responde: “A Larissa não tem responsabilidade com ela, é tu que em que me ajudar.” E coloca Clarice do lado de Caio e vai para a cozinha. (9ª observação, casa, 11 meses).

Uma característica de muitas sociedades atuais é o cuidado dispensado por irmãos mais velhos, aos mais jovens. Ao serem considerados estudos interculturais, encontram-se evidências de que cuidados não parentais são, ou a norma, ou uma forma muito significativa de cuidados em muitas sociedades (WEISNER; GALLIMORE, 1977). Assim, é possível encontrar numa mesma sociedade diferentes formas de organização familiar e de cuidados dispensados às crianças, como uma demonstração da adaptação da família às exigências do grupo social mais amplo.

As investigações realizadas sobre cuidados entre irmãos levam em consideração os efeitos sobre a criança que cuida e sobre a que é cuidada. Lordelo e Carvalho (1999) salientam que a criança que cuida de seus irmãos desenvolve-se socialmente, revelando comportamento pró-social responsável, maior autonomia, responsabilidade social e treinamento em funções que vai desempenhar ao longo de seu ciclo vital. A criança que é cuidada proporciona ao que cuida uma ocasião para praticar suas habilidades sociais. No entanto, a responsabilidade exigida à criança pelo cuidado de outros irmãos podem representar sobrecarga e pressão exacerbada.

Caio aparece do quarto com um desenho e mostra para a mãe, que olha sem muito interesse. Clarice se acalma, sua mãe a coloca no sofá. Caio sai e retorna com um carrinho de controle remoto, brinca um pouco com ele. Alice pede a Caio que a repare. Caio reclama: “Mas mãe eu não quero...” “Fica com ela ai. Eu tenho que fazer o almoço...” “Então deixa eu ficar aqui no chão...” “Vai com ela ali pra fora... Fica naquele espaço. Tenho vontade de levantar para ver como é o espaço a que a mãe se refere, porem como Clarice e Caio já estão no chão, noto a relutância do menino em ficar ali mesmo. Não o faço. Caio coloca Clarice em suas pernas, no chão e Clarice pega o controle do carrinho e o coloca na boca. Como Clarice está sentada no colo de Caio e ele reclama: “Mãe, ela fez xixi... eu to molhado.” Caio tira Clarice do colo e se levanta. Mostra o short molhado para a mãe diz: “Mãe eu vou tomar um banho... eu to molhado.” Ao que Alice responde “Espera um pouco Caio, vigia ela ai...” “Mas mãe eu to molhado...” “Tá vai... vai...” (3ª observação, casa, 09 meses).

Para Lordelo e Carvalho (1999) os cuidados dispensados por irmãos mais velhos são mais facilmente encontrados em famílias com muitos filhos, quando os filhos mais velhos são do sexo feminino e no momento em que o filho mais novo já pode se locomover sozinho.

Além disso, o nível socioeconômico também influencia na ocorrência de cuidado entre irmãos (BURTON, 2007). Em famílias numerosas e de baixo nível socioeconômico, a ausência de um dos progenitores pode exigir que os irmãos mais novos sejam cuidados pelos mais velhos.

Para Amazonas, Damasceno, Terto e Silva, (2003), as famílias de baixa renda possuem características específicas, pois precisam desenvolver estratégias de sobrevivência compatíveis com suas condições de existência. Todos os membros da família participam da manutenção do grupo tanto no que se refere ao provimento das necessidades básicas quanto ao cuidado com seus membros. Por essa razão, essas famílias promovem uma relação de solidariedade, por meio da qual conseguem garantir qualidade de vida de cada um. A lógica da solidariedade opõe-se à lógica do individualismo, pois “reordena valores e subordina realizações pessoais a interesses ou necessidades do grupo familiar” (AMAZONAS, DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003 p. 13). Assim, nessas famílias, é comum que os cuidados com as crianças sejam compartilhados por todos os membros.

Na 9ª observação, outra pessoa, que não faz parte do grupo familiar de Clarice surge como uma figura de cuidado. Trata-se de uma moradora da vila de Alice, uma menina de apenas 09 (nove) anos que participa do cotidiano da família e por vezes é solicitada por Alice para auxiliá-la com Clarice.

Já está ficando um pouco escuro e uma garotinha entra no quarto e diz “Vem Clarice, vamos lá com o Caio” e Alice diz “Não”. A garotinha continua chamando por Clarice até que ela entra definitivamente no quarto e pega Clarice no colo. (9ª Observação, casa, 11 meses).

Em uma das observações, em que Alice está sozinha em casa com Clarice, ela solicita o apoio da menina para vigiar o bebê:

Alice pega Clarice no colo novamente e vai até a porta, e comenta como se estivesse ansiosa: “Esses meninos não vão chegar não...”. Tenho a impressão de que ela está querendo se dedicar ao almoço, contudo, não consegue deixar a menina no chão. Sinto que assim como Clarice tem dificuldade de se separar, Alice tem dificuldade em deixá-la sozinha. Enquanto estou tendo estes pensamentos, Alice, que ainda está fora de casa, chama por Larissa, que aparece mais que depressa... E Alice pede que ela fique um pouco com Clarice, pois ela precisa cuidar do almoço. (17ª Observação, casa, 01 ano).

Segundo Dessen (2000), ao estudar a influência sobre os cuidados na infância reconhecem o envolvimento de outras pessoas no cuidado das crianças, especialmente a partir do aumento de frequência da inserção da mãe no mercado de trabalho.

Aparentemente este é um hábito que já acontece na família antes do episódio presenciado pela observadora, pois, Caio provavelmente sentindo-se sobrecarregado com a tarefa e ao querer dedicar-se a suas brincadeiras, recorre a provável ajuda que Larissa se

dispõe a dar:

Alice vem da cozinha e pega Clarice no colo e Larissa vai para casa. Alice leva Clarice para o quarto e a coloca em cima da cama e lhe dá alguns brinquedos. Ficamos no quarto por um tempo e Alice lembra que precisa fazer o jantar. Pede a Caio que fique com ela e ele responde: “Pede pra Larissa ficar com ela.” “A Larissa não tem responsabilidade com ela, é tu que em que me ajudar”. E coloca Clarice do lado de Caio e vai para a cozinha. Caio repreende Caio por ele não a estar olhando direito e Caio reclama baixinho. (9ª *Observação, casa, 11 meses*).

Na família de Clarice, há dispensação de cuidado também pelo seu pai e seu irmão mais velho. Contudo, como estes dois membros não moram de fato com a menina, os cuidados dispensados por eles são bastante esporádicos. O pai, que trabalha no interior do estado, vai até a residência da companheira apenas de 15 em 15 dias e o irmão todos os finais de semana.

Denis segura Clarice e Alice olha sorratamente na porta do quarto, como que para se certificar que está tudo bem e se retira. Denis se levanta com Clarice no colo e eu os sigo. Fico em pé na porta do quarto e Alice fala para Denis dar água para a menina. Ele vai até a geladeira, pega um copo de tampa rosa com furos para sair água e dá para Clarice, que bebe, mas depois rejeita. Denis insiste mais um pouco, mas, Clarice parece não querer mais. O pai que está sentado no sofá chama Clarice para seu colo e Denis a passa para o pai. Começa o que me parece ser uma disputa pela atenção de Clarice. O pai a pega e brinca com ela, segurando-a pelas axilas e Denis senta próximo e bate palmas para o bebê. Denis vai até a geladeira e pega um iogurte e depois uma colher. Senta-se ao lado do pai este pede para dar o iogurte ao bebê. Denis pega Clarice do colo do pai, Caio ainda os cerca, João pega a colher e o iogurte, abre, lambe a tampinha e entrega a Caio para que ele jogue no lixo. Clarice ao ver o potinho aberto nas mãos do pai dá gritinhos com a boca bem aberta, como se já soubesse que o iogurte ia ser dado à ela. De uma forma meio desajeitada começa a dar o alimento na boca de Clarice que come com prazer. (5ª *Observação, casa, 10 meses*).

Segundo Stern (1997) o homem exerce uma enorme importância na matriz de apoio, e faz-se necessário avaliar seu papel comparado aos das mulheres tradicionalmente incluídas nesta matriz. A primeira função principal do conjunto da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, prover suas necessidades vitais e por algum tempo afasta-la das exigências da realidade, para que possa cuidar exclusivamente do bebê. O marido sempre desempenhou um papel fundamental nesta função e desempenha um papel maior ainda, na atualidade, na qual a família nuclear assume a maior parte das funções.

Winnicott (1996/1997) referiu-se ao pai para além da questão da provisão de cuidados práticos em família, ao atribuir a ele a importância do espelhamento – inicialmente assumida pela mãe – na qual a criança poderá reconhecer-se e sentir-se existente e real e enfim alcançar a maturidade emocional. Neste caso o pai atua como um terceiro para aproximar-se e interferir na relação mãe/bê e contribui de forma direta no desenvolvimento do *self* do bebê.

Faz-se necessário que o homem possa se reconhecer pai, processo psíquico que começa desde a gravidez, e o que mais o favorece é o *papel ativo do pai*. No momento em que a mãe descansa, o pai pode ninar, carregar e conter seu filho, trabalhando gradualmente a tríade. Nessas procuras repentinas, pode-se formar o que a autor chama de a *Genuína qualidade paternal* que é a habilidade para atuar diante do filho, com sensibilidade de resposta empática. Assim, nestes espaços de cuidado, o pai pode aceitar seus próprios sentimentos de ternura e pode projetá-los no filho. Além iniciar o processo de reconhecimento da criança, esta poderá integralizar o pai (BENEDEK, 1983).

Para Winnicott (1956/2000), é fundamental que o pai seja verdadeiramente importante para a mãe, permitindo o estabelecimento de uma relação mãe-filho saudável. Deste modo, o bebê poderá integrar-se com auxílio da presença paterna. Neste último caso, o pai não “duplica” o cuidador materno, mas aparece como elemento inscrito num processo de diferenciação da alteridade.

Este espaço não é preenchido com sucesso por João onde a inconstância na sua relação com Alice o alija do processo. Todavia, a necessidade que esta função seja cumprida se configura através da busca de Alice por uma instituição que a apoie no cuidado com Clarice. Assim a creche se apresenta como peça da constelação da maternidade, todavia, não preenche os vazios deixados. Como as exigências da realidade pressionam Alice para que ela trabalhe (pois ela precisa sustentar sua família) e realize suas atividades em casa, colocar o bebê na creche surge como opção. No entanto, o cuidado “compartilhado” se repete no espaço institucional.

Em diversas ocasiões, a grande quantidade de tarefas da mãe de Clarice, que reflete em sua necessidade de compartilhamento do mesmo com os demais membros da família, culminando na inclusão de um ator exterior a esta, bem como a repetição desta configuração no universo da creche (grande demanda de tarefa das cuidadoras e a necessidade de dividir o cuidado com outras trabalhadoras), trazem retardo na atenção dada ao bebê.

Aproximo-me de onde Clarice está e encosto-me a uma parede. Clarice está choramingando, engatinha na direção da porta do banheiro e a cuidadora a recoloca a recoloca no centro do tapete. (4ª Observação, creche, 10 meses).

Clarice se levanta e engatinha para o espaço da TV. Sigo-a. no meio do caminho encontra um brinquedo e se distrai com ele. Percebo que até agora, nada foi feito para Clarice. Lanche, banho, colo etc. ela vaga pelo berçário, sozinha. (6ª Observação, creche, 10 meses).

Clarice já está acordada, em plena atividade. Agita as pernas e os braços com veemência e verbaliza: “hahaha”. Senta-se na rede segurando na beira. Coloca a cabeça para fora e me vê. Há uma demora muito grande para Clarice ser retirada da rede. Por isso ela fica mais um tempo brincando até que uma cuidadora a tira de lá e a coloca no chão. (8ª Observação, creche, 10 meses).



Quando estes períodos de cuidado se estendem por muito tempo, como nos excertos acima Clarice, coloca-se no ambiente e demonstra sua insatisfação:

Clarice observa as pessoas que passam por ela choraminga novamente e depois chora alto. Engatinha novamente para a porta do banheiro e chora de uma forma que eu nunca havia escutado, dá gritos altos durante o choro. Pareceu-me um choro bastante sofrido. (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Tenho a impressão que Clarice se cansa de ficar sozinha, pois começa a resmungar e a choramingar... Engatinhando pela sala. Engatinha até a porta do espaço da TV e senta encostada à parede outro bebê fica próximo dela, em pé e, ao tentar caminhar, tropeça em Clarice. Uma mãe chega para pegar seu bebê e a porta do berçário é aberta. Clarice engatinha para a porta e vai até batente. Paula está na porta junto a mais dois bebês e diz: “Ei, Clarice quer fugir...” A cuidadora pega a menina da porta e a leva para o tapete, junto a outros bebês. Janete está em uma rede, às voltas com o bebê que não para de chorar. A rede é bem baixa e Clarice engatinha na direção delas. Janete a pega e a coloca na rede junto de outro bebê e faz com que elas se abracem. (*6ª observação, creche, 10 meses*).

Clarice encontra novamente o brinquedo que produz a musiquinha e brinca com ele. Aperta os botões e o leva a boca, bate com ele no chão e o leva a boca. Deixa o brinquedo e vai para a direção de outro brinquedo grande, um caramujo. Pega a antena do bicho e a coloca na boca. Balança-o empurra com o pé e parece meio irritada. Começa a fazer verbalizações como: “háháhá, dêdêdê”, junta os dentes abre os lábios e com uma expressão irritada aperta uma mão na outra verbalizando “hihihihihihi”. Engatinha na direção de uma cadeirinha e bate com a mão nela. Tenta ficar em pé. Parece aborrecida novamente. Verbaliza bastante e a percebe olhando de vez em quando olhando na direção das cuidadoras. (*6ª observação, creche, 10 meses*).

Este retardo no cuidado, não se apresenta como um processo que prejudique o desenvolvimento de Clarice. De fato, segundo postula Spitz (1979/1991), a consequência do privar o bebê do afeto de desprazer durante o decorrer do seu primeiro ano de vida é tão prejudicial como priva-lo do afeto de prazer.

Estes dois elementos apresentam papéis igualmente importantes na formação do sistema psíquico e da construção da personalidade. Ao restringir-se um destes afetos, corre-se o risco de abalar o equilíbrio do desenvolvimento da criança. Segundo Spitz (1979/1991, pg. 138) “A frustração está incorporada no desenvolvimento. É o mais potente catalizador de evolução de que a natureza dispõe”, uma vez que elas compelem o bebê a tornar-se ativo.

Freud (1923/2006, pg.) apresenta o papel do desprazer como teste de realidade: “Quanto às sensações de natureza prazerosa, podemos afirmar que, ao contrário do que ocorre com as sensações de desprazer que exercem uma pressão urgente, as sensações de prazer não são em si nada prementes. As sensações desprazerosas pressionam o afogadilho por uma mudança...”. Sem desprazer, não seria possível um satisfatório desenvolvimento do ego.

Em relação a este aspecto Figueiredo (2007) destaca o exercício da função de cuidador como uma presença implicada. Neste aspecto o cuidador desempenha sua tarefa de

forma comprometida e atuante. Ao se implicar, o cuidador pode exercer diferentes papéis; o de sustentar e conter, de reconhecer, de interpelar e de reclamar. As funções de sustentação e continência são bem exemplificadas pelo conceito *holding* (WINNICOTT, 1960/1983) que envolve as tarefas de acolher, carregar, hospedar, agasalhar, alimentar.

Porém, para que todo esse processo de cuidados aconteça numa atmosfera de saúde, é necessário que se evitem os excessos da função de cuidado. O Acolher, o reconhecer e o interpelar apresentam-se como aspectos fundamentais, mas, é importante desenvolver um acolhimento que não gere uma dependência ilimitada à atenção do outro; bem como, é imprescindível que a interpelação não se dê em demasia, para que não gere mais defesas do que impulso para a vida (CAVALCANTE; LIMA; MELO, 2007).

Para um desenvolvimento integral da criança pode-se dividir o cuidado em duas categorias, apenas para torna-lo mais elucidativo: os cuidados ligados aos aspectos relacionais que envolvem a dimensão afetiva e que foram tratados até agora e os cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde e a forma como esses cuidados são que serão tratados doravante.

Figueiredo (2007) sugere que as atividades de cuidar fazem parte, não só das funções materna e parental, mas também dos trabalhos e tarefas específicas dos profissionais das áreas de saúde e educação.

Diante dos cuidados dispensados de Clarice, podem-se apontar diferenças, entre o lar e a creche, devido às características de cada espaço. Na creche, ambiente em que as rotinas são mais rígidas, pois a instituição apresenta uma proposta pedagógica em concomitância com as atividades de cuidado como alimentação, sono, banho, brincadeiras, apresentam horários mais fixos que em casa, onde as atividades de sua mãe a compelem para a demanda de cuidado na medida em que as necessidades se apresentam.

Em relação à alimentação, por exemplo, enquanto que em casa, Alice alimentava Clarice de forma mais “livre”:

Clarice começa a choramingar e a mãe lhe dá o seio. Clarice mama um pouco e depois esfrega a boca no mamilo da mãe. Fica muito agitada e choraminga mais um pouco. Sua mãe troca o seio e ela mama mais um pouco voltando a ficar inquieta. Clarice força para ficar em pé no colo da mãe e ela responde. Clarice reclama e sua mãe lhe dá novamente o seio, mama um pouco novamente e chora alto. Sua mãe pergunta: “O que você quer minha filha?” (3ª Observação, casa, 09 meses).

Caio passa Clarice para a outra cama e continua brincando com ela. Sua brincadeira está mais descontraída. [...]. Alice retorna a pega no colo e lhe dar de mamar. Alice balança as pernas enquanto amamenta e Clarice estica os braços e mexe os dedos. (7ª Observação, casa, 10 meses).

Alice coloca Clarice na cama e ela começa a chorar. Caio a cerca mexe com ela, contudo, Clarice está aos berros. Está fazendo muito calor e o rosto da menina está suado. Alice, que estava tentando desabotoar o sutiã, diz: “Eu já sei o que tu queres...”. Retira o sutiã e pega Clarice no colo, senta-se na cama e dar de mamar para a menina. Clarice para imediatamente de chorar e mama com prazer. O seio de Alice está cheio e penso que a menina ficou sem ser amamentada o dia inteiro. Clarice faz um barulho esquisito, como se sugasse o leite com muita força. (9ª Observação, casa, 11 meses).

Em casa existe a alimentação no seio. A amamentação tem a característica de apresentar-se de forma instantânea, uma vez que basta apresentar a mama à criança. Sendo que, segundo Spitz (1979/1991), mesmo algumas posturas maternas diante da alimentação estão ligadas aos processos culturais como “hora do café” ou “hora do almoço”.

Alice diz que vai dar a sopa que já estava previamente preparada para ela. Com Clarice no colo, pega um prato e uma colher de plástico e outra colher de alumínio. Serve a sopa no prato e senta-se no sofá para alimentar Clarice. Esta come bem, engolindo com vontade a sopa. Depois faz força para se levantar e sua mãe a segura por uma axila e dá colheradas de sopa com a outra mão. (3ª observação, casa, 09 meses).

À parte destas instituições sociais Alice apresentava outros alimentos, além do leite materno, em momentos em que Clarice apresentava algum tipo de solicitação, como choro ou busca da mãe, ou ainda quando necessitava que a menina se distraísse com algo, atitude que também tomava com o brinquedo.

João a chamou dizendo que Clarice queria dormir. Alice veio da cozinha e Clarice a viu e esticou os braços em sua direção. Alice ficou com uma expressão eu considere indecifrável ao olhar para seu rosto, contrariada, mas com um sorriso maroto para a menina. Pegou Clarice no colo e a levou para o quarto, deitou com ela na rede e lhe deu de mamar. (13ª observação, casa, 11 meses).

Alice diz: “Quer uma uva Clarice?” e pega um saco de dentro da geladeira. Pega uma uva bem grande, lava-a e entrega a Clarice que pega e a coloca imediatamente na boca. Com isto Clarice se distrai e Alice consegue colocá-la no chão sem que ela reclame. (13ª observação, casa, 11 meses).

Denis pega Clarice no colo e se aproxima da mãe falando algo que não consigo entender, depois se vira para mim e pergunta as horas. Respondo e ele fala que ela pode estar com fome. Alice pega uma banana e amassa. Pega Clarice do colo de Denis e passa a alimentar a menina. Porém, na terceira garfada Clarice começa a rejeitar a comida. Diz para que Caio coma, que também rejeita. (19ª observação, casa, 11 meses).

Winnicott (1945/1988), afirma que a alimentação no seio, quando a mãe oferece, pode ser conveniente para esta e pode ser aceito pelo bebê como o cumprimento de um desejo seu, na medida em que ele se adapte aos horários da mãe. Se o intervalo for maior que o natural sobrevém a angústia, todavia a confiança pode ser recuperada se a mãe amamentar o seu bebê quando ele solicitar e poderá voltar ao horário regular quando o bebê for capaz de tolerá-lo. De acordo com Winnicott (1945/1988, p. 36), “se a mãe estiver orientando sua relação com o

bebê à sua própria maneira estará fazendo o melhor que pode pelo seu filho, por ela e pela sociedade em geral”.

Segundo o autor a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem sucedida entre a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser amamentado ao peito materno. “Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples” (WINNICOTT, 1945/1988, p. 36).

Na creche a alimentação apresentava horários rígidos e muitas vezes acompanhados de atitudes mecânicas. Geralmente, nos horários em que a observadora estava presente, a alimentação de Clarice era ofertada após o sono.

Entro e vejo logo Clarice sentada no chão, em um tapete, sob as redes. Algumas crianças ainda estão dormindo, [...] A cuidadora surge com uma mamadeira, pega Clarice no colo e dá o leite para ela. A cuidadora dá o leite balançando as pernas e entoando uma música, fazendo humhumhum. Clarice toma conteúdo da mamadeira com a mão direita segurando na calça da cuidadora. A cuidadora passa a conversar com outra enquanto Clarice mama. Ela começa a empurrar o bico da mamadeira após tomar dois terços do leite e a cuidadora demora um pouco para perceber que ela não quer mais. Quando percebe retira a mamadeira da boca de Clarice e conversa com ela. “Você não quer mais? Toma mais um pouquinho”. E recoloca na boca de Clarice. (4ª observação, creche, 10 meses). A cuidadora diz: “Cadê a minha filha, vamos lanchar.” Pega Clarice e a leva para um canto e a coloca na sua frente. Quando abre o iogurte Clarice grita bem alto. “Ah ah ah”, e a cuidadora diz: “Que isso Clarice!”. (6ª observação, creche, 10 meses).

Norma aparece do vestiário com uma mamadeira e dá de mamar para Clarice, que come com vontade. Clarice toma o conteúdo da mamadeira e norma a coloca no chão, junto com os outros bebês. Norma lhe dá um brinquedo a Clarice e ela fica distraída. (12ª Observação, creche, 11 meses).

Quando Clarice acorda Paula a tira da rede e a coloca em um canto do tapete [...] Paula senta-se ao seu lado e lhe dá colheradas de iogurte na boca. Clarice come com gosto cada uma delas. De vez em quando direciona seu olhar para mim. Clarice come tudo e Paula limpa sua boca com uma fralda. Em seguida, tira suas roupas e a coloca sob o chuveiro. (20ª Observação, creche, 01 ano).

Em relação ao período de sono de Clarice as diferenças, também são notadas. Na creche ele apresenta ligação com os aspectos institucionais:

Nesse momento chegou outro bebê choramingando [...] ele é colocado em uma rede vazia e ele choraminga [...]. “Esse horário é importante, porque eles precisam dormir um pouco senão a gente não aguenta”. (12ª Observação, creche, 11 meses).

Clarice chora e a cuidadora vai até ela para nina-la. Clarice senta na rede e coloca a cabeça para fora e a cuidadora a recoloca na rede, balançando a mesma. Canta uma música de ninar que diz: “Dorme Clarice...” no som de nana neném. [...] Clarice adormece. (2ª observação, creche, 09 meses).

A cuidadora aponta a importância do período do sono, como um momento de descanso, o que pode aproximar do sentimento do cuidador em casa. Entretanto, no caso da creche, é o caráter mais rígido das regras institucionais, a quantidade e a qualidade das atividades que este tipo de trabalho exige do cuidador, que parecem contribuir para o sentimento de sobrecarga no trabalho, na qual os excertos acima se referem. Tais proposições também surgiram em trabalho realizado por Cavalcante, Lima e Melo, (2007).

Na rotina da creche é comum a existência do horário do sono. É recomendável que a criança durma durante o dia, pois se configura como um momento de relaxamento onde o cérebro descansa. Porém, não se pode exigir que todas as crianças tenham o mesmo ritmo e durmam neste horário. Algumas crianças quando começam a frequentar a creche ou não possuem este hábito ou, simplesmente, não conseguem dormir (MORAES, 1997). Na 12ª observação, em uma boa parte do tempo Clarice está dormindo:

Sento no chão próximo a rede e por causa do silêncio percebo que Clarice está roncando bem baixinho. A rede chega a se mover suavemente com sua respiração, na direção do seu rosto. Clarice se mexe de vez em quando e passa um tempo considerável assim. Fiquei pensando que chegar e encontrá-la dormindo não me causou nenhum incômodo como da primeira vez, talvez por estar me sentindo cada vez mais segura para realizar a observação. Todas as cuidadoras estavam no vestiário fazendo alguma coisa [...] Outra cuidadora, Janete, passa por entre as redes e senta ao lado de Paula. Clarice se mexe bastante quando ela passa por ela. Janete comenta com sua fala apressada: “A Clarice tá ferrada no sono”. E abre as abas da rede e levanto do chão para olhá-la. Ela está de bruços e parece mesmo dormir profundamente. “Nem se mexe”. Completa a cuidadora. (12ª Observação, creche, 11 meses).

No fragmento a seguir, não se pode precisar exatamente se a atitude da cuidadora estava ligada a perturbação do sono das crianças, a quebra de e uma das regras ou a possibilidade de fim do sossego do espaço:

Uma moça, que vi em outra sala quando passei por um corredor da creche entra e faz um certo barulho, acordando uma das crianças que estavam dormindo. Fala um pouco alto e quebra a serenidade do lugar. Norma parece não gostar muito da atitude da menina, mas seu desagrado é bem sutil. Depois que ela sai as crianças começam a acordar. (12ª Observação, creche, 11 meses).

Em casa, em consequência do horário em que as observações foram realizadas (sábado pela manhã), poucos foram os momentos em que Clarice foi observada durante ao dormir. Contudo, o sono, configura-se menos como uma pressão do ambiente, como parte de uma rotina (na creche todas as crianças dormiam após o almoço) e mais como uma necessidade do próprio bebê. Mesmo assim, estes ocasiões se apresentavam como possibilidade de Alice poder realizar algumas tarefas, ou descansar:

Alice diz para Caio ir brincar na cozinha e não fazer barulho [...] Caio sai e Clarice, que estava sentada ao lado da mãe começa a puxar a blusa na direção do peito esquerdo e tenta procurá-lo. Alice diz que ela já quer o vício e dá o seio a menina. Caio retorna ao quarto e passa novamente sob a rede e conversa com a mãe. Alice diz: “Se tu não ficar quieto, vai ficar com a Clarice. Desse jeito ela não consegue dormir e eu ainda tenho um monte de coisas pra fazer...” (13ª *Observação, casa, 11 meses*).

Alice está lavando roupa e pergunto por Clarice. “Ela está dormindo no quarto”. Diz de forma bastante natural como que dizendo para que entre lá. E é o que faço. Entro no quarto e Clarice está dormindo a sono solto. Posso ver sua respiração profunda no vai e vem de sua barriga. Ela está deitada transversalmente na rede e seus braços estão esticados ao lado do corpo e suas pernas levemente flexionadas. Veste apenas uma fralda e posso ver seus cabelos mover-se por conta vento produzido pelo ventilador que vai em sua direção. [...] “A Clarice aproveita, e eu dormi só uma hora ontem. Tá todo mundo dormindo acho que eu vou dormir também”. Chega próximo a Clarice e diz: “Hoje tu vai escrever no teu computador: ‘ a Clarice dormiu a manhã inteira’” E eu dou um sorriso para ela. Depois sai dizendo que tem que finalizar o almoço. (15ª *Observação, casa, 11 meses*).

Em relação aos cuidados com a higiene na creche, este aspecto apresenta alguns padrões que se observa durante o banho de Clarice:

A cuidadora vem pega-la para tomar banho, dizendo que sua mãe está para chegar. [...] A cuidadora abre o pequeno chuveiro e Clarice choraminga ao contato com a água que deveria estar um pouco fria e a cuidadora tenta fazer com que ela sente. [...] Ainda com movimentos rápidos a coloca bob o chuveiro e a enxágua. [...] Outra cuidadora chega com outro bebê que já havia tomado banho, porém, fez cocô na fralda e precisa lavá-lo. Assim o banho de Clarice se torna ainda mais rápido, para dar espaço para o outro bebê. Clarice é colocada sobre a toalha e o outro bebê ocupa o tanque [...] Paula Pega uma escova de dentes e um creme dental e escova os dentes de Clarice. Coloca a língua para fora e pede que Clarice a imite. Clarice só faz um a vez e depois não imita mais o gesto. Como ela não consegue mais escovar os dentes porque Clarice fechou a boca e não demonstra nenhum desejo de abri-la a cuidadora finaliza a tarefa simplesmente molhando a mão e passando na boca de Clarice. Lava a escova de dentes e a guarda. Tudo sempre muito rápido. [...] A cuidadora penteia os cabelos de Clarice, e passa colônia com movimentos vigorosos. Pega Clarice no colo e a deixa sozinha em um tapete. (4ª *observação, creche, 10 meses*)

Pergunto por Clarice e a cuidadora me diz que ela está no banho. Entro no vestiário e Clarice está no tanque. [...] A cuidadora escova seus dentes e Clarice de vez em quando olha para mim, curiosa. A cuidadora finaliza o banho e a coloca na toalha para seca-la. [...] a cuidadora enxuga Clarice, coloca uma fralda e veste suas roupas. [...] penteia seus cabelos, prende com uma presilha minúscula e em seguida coloca uma tiara de pano e diz para Clarice não tirar. Ao final da atividade leva Clarice para o centro do tapete. (10ª *observação, creche, 11 meses*).

Nazaré aparece e diz que está na hora de Clarice tomar banho [...] Nazaré tira a fralda de Clarice e descobre que ela fez cocô e diz: “Mas Clarice, tu nem avisas que fez caquinha...” E ri para a menina. Nazaré coloca Clarice sob o chuveiro e Clarice tosse bastante. [...] Nazaré finaliza o banho de Clarice, lavando seus cabelos e enxágua. Coloca-a sobre a toalha e Clarice espirra repetidas vezes. Nazaré enxuga Clarice, passa bastante pomada em sua genitália e lhe veste a fralda. Clarice reclama, choraminga e bate na barriga, penso que fralda pode estar muito apertada e de fato, Nazaré a folga. Clarice verbaliza bastante durante todo o processo. Nazaré senta Clarice e suas mãos vão direto para um vidro de

condicionador que está ao seu alcance, colocando-o na boca. [...] Nazaré veste as roupas de [...] procura o pente que não está mais nas mãos de Clarice e encontra-o em baixo da toalha. “Agora vamos para a batalha”. Se referindo à tarefa de pentear os cabelos de Clarice. (16ª observação, creche, 01 ano).

A partir dos fragmentos acima se pode notar que em todas as atividades de higiene na creche há um o padrão no ato de dar banho em Clarice – banhar, escovar os dentes vestir roupas limpas e pentear os cabelos. Este evento sempre apresentava um horário fixo: após a alimentação e anterior ao horário de as mães virem pegar seus bebês.

Segundo Rossett-Ferreira (2003), a rotina do banho pode se apresentar de dois aspectos, um em que o cuidado se apresenta de forma estritamente mecânica, na qual a organização da situação de cuidado tem como resultado crianças submissas e passivas, sem iniciativa e autonomia. Todavia, a mesma prática de cuidados, quando realizadas de forma mais humanizada, pode ser fundamental para favorecer a educação, pois estão voltadas para o desenvolvimento integral da criança.

Embora as ações fossem realizadas de forma rápida e sistemática, pelas cuidadoras da creche, em decorrência da quantidade grande de bebês e do horário pré-determinado para o banho, estes momentos se apresentavam como encontros e possibilidade de diálogo entre as cuidadoras e Clarice. Cunha e Carvalho (2002) apontam que em muitas instituições os espaços de banho e alimentação, que necessitam de certa individualidade, são em geral recintos divididos por todos, em que várias crianças são banhadas ao mesmo tempo, porém, neste ambiente, esta individualidade era de certa forma preservada uma vez que sempre que a observadora presenciava os momentos de higiene de Clarice, apenas ela e uma cuidadora estavam no vestiário. No entanto, o fato do banho de Clarice ser particularizado não escapava da ritualização de cuidados e rapidez no processo.

Em casa, a rapidez no momento do banho também estava presente, pois sua mãe sempre estava ocupada com alguma coisa e precisava fazer a tarefa o mais ágil possível. Porém, os banhos de Clarice presenciados pela observadora aconteceram em momentos inesperados: sempre que Clarice fazia sujava suas fraldas, ou seja, a partir de uma necessidade urgente de higiene. Todavia, estes momentos também apresentavam muita interação entre Clarice e sua mãe:

Alice vai para o quarto, coloca Clarice sobre a cama e verifica sua fralda. A mesma está suja e Alice limpa Clarice. Pede para Caio que enrole a fralda, pega Clarice no colo e procura mais algumas roupas sujas pelo quarto. Leva-as para a cozinha, coloca as roupas na máquina e olha para o tanque. Fala: “Ixi, Clarice, e agora?” Constatando que a mangueira da máquina de lavar está trelada à torneira do tanque. Alice leva Clarice para o banheiro e a coloca em pé no vaso sanitário a segurando pelas axilas. [...] Alice pega uma ducha, lava o bumbum de Clarice com dificuldade, pois Clarice não para de se mexer ou balançar as pernas. Banha

a menina rapidamente com a ducha e ao final enrola Clarice em uma toalha que estava em seu ombro. Coloca Clarice sobre o tanque e a seca. Em seguida a leva para a sala e a coloca na rede junto com seu pai. (13<sup>a</sup> Observação, casa, 11 meses).

Alice pára o que está fazendo e chega a se aborrecer com Clarice dizendo que ela está querendo apanhar. Pega a menina no colo e verifica sua fralda, notando que está suja de cocô. Vai até o quarto a deita na cama, limpa seu bumbum e a leva para a cozinha. Retira uns objetos do tanque, tudo com Clarice no colo e a coloca dentro para lhe dar um banho. Clarice age da mesma forma como age na creche, tentando alcançar todos os objetos que estão disponíveis, contudo, Alice a impede de pega-los. [...] Depois que ela finaliza o banho, Alice enrola Clarice na toalha e a leva para o quarto, coloca em cima da cama e a enxuga, passa talco e lhe coloca uma fralda nova. Depois que termina deixa Clarice sobre acama, vai até Denis que está jogando videogame de novo e pergunta: “E ai? Como vai ser?? Vai ser??” (21<sup>a</sup> Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Tanto em casa como na creche, Clarice sempre se apropriava de objetos que estavam em torno dos espaços em que tomava banho, na creche em particular alguns objetos eram oferecidos a ela:

Existem alguns brinquedos de plástico na beira do tanque, barquinhos, patinhos e a cuidadora joga todos para que Clarice se distraia enquanto ela realiza a tarefa. Clarice para de choramingar e muda de expressão, e tá senta no tanque, pois os brinquedos chamam sua atenção e ela realmente se distrai, pegando um deles e levando imediatamente à boca. Quando os brinquedos são jogados tenho a impressão que Clarice “relaxa”. (4<sup>a</sup> Observação, creche, 10 meses).

Um fato comum apresentado pelos cuidadores de Clarice tanto em casa como na creche era o fato de o brinquedo também parecer ser oferecido à menina como uma forma de “retardar” o cuidado devido às pressões sobre as cuidadoras na creche, e da mãe em casa devido às outras atividades realizadas pelas mesmas.

Paula coloca Clarice em suas pernas, ambas no chão e lhe dá um brinquedinho. Noto que Clarice não o coloca na boca. É um brinquedinho com várias peças articuladas Clarice o balança no ar e o arrasta no chão. A cuidadora se levanta e coloca Clarice no chão e menina começa a chorar bem alto. Um bebê acorda e Paula balança sua rede. Clarice continua chorando e a cuidadora entrega outros brinquedos para ela. Clarice para de chorar e recebe os brinquedos, mas, não os colocou imediatamente na boca, como fez em casa quando sua mãe lhe deu brinquedos e como eu acho que já esperava. (6<sup>a</sup> observação, creche, 10 meses).

Vamos Clarice, senão eu não consigo fazer minhas tarefas. E leva Clarice para o espaço da TV, ela ainda está soluçando. A cuidadora lhe dá alguns brinquedos e Clarice se distrai com eles, levando-os imediatamente a boca. (8<sup>a</sup> observação, creche, 10 meses).

Em casa o fato se repete:

Alice aparece no quarto com três brinquedos que entrega um a um para o bebê. Clarice pega cada um e vai colocando na boca. E a mãe comenta: “Eu vivo dando brinquedo pra ela porque ela enjoa de um e eu dou outro. Eu vou tomar um banho agora...” e sai do quarto. (1<sup>a</sup> Observação, casa, 09 meses).



Alice vem da cozinha e pega Clarice no colo e Larissa vai para casa. Leva Clarice para o quarto e a coloca em cima da cama e lhe dá alguns brinquedos. Ficamos no quarto por um tempo e Alice lembra que precisa fazer o jantar. (9ª Observação, casa, 11 meses).

Alice se levanta, com Clarice no colo, dizendo que precisa fazer um feijão e pede para Caio ficar com a menina. Alice pega uma boneca bem grande, parecida com um bebê e entrega a Clarice, que ainda está em seu colo. (11ª Observação, casa, 11 meses).

Um aspecto interessante que se revelou na relação de cuidado entre as profissionais da creche e os bebês é um “código” utilizado para indicar a quem o cuidado está sendo dispensado. Ao referirem-se as tais crianças, elas o chamavam de “filho”:

Clarice chora novamente ao ser colocada no chão por Janete lhe entrega um brinquedo. Parece-me que hoje é o dia de Norma cuidar de Clarice, pois ela chama a menina de minha filha, espécie de “código” que usam para dizer quem está cuidando de que bebês. Aos poucos os bebês vão sendo colocados no chão, muitas vezes por Janete, sempre fazendo seu ruído característico. (12ª observação, creche, 11 meses).

Mas estes papéis apresentavam-se bem delimitados em uma observação em particular:

Clarice coloca a mamadeira na boca e retira, ri para a cuidadora, depois leva a mamadeira novamente à boca, mas erra e derruba leite no rosto. Janete limpa o leite com a ponta da roupa de Clarice. Clarice abre a boca e se vira na direção do seio da cuidadora, como se quisesse mamar. Rindo, a cuidadora diz: “Você quer mamar em mim, tu viste... Ela quer mamar em mim... é menina eu não sou a tua mãe”. (4ª observação, creche, 10 meses).

A pesar de, no dia desta observação, ser Janete a responsável por seus cuidados, e ser a sua “filha” do dia, este excerto demarca a variação de cuidado recebida por Clarice diante da exclamação “Ei menina, não sou sua mãe” exprimida pela cuidadora. A partir desta colocação poderia se apresentar sobre a questão: “Você é meu filho, mas eu não sou sua mãe...”. Refletindo a não constância dos vínculos no espaço da creche.

Outro aspecto importante observado no espaço da creche é o fato de os profissionais do berçário assumirem um duplo papel: o de alguém que “cuida” ou “toma conta” das crianças e o de educador, que contribui ativamente para seu desenvolvimento global. O conhecimento que os profissionais do berçário têm sobre o desenvolvimento infantil é um dos fatores que determinam a qualidade do atendimento feito à criança (VITTA; EMMEL, 2004). No cuidado com Clarice na creche este evento se revela em atividades como a “rodinha” e outros jogos:

Paula diz: “Vamos brincar? Olha as frutas... Qual é essa?” [...] Clarice apenas pega os cartões e põe na boca, como faria com um biscoito. Morde-os até ficarem molhados e Paula diz: “Tira isso da boca Clarice”. De forma meio suplicante. (10ª Observação, creche, 11 meses).

Paula pega um dos bebês que está bastante ativo e o coloca no colo senta no chão colocando também outras crianças ao seu redor. Formam o que elas chamam de “rodinha” com as outras crianças e começa a cantar com elas músicas de roda. Parece-me que elas fazem sempre esta atividade, pois elas já sabem que crianças ficam concentradas na brincadeira e quais não ficam. É primeira vez que presencio a “rodinha”. Clarice bate palmas de vez em quando, mas na maioria das vezes fica apenas olhando para Paula com curiosidade. [...]. Paula canta uma musica de um elefante que queria voar e cai e Clarice bate com as mãos no chão. Quando a cuidadora faz um gesto coreografando a musica, às vezes Clarice repete, às vezes não. Paula canta uma musica que fala no nome das crianças, ao falar o nome de Clarice ela olha para a cuidadora prestando muita atenção, como se soubesse que estava falando dela. (14ª Observação, creche, 11 meses).

Paula surge com uma garrafa e diversos canudos cortados ao meio. Ensina Clarice a coloca-los dentro de uma garrafa e a menina a principio não entende bem o que a cuidadora quer. Depois Paula mostra novamente e Clarice passa a colocar os canudos dentro da garrafa. Sempre que Clarice realiza a tarefa, Paula reforça seu comportamento dizendo: “Muito bem Clarice!” (22ª Observação, creche, 01 ano e um mês).

A rotina da educação infantil é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação institucional das crianças pequenas estruturam para desenvolver o trabalho nas creches e pré-escolas. As rotinas geralmente sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta educativa dos educadores (BARBOSA, 2006).

De forma geral, esta autora percebe a rotinização pedagógica como uma forma de controle social sobre as crianças, principalmente porque cada minuto planejado pelos adultos reflete uma dominação adultocêntrica sobre os modos de vida infantis. De acordo com Barbosa (2006) o cotidiano é, para ela, mais abrangente, pois ainda que nele caibam atividades repetitivas ou rotineiras, sempre é possível que inovações e acontecimentos inesperados aconteçam, pois o cotidiano é o cruzamento das múltiplas dialéticas entre o rotineiro e o acontecimento.

Assim pode-se constatar que os dois ambientes em que Clarice estava inserida eram bastante dinâmicos e apresentavam contrastes e coerências em sua dispensa de cuidados, cada um a partir daquilo que podia oferecer. A seguir será analisada a postura do bebê diante destes ambientes que a tornam tão peculiar, a partir do recorte de tempo das observações.

### 4.3 Clarice Clarificada

Esta sessão trata dos resultados e discussão sobre as particularidades apresentadas nas interações de Clarice e seus cuidadores durante as observações em sua casa e na creche. Um destaque dentre elas é o fato de o pai da menina não morar com a família, o que é vivenciado pela mãe como sendo este, uma figura ausente.

“Eu tive uma oportunidade de trabalho aqui e vim morar com uma tia, depois aluguei uma casa junto com a minha irmã e passamos a morar juntas. Só que Ele (João) nunca morou comigo de fato eu que sempre paguei aluguel, ele me ajuda,

mas sempre sou eu que tenho que dar conta. Sempre foi assim, ele vem de 15 em 15 dias e ficamos. Nunca é uma coisa certa. Aliás, foi nesse período em que fiquei grávida”. (*1ª entrevista com os pais de Clarice*).

De fato esta ausência se manifestou na saída do pai, durante o primeiro encontro com a pesquisadora, para retirar o seu carro que estava bloqueando uma garagem e não retornando para a entrevista.

“Eu não ‘moro’ aqui... (deu certa ênfase na palavra moro), eu venho a cada 15 dias”. Nesse momento um caminhão tenta passar pela rua e o pai é chamado para afastar o carro que bloqueava a passagem. Ele demora um pouco e eu continuo a fazer perguntas para a mãe. [...] “Bom, seu companheiro não retornou para a entrevista.” A mãe chama o filho mais velho e pergunta pelo companheiro e este diz que ele saiu para fazer alguma coisa. Ainda espero o pai de Clarice por cerca de 10 min [...] Como o pai não retorna e decido finalizar a entrevista, agradeço a participação e marco a primeira observação para o sábado (16 de outubro) e me despeço. (*1ª entrevista com os pais de Clarice*).

Este comportamento aponta para a dificuldade do pai em participar do processo, levando a observadora a ter que realizar uma segunda entrevista:

Alice está às voltas com o almoço e pergunto se ela também pode sentar-se para participar desta segunda entrevista. Ela diz quer sim e senta-se ao lado do companheiro no sofá. Explico a necessidade de se fazer uma nova entrevista com a presença do pai de Clarice e ele concorda. Inicio a entrevista do momento em que João saiu. (*2ª entrevista com os pais de Clarice*).

O fato da união de João e Alice não ser necessariamente estável repercutiu e se tornou fonte de preocupação ao constatar que estava grávida:

“Quando descobri fiquei muito preocupada, por que eu tinha dois filhos pra criar e ficava nessas incertezas (com o companheiro) [...] Nessas vindas dele as regras começaram a falhar sabe. Ai eu fiz o teste já estava com dois meses, liguei pra ele e contei. Pensamos em tirar”. (*1ª entrevista com os pais*).

Para Debray (1988) além dos cuidados maternos, o pai e o meio familiar em que vivem participam do equilíbrio do cuidado, da relação e das interações com o bebê. Stern (1997) e Winnicott (1960/1983) concordam com o valor dado à família nos cuidados com o bebê, cuja função do pai é dar o suporte econômico e emocional da mãe, proporcionando-lhe a tranquilidade necessária para que ela possa desempenhar seu papel.

Além do suporte prático Winnicott (1996/1997) atribui ao pai a importância do espelhamento – inicialmente assumida pela mãe – na qual a criança poderá reconhecer-se e sentir-se existente e real e enfim alcançar a maturidade emocional. Portanto é essencial que o pai apoie a mãe, e colabore no estabelecimento de uma relação mãe/filho saudável. Deste modo, o bebê poderá integrar-se com auxílio da presença paterna.

Com isso, na atualidade o pai é mais solicitado em termos de uma presença real, de um maior envolvimento na criação dos filhos, além de ser solicitado a estar mais acessível e responsável na criação conjunta dos mesmos. Porém, apesar da solicitação, esta presença, na prática, ainda não é a ideal. Por outro lado, muitas vezes o pai pode-se sentir-se rejeitado e excluído da relação mãe/bebê e pode regredir e utilizar o trabalho como fonte de fuga da situação, atuar com “manias” e certa hostilidade para com a esposa levando a mulher a sentir-se vazia e desprotegida. Klein (1952/1991) reforça que se o homem sempre esteve em harmonia com sua companheira, ele se sente satisfeito no papel de pai e os sentimentos de proteção para com o filho nutrem a criança de com elementos bons.

A despeito do fato de não viverem juntos e isto representar para Alice um fator de frustração, ela optou por ter o bebê, motivada também pelo fato de João já ter uma menina, filha de outra relação:

“Depois decidi que ia ficar com a criança. Por vários motivos. Eu fiquei sabendo que ele tinha uma namorada aqui em Belém e que ela ficou grávida. Era uma menina e eu não conseguia engolir esta história. Ele sempre ia lá dar assistência pra criança e eu ficava pensando que ele ficava empolgado porque ele já tinha dois filhos homens e a da outra era uma menina. Quando eu fiquei grávida eu fiquei com isso na cabeça, de que poderia ser uma menina e que ele deixaria mais de ir lá. Aliás, ele deixou mesmo, nem sei como estão as coisas por lá”. (*1ª entrevista com os pais*).

Segundo a fala de Alice, o bebê se configurou como uma forma de resgatar o relacionamento. De que ele fosse mais estável. O fato de Clarice ser uma menina povoou o imaginário de Alice e encheu-a de esperança de que João seria um pai mais participativo nos cuidados com o bebê e em consequência, um companheiro mais presente.

Assim, Clarice se apresenta como um bebê muito valorizado pela mãe, devido ao papel em que foi colocada na família: a criança que possibilitaria a oportunidade de realização de um desejo do companheiro e “garantia” de unir o casal.

Segundo Mecer (2004) e Frost (2005) cada experiência de nascimento de um filho é diferente, assim como o espaço que a criança ocupa na vida da mãe. A singularidade de cada infante também se liga ao momento em particular da vida da mulher, que precisa se tornar mãe de um novo ser, em sua vida e na família. Para Freud (1914/1996) os pais, a partir de sua atitude emocional, atribuem um papel para o filho, confere perfeição e ocultam suas dificuldades. Assim a criança passa a ser vista como aquela capaz de concretizar os sonhos que os pais jamais realizaram.

Em consequência da busca de realização destes maternos, na relação entre Alice e Clarice há uma clara valorização do feminino do bebê por parte da mãe, sendo a vagina da criança uma parte reverenciada.

Alice deita o bebê na cama tira sua fralda, recomenda o filho para que a olhe, vai até o guarda roupa, não sem antes olhar pra trás, como que para conferir se está tudo bem, pega a fralda e a troca. Dá uns beijinhos nas partes íntimas de Clarice, fala com ela em mamanhês e coloca a fralda (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Alice coloca a filha na cama e a menina abre as pernas, segurando-as pela panturrilha. Alice coloca o rosto entre as pernas de Clarice e cheira sua genitália. Clarice ri e Alice repete a brincadeira, seguida novamente de risos da menina. (*13ª observação, casa, 11 meses*).

Esta valorização pode estar sendo impulsionada pelo provável sentimento de Alice de não sentir-se feminina o suficiente para manter seu companheiro próximo a ela, de não se sentir valorizada por este, e Alice pode experimentar a feminilidade de Clarice como uma “feminilidade auxiliar”, expressão de seu próprio narcisismo. Esta análise pode ser corroborada pelo que aponta Aulagnier (1990), no qual o objeto investido durante a gravidez/maternidade não difere do “eu”, já que, aparentemente, visa a própria pessoa. Assim o processo de investimento libidinal materno ocorre não em detrimento ao seu próprio narcisismo, mas havendo um “... sobreinvestimento narcisista daquilo que é sentido como uma produção endógena, como algo que vem acrescentar-se ao próprio corpo” (AULAGNIER, 1990, p. 18). Ou seja, um investimento e fortalecimento de seu próprio narcisismo.

O valor dado à feminilidade do bebê pode ainda estar ligado à fantasia da mãe de ser completa e onipotente (BRAZELTON; CRAMER, 1992), bem como o desejo de conservar uma imagem idealizada de si mesma como ser completo. Além disso, inclui-se o anseio de duplicar-se ou espelhar-se e de realizar os próprios ideais. Assim, para Cramer (1997) o bebê pode ser considerado o complemento do narcisismo da mãe.

Esta importância também se estende para o espaço da creche, onde Clarice chama a atenção através sua feminilidade, o que de fato chega a ser verbalizado pela cuidadora, em uma das observações:

A cuidadora abre o pequeno chuveiro e Clarice choraminga ao contato com a água que deveria estar um pouco fria e a cuidadora tenta fazer com que ela sente. Clarice estica as pernas, faz força, não quer sentar e a cuidadora, em movimentos rápidos, pega o sabonete e passa no corpo de Clarice, que choraminga mais um pouco. A cuidadora diz: “Senta Clarice ... deixa lavar a cocota. Essa parte é muito importante. Olha os brinquedos...” (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Lava os cabelos de Clarice a colocando bem em baixo do chuveiro e ela ri com a água que escorre em seu rosto. Depois pega outro sabonete e tenta abrir as pernas de Clarice, dizendo: “Abre as pernas Clarice, vamos lavar a cocota”. Finaliza o

banho, que durou cerca de 5 min. E coloca Clarice sobre a toalha. A enxuga e passa hipoglós nas dobras do bumbum e da genitália de Clarice. Coloca sua fralda e passa talco em seu pescoço. (8ª observação, creche, 10 meses).

Quando este movimento de chamar a atenção para a vagina parte de Clarice, Alice a “repreende”, como que receando a competição com o outro feminino.

Alice leva Clarice até o quarto a deita na cama, enxuga e passa talco no bumbum de Clarice, vai até o guarda roupa, pega uma calcinha. Antes de vesti-la Clarice abre as pernas e colocado a mão sobre sua vulva diz: “Que isso minha filha...” Alice veste Clarice. (3ª Observação, casa, 09 meses).

Sua mãe se levanta e leva-a para o quarto, sigo-as. Alice pega uma calcinha vermelha para vestir em Clarice. A menina abre as pernas novamente e desta vez Alice apenas a fecha, com uma certa veemência. Coloca-lhe a calcinha e a leva novamente para a sala. (3ª Observação, casa, 09 meses).

Todavia, durante a segunda entrevista, a observadora pergunta ao pai como foi ter uma menina e a resposta foi surpreendente:

“Eu fiquei assim, eu queria um menino. Eu acho que me dou melhor com os meninos, é diferente a relação sabe. Eu já tinha dois meninos e sabia como lidar com eles. Acho mais fácil lidar com meninos.” (2ª entrevista com os pais de Clarice).

Esta resposta pode estar ligada ao fato de João ter muita dificuldade de lidar com o feminino. Tanto de Alice quanto da filha:

“Eu não tenho muito jeito, sabe, eu dou comida, mas trocar fralda, dar banho, eu não faço. Eu fico sem jeito, por ser menina... ter que pegar nas partes. A gente fica pensando nesses casos de pedofilia, dos pais que fazem mal para as filhas. Às vezes as mães nem confiam de deixar com os pais. Eu não me sinto à vontade sabe. Acho que isso tem que ser com a mãe, quando é uma menina. Os outros não, os meninos eu ajudava. Sebe como é são homens, é mais fácil, por isso também que eu preferia um filho homem, pra mim é mais fácil de cuidar. Neles eu dava banho, trocava fralda, mas com menina é mais complicado”. (2ª entrevista com os pais de Clarice).

Esta dificuldade pode levar a situação descrita no início deste capítulo, onde a “ausência” de João é observada. Ainda assim, Clarice apresenta um papel importante em relação às expectativas da mãe, Alice ainda busca que o companheiro a ajude nos cuidados, com o bebê, porém, em algumas observações esta esperança mostrou-se bastante frustrada. Mesmo em momentos em que João estava presente na casa, a sua ausência era clara.

Clarice bocejou e seu pai entendeu que ela estava com sono. Alice começou a separar umas roupas e João a chamou dizendo que Clarice queria dormir. Alice veio da cozinha e Clarice a viu e esticou os braços em sua direção. Alice ficou com uma expressão eu considerarei indecifrável ao olhar para seu rosto, contrariada, mas com um sorriso maroto para a menina. Pegou Clarice no colo e a levou para o quarto, deitou com ela na rede e lhe deu de mamar. (13ª observação, casa, 11 meses).

Alice pega Clarice no colo e fala “ai, ai” e se resigna a fazer suas atividades com Clarice no colo. Em um momento vai até a sala. Sigo-as, Alice olha na rede em que João está deitado. Parece-me que ele está dormindo e Alice faz uma cara contrariada e volta para a cozinha. (*13ª observação, casa, 11 meses*).

Alice a pega no colo, exclamando “ai meu deus”. Vai até a sala e olha novamente dentro da rede, ficando novamente com expressão contrariada. A impressão que tenho é que João “está mas não está”, pois Alice precisa solicitar a Caio que cuide da menina ou faz as coisas com a menina no colo, como quando João não está em casa. (*13ª observação, casa, 11 meses*).

Para Aberastury (1991), o lugar do pai, entre seis e doze meses, não é tão destacado na literatura, como acontece com a figura materna, contudo, o contato corporal entre o bebê e o pai, no cotidiano, é referência na organização psíquica da criança, devido à sua função estruturante para o desenvolvimento do ego.

Esta importância vai se alargando e no segundo ano de vida, por exemplo, já existe a imagem de pai e de mãe, e a figura paterna fica mais destacada e tem a função de apoiar o desenvolvimento social da criança, auxiliando-a nas dificuldades peculiares a este período e no desprendimento necessário do infante aos costumes da situação familiar, mantidos pela mãe. Assim, a ausência do pai, mesmo quando sua figura se faz presente o que é notado na sua dificuldade de dispensar cuidado e ajuda a mãe, pode trazer algumas consequências ao desenvolvimento do bebê.

Esta “ausência” do companheiro levou Alice a procurar outras matrizes de apoio, como a creche, mas em casa a lacuna ainda se fazia presente, pois a demanda do dia a dia a leva a solicitar ajuda dos filhos, principalmente de Caio. Com isso, a chegada de Clarice tornou as interações emocionais com os outros membros da família ainda mais complexas, pois criou a possibilidade de novos relacionamentos e demandas diferentes, não apenas em termo de tempo, mas também de envolvimento afetivo (ADAMS, 1985). A primeira cena presenciada pela observadora já se revela icônica da relação estabelecida nesta família.

Clarice está em cima da cama cercada de brinquedos e com um deles na boca, não percebe logo minha presença. Clarice é um bebê de pele clara, olhos e cabelos escuros e aparência saudável. Está vestida em uma fralda descartável e com uma presilha no cabelo. Seu irmão encontra-se em frente a ela brincando com um cinto branco dobrado ao meio e encolhendo-o e esticando-o de modo que o mesmo produz um ruído, esta brincadeira é realizada bem perto do rosto de Clarice que pisca ao escutar o barulho. Com o decorrer da observação entendo que ele não está simplesmente brincando com a irmã. (*1ª Observação, casa, 09 meses*).

Cada novo membro que chega ao grupo de irmãos reaviva as rivalidades e modifica a distribuição dos papéis. As disputas fraternais são comuns na maioria das famílias, o que está em jogo é o amor preferencial da mãe (GOLDSMIDE; FERES-CARNEIRO, 2007). Neste

caso a dinâmica de relacionamento que se estabelece entre Clarice e seu irmão apresenta-se de forma bastante ambígua, uma vez que Caio percebe que perdeu seu posto caçula e assim, sente-se obrigado a renunciar o lugar de objeto exclusivo e privilegiado da figura materna. Todavia, o papel de cuidador de Clarice, no qual é colocado pela mãe, pode trazer-lhe novamente para o centro de atenção. Com isso cuidar da irmã, estar com ela torna-se importante para o menino.

Mas, este lugar traz grandes esforços por parte do garoto e, quando este é solicitado muitas vezes por sua mãe para que cuide de sua irmã, surgem os protestos. Seus desejos de não cuidar da irmã (por se tarar de uma tarefa que lhe exige muito), vão surgindo ao longo da primeira observação e se seguem por toda ela. Caio usa de subterfúgios para não tomar conta de Clarice ao mesmo tempo em que tenta não contrariar a mãe.

Clarice vai se arrastando pelas suas penas e depois engatinha para a ponta da cama. O irmão a pega pelo pé e encosta o rosto na fralda de Clarice... faz uma careta e diz: “Mãe... acho que a Clarice tá suja, tá com cheiro ruim... Acho que tu tem que dar banho nela. “Tá suja?!” Depois de um minuto, mais ou menos, a mãe aparece no quarto. Olha dentro da fralda e diz: “Acho que não...” . (1ª Observação, casa, 09 meses).

Ela fica calma por um tempo, mas depois começa a escorregar pelas pernas do irmão ele a recoloca no colo e ela se irrita. Clarice chora e o irmão se levanta e fica com ela no colo. O bebê não para de chorar e ele diz: “Mãe, porque tu não dá banho nela?” “Porque eu já dei banho nela mais cedo...” “Mas ela tá melada de suor...” “Caio, fica com ela aí...”. “Mas mãe...” (1ª Observação, casa, 09 meses).

E este comportamento reaparece em outras observações:

Caio coloca Clarice em suas pernas, no chão e a menina pega o controle do carrinho e o coloca na boca. Como Clarice está sentada no colo de Caio e ele reclama: “Mãe, ela fez xixi... eu to molhado”. Caio tira Clarice do colo e se levanta. Mostra o short molhado para a mãe diz: “Mãe eu vou tomar um banho... eu to molhado...” “Espera um pouco Caio, vigia ela aí...” “Mas mãe eu to molhado...” “Tá vai... vai...” (3ª observação, casa, 09 meses).

Caio, que está sentado com as costas para o encosto do sofá, coloca o braço direito em torno do tronco da menina, porém, ele vai escorregando devagar e fica quase deitado no sofá. Fica assim por um tempo e depois diz: “Aí mãe tá doendo, me ajuda”. “O que é Caio?” “Me ajuda aqui, que meu braço tá doendo...” (7ª observação, casa, 10 meses).

Caio se senta em um pedaço de isopor com um furo no meio, com o formato de uma bóia e chama a atenção de Clarice, mesmo assim a menina se recusa a sentar e chora. Caio diz que ela não quer sentar porque ela fez cocô na fralda e Alice diz “será?” e olha na fralda, mas, Clarice está limpa. (13ª observação, casa, 11 meses).

Contudo, em outras ocasiões Caio se mostra bastante incomodado com o fato de ter outras figuras cuidando de Clarice. Chegando a disputar com estes para ficar com a menina:



Já está ficando um pouco escuro e uma garotinha entra no quarto e diz “vem Clarice, vamos lá com o Caio” e Alice diz “não”. A garotinha continua chamando por Clarice até que ela entra definitivamente no quarto e pega a menina no colo. Caio aparece e diz para a mãe que estava com fome e Alice sai do quarto dizendo que vai fazer um café para ele. Caio inicia uma disputa por Clarice. Beija na palma da mão do bebê, cheira sua cabeça e começa a pedir a irmã do colo da outra. A menina, que se chama Larissa, se recusa a entregar Clarice e Caio diz: “Eu nem aproveitei ela, me dá...” Mas Larissa continua irredutível. Outra garotinha menor entra no quarto e também brinca com Clarice e Caio fica entre elas tentando chamar a atenção da irmã. (9ª *Observação, casa, 10 meses*).

O pai que está sentado no sofá chama Clarice para seu colo e Denis a passa para o pai. Começa o que me parece ser uma disputa pela atenção de Clarice. O pai a pega e brinca com ela, segurando-a pelas axilas e Denis senta próximo e bate palmas para o bebê. Caio está agitado e anda ao redor do pai tentando pegar Clarice no colo. Tenta pegar a menina pelas axilas e o pai ignora solenemente, apenas brincando com o bebê. Caio chega a verbalizar o que me pareceu uma reclamação por não conseguir pegar Clarice: “Ninguém deixa... ninguém deixa...” Parece meio chateado e senta-se na cadeira que costumo sentar. Depois continua a cercar o pai e Clarice, enquanto Denis também tenta brincar com ela. (5ª *observação, casa, 10 meses*).

Este é um momento que Clarice ainda está cercada de atenção de todos os homens da família e me parece estar bem satisfeita com isso, pois entre as colheradas faz “bichinho” para o pai, mexe as pernas no colo do irmão e tenho a impressão que Caio disputa um pouco para também dar atenção à irmã. (5ª *observação, casa, 10 meses*).

Este comportamento da Caio em relação a sua irmã pode estar ligado ao fato de, ao não estar sendo solicitado pela mãe para estar com o bebê, o sentimento de obrigação para com os cuidados se desfaz. Como Caio tem a noção de seu novo papel diante da mãe e da irmã e, neste sentido, a presença de outras figuras de cuidado pode estar sendo vivenciado como uma ameaça de perder a importância de seu lugar e de como ele pode ser notado a partir da função de cuidador da irmã. Quando seu espaço é retomado, a partir do momento em que é solicitado, volta a sentir o peso de seu posto como cuidador de Clarice.

O irmão mais velho de Clarice, Denis, também apresenta remodelação de papel na dinâmica familiar estabelecido pela entrada de Clarice na família. Também é solicitado pela mãe como cuidador do bebê. Clarice demonstra uma ligação muito forte com o irmão mais velho, mais até que com o próprio pai.

Eles estão bem próximos de Denis e Clarice, que parou de chorar, se joga nos braços do irmão mais velho. (5ª *observação, casa, 10 meses*).

Para Stewart e Marvin (1984), a ideia de que o irmão mais velho age como uma figura de apego secundária para a criança representa um claro afastamento do foco usual no vínculo mãe/bebê nas culturas ocidentais. Porém, neste caso a figura de Denis está apresentada como

substituição da figura paterna. De fato, Alice parece invocar o nome de Denis em momentos que no geral se invoque a figura do pai:

Alice abre a geladeira e pega uma vasilha com legumes, ao fechá-la nota que Clarice esta muito próxima da beira do sofá e larga a vasilha no chão e corre para ampará-la. Pega Clarice e a tenta colocá-la no chão, mas, ela firma as pernas e não senta. Alice diz. “Fica ai minha filha, olha o Denis, lá vem o Denis... fica aqui com ela Caio”. (7ª Observação, casa, 10 meses).

Volto para a porta do quarto e Alice deita-se na rede com Clarice e a coloca em seu colo, batendo d eleve em suas costas. Clarice choraminga e Alice fala: “Olha o Denis, ele tá quase para chegar.” (11ª observação, casa, 11 meses).

É provável que a função paterna, por ser ausente, não seja bastante forte para ser exercida por João, ao passo que Alice invoca a figura de Denis para ocupar este lugar.

Além disso, é possível que Denis acabe se dispondo a ocupar este espaço, a partir de um senso de responsabilidade, uma vez que quando o irmão mais velho reconhece algum perigo para os demais, pode desenvolver alguma atitude protegê-los. Assim quando há um sistema familiar cooperativo, há possibilidade do surgimento de situações de cuidado entre irmãos (DELLAZZANA; FREITAS, 2010). Com isso, Denis participa ativamente do cuidado de Clarice. Pelo menos nas primeiras observações, o rapaz apresenta um grande senso de cuidado, responsabilidade e cooperativismo.

No entanto, na 21ª observação Denis é percebido pela observadora como estando contrariado em ter que cuidar de sua irmã:

Eu tive uma sensação diferente de Denis hoje, pois em outros momentos ele me pareceu mais solícito, talvez por passar menos tempo com a irmã. Mas desta vez ele parecia estar muito mais interessado em jogar videogame do que ajudar a mãe a cuidar da irmã. (21ª Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Esta percepção também estava ligada ao fato de a mãe de Clarice solicitar várias vezes que Denis fosse mais ativo nos cuidados com a irmã.

Denis se levantou e tirou Clarice de perto do fogão e colocou próximo a ele. Porém, Clarice encaminhou-se imediatamente para o filtro e abriu a torneira, derramando bastante água pelo chão. Alice diz: “Clarice, sai daí... Denis tu não estás vendo isso...” E Denis se levanta e tira Clarice de perto do filtro. (21ª Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Depois que finaliza o banho [...] deixa Clarice sobre acama e vai até Denis que está jogando videogame e pergunta: “E ai? Como é que vai ser?? Vai ser??” (21ª Observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Talvez o fato de não morar em casa antes, não sobrecarregasse Denis, e nesse caso quem sentia a fardo das solicitações era Caio. Com o estabelecimento definitivo de Denis na casa de sua mãe os pedidos diários voltaram-se para ele e o rapaz se sentiu mais sobrecarregado.

Apesar de toda esta rede de cuidado constituída em torno de Clarice seus pares ainda apresentam algumas dificuldades em saber o que o bebê quer, tanto em casa como na creche:

Clarice começa a choramingar e a mãe lhe dá o seio. Clarice mama um pouco e depois esfrega a boca no mamilo da mãe. Fica muito agitada e choraminga mais um pouco. Sua mãe troca o seio e ela mama mais um pouco voltando a ficar inquieta. Clarice força para ficar em pé no colo da mãe e ela responde. Clarice reclama e sua mãe lhe dá novamente o seio, mama um pouco novamente e chora alto. Sua mãe pergunta: “O que você quer minha filha?” Clarice se levanta novamente, chorando e sua mãe a segura pela axila e Clarice flexiona as pernas dando pulinhos sem tirar os pés do contato com as pernas da mãe. Alice sopra em sua nuca, estava muito calor. (3ª observação, casa, 09 meses).

Clarice engatinha na direção da porta do banheiro e a cuidadora a recoloca a recoloca no centro do tapete. Observa as pessoas que passam por ela, choraminga e depois chora alto. Engatinha novamente para a porta do banheiro e chora de uma forma que eu nunca havia escutado, dá gritos altos durante o choro. Pareceu-me um choro bastante sofrido. A cuidadora surge com uma mamadeira com leite, pega Clarice no colo e dá o leite para ela. A cuidadora balança as pernas e entoando uma música, fazendo humhumhum. Clarice toma conteúdo da mamadeira com a mão direita segurando na calça da cuidadora. A cuidadora passa a conversar com outra enquanto Clarice mama. Ela começa a empurrar o bico da mamadeira após tomar dois terços do leite e a cuidadora demora um pouco para perceber que ela não quer mais. Quando percebe retira a mamadeira da boca de Clarice e conversa com ela. “Você não quer mais? Toma mais um pouquinho” E recoloca na boca de Clarice. O bebê empurra novamente o bico da mamadeira com a língua dando demonstrações de que está satisfeita. A cuidadora dá a mamadeira na mão de Clarice e ela segura. A cuidadora diz: “Toma neném...” (4ª observação, creche, 10 meses).

Uma peça fundamental para a constituição do psiquismo é a presença do outro o quanto é imperativo que o este entenda as reais necessidades do bebê. Com isto, Freud (1900/2006) enfatiza a importância e qualidade do trabalho prestado ao bebê por outro ser humano – em geral a mãe, entretanto, podendo configurar-se em qualquer cuidador – no momento inicial da composição do aparelho psíquico. Assim, Clarice apresenta uma característica importante para se colocar nos dois ambientes de cuidado ao chamar atenção para as suas necessidades através do choro e do grito:

Tenho a impressão que Clarice se cansa de ficar sozinha, pois começa a resmungar e a choramingar... (6ª observação, creche, 10 meses).

Já estava tendo a impressão de que a bebê novata estava demandando bastante de uma das cuidadoras por está chorando, pois a mesma só ficava no colo, e as demais estavam bastante ocupadas e Clarice estava tendo que se virar sozinha hoje, porém, acho que ela já estava irritada com a situação. Clarice chorava e choramingava. Engatinhou na direção da cuidadora que estava sentada no chão com a bebê que chorava bastante. A cuidadora a chamou seu nome e ela foi seguindo na direção de suas pernas. Apoiou-se nelas e a cuidadora deitou-se e Clarice continuou a escalar por suas pernas até chegar a sua coxa. Passou por cima delas e sentou-se no chão. Achou novamente o coelhinho de plástico apanhou-o e o colocou na boca. Outro bebê tira o coelhinho das mãos de Clarice, à força, e ela chorou ruidosamente. (6ª observação, creche, 10 meses).

Larissa reaparece e pega Clarice no colo novamente. Pega um brinquedo que produz bolinhas de sabão e brinca com a menina. Clarice tenta pegar o objeto e Larissa não deixa. Ela grita e reclama, como se quisesse o objeto de qualquer jeito. Larissa esconde o brinquedo e Clarice grita e chora. Larissa a levanta nas pernas e Clarice grita na direção do seu ouvido, chega a inclinar a cabeça para encostar a boca na orelha da menina e grita bem alto. Ela parece muito aborrecida e contrariada. Alice vem da cozinha com um biscoito na mão e entrega para Clarice a colocando no chão. Clarice distrai-se com a bolacha. (9ª observação, casa, 11 meses).

O bebê que estava perto tenta pegar o brinquedo da mão de Clarice e ela grita a plenos pulmões. Uma cuidadora que estava sentada em uma poltrona pergunta: “O que é isso?” Ela vem até eles para ver o que estava acontecendo e ao constatar a situação devolve o brinquedo de Clarice novamente, repreendendo o outro bebê. O fato se repete novamente e Clarice grita alto. Desta vez segura com firmeza seu brinquedo e não deixa que o outro bebê o pegue. (8ª observação, creche, 11 meses).

Segundo Freud (1905/2006) diante de uma situação de desconforto provocado por fome ou desamparo o bebê, por meio de choro e agitação do corpo, tenta descarregar a sensação de desprazer, “[...] essa via de descarga adquire assim, a importantíssima função de comunicação” (pg. 190), isso significa que o bebê com movimentos de grito ou choro, desperta atenção de alguém experiente que se volta a ele com o objetivo de prestar-lhe os cuidados necessários para que o desprazer seja removido, deste modo porque a criança consegue informar ao outro a existência de um estado de tensão interna, evento este que adquire importante função de comunicação.

Além disso, Clarice ainda apresenta-se incapaz de realizar uma ação específica que leve a satisfação de suas necessidades, então, por meio do grito ela comunica aos seus cuidadores tanto em casa como na creche que está necessitando de ajuda de um meio externo, uma ajuda alheia.

Neste momento o outro adquire um papel fundante nesta primeira experiência de satisfação, sendo este o momento inaugural da psique e da gênese da sexualidade uma vez que o bebê, junto com leite, ingere a libido materna. Assim entende-se que esta vivência de satisfação não é apenas alimentar, pois suprime uma demanda libidinal, inaugura psique e instaura o desejo. Assim é possível compreender a importância dos cuidados maternos como sendo fundamentais para despertar a pulsão sexual na criança e a imprescindível assistência do outro na constituição do desejo. Segundo Aulagnier (1990) o investimento libidinal materno está presente desde o primeiro encontro da boca com o seio e transforma a esta parte do corpo do bebê em uma zona erógena.

Freud (1905/1996) define zona erógena como sendo “uma parte da pele ou mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa em determinada

qualidade” (pg. 172). Para o autor o primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente, da época do nascimento em diante é a boca, sendo que inicialmente toda atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades desta zona. Este fato é claramente notado em Clarice em praticamente todas as observações:

Clarice dá gritinhos e continua me fitando. Depois se distrai com um brinquedo qualquer o levando imediatamente à boca. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Clarice coloca a mão direita na boca e se balança. Pedro solta o chocalho que faz um ruído ao cair no chão e Clarice engatinha em direção ao objeto e o pega. Bate com ele no chão vira-o e coloca o cabo na boca, bate-o no chão e o coloca novamente na boca. Uma cuidadora que estava alimentando Clarice senta-se no chão com outro bebê no colo e ao olhar para Clarice diz: “Não Clarice, não põe na boca...” Apesar dos pedidos da cuidadora Clarice retorna o objeto à boca e chupa-o com prazer. Outra cuidadora se senta próximo e diz: “Clarice, não põe na boca, é assim que faz.” (*4ª observação, creche, 10 meses*).

Alice coloca Clarice no chão, que chora para não ficar. Alice entrega a ela alguns brinquedos e Clarice pega um em formato de bóia, pequeno e o coloca na boca. Grita e bate com ele no chão, como que reclamando que não queria ficar ali. Alice limpa o chão e Clarice engatinha em sua direção. (*7ª observação, casa, 10 meses*).

Clarice larga o brinquedo, pois encontrou uma chupeta que estava no chão, entre os bebês. Coloca-a na boca, do lado da alça e fica um bom tempo com ele assim. (*8ª observação, creche, 10 meses*).

Alice dá o garfinho e a colher do presente nas mãos de Clarice e ela a coloca na boca. Clarice brinca o tempo todo com os objetos e em um dado momento eles caem em baixo da cama e ela tenta ir atrás para buscá-los. Como ela sai do meu campo de visão, eu passo para a outra cama para vê-la melhor. Clarice fica um bom tempo atirando e juntando os objetos do chão, colocando na boca e jogando no chão novamente e Alice comenta: “ - Ah! Se eu fosse fazer tudo direitinho e não deixasse ela colocar as coisas que caem no chão, na boca... ela sempre faz isso, eu que já nem ligo mais... (*17ª observação, casa, 11 meses*).

Estava muito frio, pois chovia bastante e Clarice tremia sob a água que parecia estar muito gelada. [...] como sempre tentava pegar todos os objetos que a cercava [...] Clarice tremia muito, mas este evento parecia não lhe incomodar, pois continuava a pegar os objetos e a coloca-los na boca. (*20ª observação, creche, 01 ano e 01 mês*).

Além da oralidade, Clarice apresenta uma voracidade relacionada aos objetos, principalmente os brinquedos que sempre são ofertados a ela tanto em casa:

Eu vivo dando brinquedo pra ela porque ela enjoa de um e eu dou outro. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Deita o bebê na cama tira sua fralda, recomenda o filho para olhar o bebê, vai até o guarda roupa, não sem antes olhar pra trás, como que para conferir se está tudo bem, pega a fralda e a troca. Dá uns beijinhos nas partes íntimas do bebê, fala com ela em maminhas e coloca a fralda. Caio vai até o guarda-roupa e pega uma régua, um apontador, um lápis e uma borracha e vai sentar-se na cama de solteiro. A mãe coloca Clarice sentada novamente na cama, coloca brinquedos ao seu redor e pede ao filho para vigiá-la. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Caio fica com Clarice por um tempo. Traz alguns brinquedos e Clarice pega um deles e coloca na boca. Caio pega um brinquedo que faz bolinhas de sabão e sopra algumas bolas na direção de Clarice. (7ª observação, casa, 10 meses).

Alice pega uma boneca bem grande, parecida com um bebê e entrega a Clarice, que ainda está em seu colo. A menina carrega a boneca, segurando pelo pescoço e coloca a cabeça na boca. (11ª observação, casa, 11 meses).

#### Quanto na creche:

Paula coloca Clarice em suas pernas, ambas no chão e lhe dá um brinquedinho. Noto que Clarice não o coloca na boca. É um brinquedinho com várias peças articuladas e Clarice o balança no ar e o arrasta no chão. A cuidadora se levanta e coloca Clarice no chão e menina começa a chorar bem alto. Um bebê acorda e Paula balança sua rede. Clarice continua chorando e a cuidadora entrega outros brinquedos para ela. Clarice para de chorar e recebe os brinquedos. (2ª observação, creche, 09 meses).

Uma cuidadora senta-se perto dos bebês e Clarice engatinha em sua direção, olha para mim e diz: “Lá vem a Clarice, tinha que ser... eu não vou te pegar” e ainda olhando pra mim diz: “Ela adora um colo”. Clarice se levanta e tenta novamente ir para o colo da cuidadora que a pega e a coloca no chão. Entrega-lhe um brinquedo, parecido com um carro e a outra bebê tenta pegar (10ª observação, creche, 11 meses).

Segundo Winnicott (1982), quando o lactente se encontra sob o domínio dos impulsos instintuais, isto é, quando busca o objeto e a satisfação do impulso amoroso primitivo, ele vive a experiência da devoração, que visa à satisfação do impulso, e não a destruição do objeto. O impulso amoroso primário, um incitamento voraz que clama por relacionamentos, só é agressivo por acaso. A outra raiz da agressividade, Winnicott vai encontrá-la na motilidade, uma das manifestações de outro patrimônio herdado pouco variável, denominado por ele de potencial de força vital.

Por apresentar esta comunicação Clarice acaba sendo vista pelas cuidadoras como um bebê “zangadinho”:

A cuidadora coloca a fralda em Clarice. Senta-a e veste sua roupa e seu sapato, tudo sempre de forma muito rápida. Clarice continua a “falar” comigo e a cuidadora diz: “Ela é a brabinha... Clarice enfezadinha... ela tá braba”.

Encosto-me na parede e Clarice logo percebe minha presença. Julia passa, quebra um biscoito ao meio e entrega um pedaço para Clarice, que o coloca na boca. Dá também um biscoito a Maria Eduarda, que está no colo de Nazaré: Julia diz: “Ela tá muito estressada...”. “Quem?? Pergunto, desconfiando que estejam falando de Clarice.” “A Clarice, tu precisas ver quando ela fica com raiva. Facha as mãos e grita, como se estivesse com raiva dela mesma”. E aperta as mãos e estica os braços imitando o comportamento de Clarice. “É a Sra. estressadinha...” Penso, neste momento, que já presenciei muitos momentos como estes descritos pela cuidadora em que Clarice parece bastante aborrecida e que faz tal gesto. (16ª Observação, creche, 01 ano).

Clarice brinca bastante depois, parece se cansar e se recusa a empurrar o brinquedo. Nazaré ainda tenta fazer com que ela continue, mas ela parece se

irritar e dá uns gritinhos. E Nazaré diz: “Acho que cansou, mas ela tá enfezada... é a Sra. estressadinha mesmo...” E devolve o brinquedo para o lugar que estava pegando outros de montar. (16ª Observação, creche, 01 ano).

Winnicott (1992; 1984/1999) afirma que a agressividade de alguns bebês se inicia antes do nascimento e está presente nos movimentos tônicos da criança, pois estes não são intencionais, tampouco têm uma conotação de conduta agressiva. Ou seja, não é exclusiva da emergência de instintos agressivos primitivos. Esses movimentos auxiliam o bebê na descoberta de um mundo que não é o seu e, conseqüentemente, iniciam o estabelecimento de uma relação com o mundo externo. Portanto, a agressividade pode estar ligada a uma diferenciação do que é do eu do bebê e do que não é.

Esta afirmação diverge da posição Klein (1952/1991) de que a agressividade se expressa como inveja, ódio ou sadismo e que é uma manifestação da pulsão de morte. Winnicott (1984/1999) relacionou as reações agressivas de um bebê ao papel do ambiente nos estágios iniciais, relacionou a dependência do bebê ao fato de que ele reage ao tipo de cuidados que recebe.

Assim, percebe-se uma constância, na forma como Clarice apresenta seu desenvolvimento e suas posturas diante do ambiente tanto em casa como na creche.

#### **4.5 Clarice e a Observadora**

Nesta sessão serão discutidas as questões concernentes à observadora e sua relação com Clarice. Neste ponto faz-se necessário lembrar o tripé utilizado na aplicação do Método Bick que são: a observação, a transcrição e a supervisão. Quanto a este último, mostrou-se fundamental e auxiliou a observadora a colocar em palavras algumas sensações e experiências vividas na observação.

Apesar da observadora já ter realizado observações anteriores, em um ambiente familiar, o fato de ter que reiniciar uma observação em uma nova família trouxe muitas expectativas e se apresentou bastante ansigênico para a mesma. De fato, o primeiro contato da observadora ocorreu no ambiente institucional, por oferecer mais probabilidade de contato com um bebê que pudesse participar da pesquisa com as especificações que a mesma exige: no caso o bebê estar matriculado em uma creche. Em relação ao primeiro contato na instituição pode-se destacar:

Chego à creche por volta de 15horas (horário previamente marcado com a diretora por telefone), porém, ainda espero por cerca de 30 minutos. [...] às 15:30 a diretora chega, todavia, ainda espero por cerca de 20 minutos até que ela me convide para entrar em sua sala. “Oi Eliana, desculpe faze-la esperar, mas estava resolvendo umas coisas.” (Entrevista com a diretora e funcionárias da creche).

Este episódio levou a observadora a criar muitas expectativas em relação a como se realizariam as observações, pois esta demora também estava refletindo o fato de o contato com a família não estar seguro e provocar mais delongas para o início das observações e a necessidade da observadora para que os vínculos se estabelecessem o mais depressa possível, não suportando demoras. Contudo após este contato, tanto a direção da creche quanto a família se mostraram bastante solícitos e acolhedores durante as observações que se seguiram.

Segundo Rosa (1997) o impacto sofrido pelo observador frente às ansiedades que permeiam o início das observações, quando são suficientemente toleradas e acolhidas constitui um espaço através do qual se pode conhecer e compreender o que acontece nas dinâmicas de relações do bebê e seu ambiente. Segundo este autor a supervisão também auxilia o observado a lidar com as emoções do início do processo.

O primeiro contato com o ambiente familiar de Clarice também é permeado por atrasos, desta vez por parte da observadora:

A entrevista foi previamente marcada para às 10 horas da manhã, mas, chego 10 minutos atrasada por conta de engarrafamento, uma vez que a mãe mora em um bairro afastado e é véspera do Círio. (*1ª entrevista com os pais de Clarice*).

No primeiro dia de observação os obstáculos psicológicos foram surgindo, segundo o relato da observadora:

A casa é no fundo e nos altos. Tem uma escada íngreme, de cimento cru e a mãe me vê e me convida para entrar. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Quando chego ao portão que dá acesso à casa de Clarice, este se encontra trancado. Bato por um tempo e até alguém de uma casa vizinha a dela vir me atender. Antes disso olho por entre as grades e constato que a porta estava trancada e sinto uma preocupação. (*3ª observação, casa, 09 meses*).

Escadas íngremes e portas trancadas podem ter refletido o receio da observadora de não seguir acessar a dinâmica da família ou não ser aceita dentro desta.

Nos primeiros encontros a observadora buscava definir seu papel com uma postura distante, defendendo-se de receio de ser colocada como mais uma possível cuidadora do bebê. Esta postura, provavelmente prejudicava o seu vínculo, tão ansiado com a família. Segundo Sandri (1997), neste método de observação, o pesquisador se depara com o constante desafio de observar as relações familiares sem um lugar ou papel previamente definido. Desta forma, é possível que nos primeiros contatos com a família, o observador atue em diferentes papéis, pois está sendo inserido no núcleo de uma dinâmica familiar no qual não há reservado previamente, um lugar para ele.

Na nona observação, os sentimentos de ainda não ter conseguido encontrar seu lugar e estabelecer o vínculo se fez muito presente em uma observação em particular a qual houve um



desencontro entre Alice e a observadora:

Chego ao endereço de Clarice cerca de 5 minutos adiantada, espero em frente ao portão alguns minutos como sempre faço, quando estou adiantada e, em seguida abro-o e me dirijo através do chagão para a porta da casa. Depois ter cruzado dois terços do estreito caminho, noto que a porta está fechada, o que não é usual e temo que não estejam em casa. Chego a frente da porta apreensiva e bato. Ninguém responde. Ouço um barulho de TV e me animo, só para perceber depois decepcionada que o ruído vem da casa vizinha. Bato mais uma vez, agora com mais força. Estava ficando preocupada, pois logo aos a observação eu tinha um compromisso e não poderia chegar atrasada. Bato outra vez e a porta da casa ao lado se abre e uma vizinha me avisa que Alice, junto com as crianças, foi para a creche participar de uma feira cultural que estava ocorrendo lá. Perguntei-me porque que ela não me avisou. Depois descubro que ela não iria demorar e achou que iria dar tempo de chegar. Ligo para meu supervisor para pedir instruções e ele me orienta a marcar outro horário. Após algum tempo depois de ter saído do endereço Alice me liga, me explica o ocorrido e marcamos a observação para segunda feira, dia 22. (*prólogo referente a 9ª observação, casa, 11 meses*).

Ainda nesta observação havia o sentimento de que as observações eram penosas, pois a descrição da chegada da observadora na casa e ter que atravessar corredores estreitos e chão pedregoso se fizeram presentes, contudo, após o acolhimento recebido pela observadora na nona observação estas palavras desapareceram gradualmente das transcrições.

Alice surge na minha frente e fala comigo, quando levanto a cabeça ela está com um copo de café com leite nas mãos bem próximos do meu rosto. “Toma um café Eliana”. E me sinto constrangida em dizer não. Pego o copo e começo a tomar o café. Confesso que fiquei intimamente agradecida pelo café com leite, pois estava com muita fome, já eram 18 horas e meu dia havia sido bastante cansativo. Nesta observação tive uma sensação de receptividade e acolhimento por parte de Alice. (*9ª observação, casa, 11 meses*).

Todas estas situações contrastantes pedem uma elaboração por parte da observadora. A análise auxilia nesta empreitada, porém, a transcrição e a supervisão auxiliam o observador a se preparar para os próximos encontros nos quais será alvo das projeções da família e entendimento dos sentimentos contratransferências (BENETTI, 2003).

No ambiente da creche a sensação da observadora era o de estar incomodando a quietude, ou atrapalhando no cuidado com os outros bebês.

Chego ao berçário e há um lençol tapando o vidro da porta. As cuidadoras sempre o colocam para diminuir a passagem, de luz. Desta vez há o desenho de um semáforo no pano. Achei o desenho interessante, pois é como se eu tivesse que respeitar as regras da sinalização para entrar no lugar, como se precisasse de uma permissão. Bato bem devagar, como se eu batesse mais forte, atrapalhasse a quietude do lugar. Há uma demora em me atenderem. Tiro logo os sapatos e espero. Bato novamente com um pouco mais de força e Paula abre a porta para mim. Entro e todas as crianças estão dormindo. O ambiente está bastante quieto e aconchegante e todas as cuidadoras falam bem baixinho umas com as outras. (*11ª observação, creche, 11 meses*).

Assim para Benetti (2003), à semelhança do método psicanalítico, o observador necessita encontrar uma posição na qual realize sua tarefa induzindo a menor distorção no

ambiente. Deste modo, o observador deve deixar que as pessoas do grupo alvo da observação (neste caso, o familiar e o institucional) lhe ofertar um espaço no ambiente, sem estabelecer de um modo ativo o seu lugar dentro deste.

Os primeiros contatos da observadora com Clarice deram-se a partir do olhar. O qual foi se transformando no decorrer das observações, todavia, o primeiro foi acompanhado de um misto de curiosidade e desconfiança:

Seu irmão está de costas para mim e também ainda não me viu. Nesse momento Clarice inclina o tronco para o lado, como se estivesse em câmera lenta, e me fita com um misto de desconfiança e curiosidade no olhar. Nesse momento seu irmão também olha para trás e me vê. Clarice fica me olhando por um bom tempo. (*1ª observação, casa, 09 meses*).

Como a observadora passa a ser uma presença constante nos dois ambientes, Clarice parece reconhecê-la:

Aproximo-me da rede e fico observando Clarice por trás, pelos punhos da rede. Porém, ela me enxerga e coloca a cabeça na beira da rede, virando bem a mesma e fica nessa posição por um bom tempo, me observando. Ficou me olhando por bastante tempo, como se estivesse pensando “Eu conheço você de algum lugar?” me sinto a vontade e continuo olhando para ela. Depois ela desiste de me observar e a cuidadora chega e a pega no colo. (*2ª observação, creche, 09 meses*).

Na quinta observação Clarice parece estar autorizando a presença da observadora, pois além do olhar, verbaliza e aponta para a mesma:

Clarice fecha os olhos depois os abre e mamando olha para mim, com a ponta dos olhos. Larga o seio e fica me olhando, por um tempo, volta a mamar e para novamente, faz hum hum hum, em minha direção depois esfrega o rosto na blusa da mãe. Alice recoloca Clarice no seio e comenta: “As meninas lá da creche me falaram que você foi na quarta e que ela estava brigando com você.” (ri e continua) “Parece que ela tá fazendo o mesmo” (ri novamente). Não percebo a atitude de Clarice como se estivesse “brigando” comigo, mas sim como uma sinalização de que está me vendo, e talvez uma tentativa de contato. (*5ª observação, casa, 10 meses*).

Este ritual de observar a observadora, no início de todas as observações perdura por todas elas:

Clarice se vira e me vê. Devido à quantidade de redes e crianças espalhadas eu a observo por detrás de uma coluna. Fica um bom tempo me olhando e Clarice chora para sair da rede. (*6ª observação, creche, 10 meses*).

Agita as pernas e os braços com veemência e verbaliza “hahaha”. Senta-se na rede segurando na beira. Coloca a cabeça para fora e me vê. Fica me olhando e depois vira para o outro lado para olhar para uma cuidadora, colocando a cabeça virada e encostada na beirada da rede. (*8ª observação, creche, 10 meses*).

A partir da décima observação, Clarice apresenta novos elementos aos encontros com a observadora: o sorriso e o aceno.

Entro no vestiário e Clarice está no tanque, me vê e abre um largo sorriso para mim. Aceno para ela e ela também acena para mim. A cuidadora diz que ela já me conhece e que está até sorrindo para mim. (10ª observação, creche, 11 meses).

Alice está deitada na cama com Clarice mamando. Assim que ela me vê, larga o peito e ri para mim. Aceno para ela e me sento na outra cama. (11ª observação, casa, 11 meses).

Após algum tempo vejo um movimento e uma mão se apoiando na beira da rede e... só. Espero, acreditando que Clarice irá surgir. Mas nada acontece. uma cuidadora percebe o fato e olha dentro da rede. Fica muito surpresa quando constata que Clarice está me observando pelo tecido da mesma. “Ela tá te olhando pela rede... será que dá pra ver?!” E retira Clarice da mesma e a coloca no chão. Olha pelo tecido e diz: “E não é que dá mesmo pra ver... essa Clarice é uma figura!” (20ª observação, creche, 01 ano).

É possível que esta evolução nas “recepções” de Clarice, junto à observadora reflita o estabelecimento do vínculo criado entre ambas. Para Winnicott (1960/1983) a confiança ambiental minimamente estabelecida deve fornecer a criança uma experiência de continuidade psíquica, presente nesta relação e propiciada pela constância da observadora nos dois ambientes.

Um fenômeno comum acerca do método Bick é a utilização da observadora, por parte da mãe como um apoio, para ouvi-la e utiliza-la como sustentação emocional em sua função (MÉLEGA, 1990). Este fato apresentou-se diversas vezes durante as visitas uma vez que Alice verbalizava bastante durante as observações, principalmente sobre suas dificuldades:

Alice se levanta e leva Clarice para o quarto. Senta na beira da cama e liga o ventilador. Comenta comigo de sua dificuldade de instalar o ar condicionado, pois não há espaço nas paredes de todos os lados. (3ª observação, casa, 10 meses).

Alice me diz que seu companheiro está em Belém e que foi buscar Denis, seu filho mais velho, no curso de inglês. [...] Alice comenta comigo que conseguiu instalar o ar-condicionado e que agora está mais confortável. (5ª observação, casa, 10 meses).

Alice me conta que antes de eu chegar, Caio estava sentado em uma cadeira que estava na porta, segurando Clarice no colo. Em um momento a cadeira virou e os dois foram para o chão. Caio se arranhou na perna, mas Clarice não sofreu nada. Segundo Alice, Caio ficou repetindo que atinha protegido o tempo todo. (11ª observação, casa, 11 meses).

O observador funciona como fonte processadora das angústias de modo semelhante ao *rêverie* citado por Bion (1962, pg. 78) “se aceita observar, sonhar, fantasiar, se apresenta como um espelho profundo acolhendo o outro em sua cena [...] mas com o qual não se confunde”.

Em diversos casos uma família aceita a experiência de observação, embora não a entenda muito bem. Às vezes o observador é recebido com a justificativa por parte dos pais de

desejarem colaborar com os avanços da ciência ou para ajudar na formação do psicólogo. Mas talvez o fato que mais pese segundo Benetti (2003) é a possibilidade de a família tem de compartilhar o início de uma relação tão desigual quanto a de um adulto com uma criança. Aceitam porque conseguem captar a função continente do observador e que necessitam dele.

À medida que as observações avançam Caio demonstrava buscar uma função para a observadora. Há momentos em que a mesma é solicitada para ver seus desenhos, momentos em que lhe é oferecido comida, e ocasiões em que lhe são feitas muitas perguntas e finalmente é colocada em um lugar onde suas visitas não estabelecem Clarice como o centro das atenções:

Alice e Denis saem do quarto e Caio se aproxima de mim e começa a me fazer uma enxurrada de perguntas sobre como os balões voam, como entra gás para que eles voem e algo relacionado a gás de cozinha dentro dos balões e fogo... Tento responder suas perguntas brevemente, mas quanto mais respondo mais ele me solicita. [...] Caio entra e me pergunta como ele deve proceder na brincadeira que está fazendo com o balão e começo a perceber que ele está solicitando mais minha atenção hoje, pois chega a ficar entre Clarice e eu quando fala comigo. *(19ª observação, casa, 01 ano)*.

Clarice vai para a sala eu a sigo. Caio está deitado em uma rede. Clarice encontra alguns brinquedos que estão próximos a estante e se distrai com eles, neste momento Caio me pergunta: “Porque tu vens todos os dias ver a Clarice?” e eu respondo. “Não são todos os dias, são todos os sábados e eu estou observando a Clarice porque estou fazendo um estudo sobre bebês”. “Mas o que tu vás fazer depois?” “Vou escrever sobre isso”. Da cozinha, Alice me olha, com os cantos dos olhos e esboça um sorriso. *(21ª observação, casa, 01 ano e um mês)*.

Alice pede para que Caio tire Clarice de lá (da escada). Depois faz um comentário interessante: “O Caio estava dizendo para a Larissa que tu és a Super Nany”. Expresso uma risada, divertida com a situação e me lembro da observação passada em que Caio indagava qual era o meu papel quando estou em sua casa e percebo que ele acaba encontrando uma “resposta” para sua curiosidade. *(23ª observação, casa, 01 ano e 02 meses)*.

O lugar em Caio finalmente coloca a observadora pode refletir ao mesmo tempo o preenchimento de um espaço, em que Caio se coloca como uma figura também importante nas observações, uma demanda de cuidado onde a qualquer momento a “supernany” auxiliaria na atenção com Clarice e uma resolução fantástica para suas angústias de pequeno cuidador da irmã.

Em alguns momentos a observadora foi colocada neste lugar, tão temido, de uma possível cuidadora, por Caio e por Denis. De certo modo influenciado por esta dificuldade de entendimento do papel da mesma, por parte dos meninos.

Visivelmente contrariado Caio fica com Clarice, primeiro no chão, depois a leva para o sofá e sai rapidamente, como se estivesse delegando a mim os cuidados com a irmã. Clarice tenta se levantar do sofá e Alice se vira e vê que ela está sozinha, corre para ampará-la, pois ela está bem na beira do sofá. [...] Alice ralha com Caio: “Mas Caio eu não te disse pra ficar com ela...” Caio retorna com um

caderno e um lápis nas mãos e reclama, amuado. (7ª observação, casa, 10 meses).

Caio chegou bem em minha frente com Clarice no colo e ficou me olhando. Clarice também. Tive a impressão que ele estava se perguntando “Porque essa mulher fica aqui só olhando e não segura Clarice” quando o menino percebeu que eu não ia esboçar reação saiu de perto e voltou para a cama. (11ª observação, casa, 11 meses).

Clarice cai de bumbum no chão, levanta-se, mas estava com os fios do videogame enrolados nas pernas. Denis leva um tempo para notar a situação e quando Clarice tenta sair do emaranhado de fios Denis se levanta, a retira, atravessa o quarto (eu estava sentada na outra cama) e coloca Clarice, em pé bem em minha frente. O pensamento de que ele gostaria, naquele momento, que eu cuidasse de Clarice para que ele pudesse jogar videogame, me atravessou. Ele não falou nada, apenas colocou a menina em minha frente e voltou a jogar. (23ª observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Nota-se que a observadora é solicitada como uma possível cuidadora pelos meninos em momentos que estes se sentem sobrecarregados pela tarefa de cuidar de Clarice. O fato de a observadora ser solicitada diversas vezes para esta função acarretou angústia, pois em alguns momentos o bebê apresentou potencial risco para se machucar. O que traz novamente a importância da supervisão que serviu como continente para estes sentimentos. Barros (2009) afirma que este é um momento de acolhimento, troca e crescimento, no qual não só o pesquisador amadurece, mas também o grupo de supervisão, após o aprendizado com as discussões acerca do método.

Porém, apesar de todas as dificuldades apresentadas por Alice, nos cuidados com Clarice, esta sempre respeitou o papel da observadora e sua necessidade de interferência mínima na cena observada. Esta situação também ocorreu na creche, onde a observadora não interferiu em nenhum momento nos cuidados com o bebê.

No entanto, inevitavelmente, ocorreram momentos em que a observadora necessitou interferir, por apresentar riscos para a integridade física do bebê.

Clarice engatinha pela sala e chega bem perto de mim. Estou muito cansada e meus sapatos estão apertados no meu pé. Tiro um dos sapatos e Clarice se estica para pega-lo. O retiro de perto dela. Clarice se segura na porta bem perto de mim e fica em pé, depois ci de bumbum no chão. Engatinha na direção da cozinha e calço o sapato para segui-la. Quando chego perto, devido meu pequeno atraso, não noto logo o que ela está fazendo, pois seu corpo está parcialmente coberto pela parede. Quando percebo, ela está puxando o cabo elétrico da geladeira e prestes a se segurar nos ferros quentes de traz dela. Assusto-me com seu gesto e me baixo. Assusto-me mais ainda com sua mãe gritando “minha filha” e sendo muito mais rápida do que eu para tira-la de lá. (9ª observação, casa, 11 meses).

Alice que estava de costas e Clarice vai direto para a lata de lixo, coloca a mão dentro e pega algo eu digo: “Lixo!” Alice se volta e retira Clarice de perto. Chama Denis que a pega no colo. Fiquei pensando, depois de disto que a pesar de ter tanta gente dentro de casa para cuidador de Clarice, acabei tendo que interferir em um determinado momento, e percebo como Clarice mobiliza muito as pessoas ao seu redor. (19ª observação, casa, 01 ano).

A observadora apresentou nestes episódios, dificuldade em lidar com a eminência de perigo do bebê, mesmo a mãe estando “por perto”. Em alguns momentos a possibilidade de ocorrer um acidente com o bebê era extremamente alta, o que levava a observadora a sair de sua postura de passividade. Todavia, estas situações levam a reflexão da seguinte questão: e se a observadora não estivesse presente? A cena tomaria seu curso. Pois de fato Alice parecia estar sempre presente no momento exato.

Quanto à neutralidade, faz-se importante destacar que no contexto da observação existe a necessidade de uma postura de espera, tolerância e paciência frente ao desconhecido, tarefa essa que não é simples e exige treino, pois a neutralidade é comprometida diante de um contexto extremamente dinâmico e que mobiliza muitos sentimentos no observador.

Perez-Sanchez (1983) sugere que o observador deve se colocar no fundo, não mostrar grande entusiasmo e não chamar atenção sobre si mesmo. O melhor é não perguntar, apenas esperar; não tomar nenhuma iniciativa porque, fazendo-o está assumindo um papel. E caso dirijam alguma pergunta no decorrer da observação, deve-se tentar responder com naturalidade, com o objetivo de não interferir ou estimular a conversação em prejuízo da observação. A resposta, entretanto, deve mostrar que o observador leva em consideração sentimentos do outro.

Em fim, na vigésima terceira e última observação surge a dificuldade da observadora de finalizar as observações após quatro meses de convivência com Clarice:

Olho para o relógio e percebo com muito pesar que a observação terminou, penso que não terei mais a oportunidade de acompanhar o crescimento e desenvolvimento de Clarice. Aviso a Alice do término da observação e ela também me lança um olhar com certo pesar. Agradeço a oportunidade e me despeço. Saio e me viro para me despedir de Caio, quando me viro em direção a Alice novamente Clarice se joga para o meu colo e eu a pego. Alice diz que ela fez isso por que estou na rua e ela age assim com quem vai sair. Faço Clarice retornar para o colo da mãe amenina chora para ir para meu colo (ou para a rua) novamente. Entendo o seu comportamento como uma despedida e como se estivesse me dizendo que ela também tem necessidade de liberdade e expansão. Sinto-me feliz com seu movimento. Despeço-me e vou embora. (23ª observação, casa, 01 ano e 01 mês).

Este foi o único momento em que a observadora carregou Clarice nos braços. Para a pesquisadora foi o desfecho gratificante para esta jornada de quatro meses próxima a uma criança com uma dinâmica fascinante.

As discussões e os resultados apresentados neste trabalho visaram contribuir para a compreensão de um recorte do desenvolvimento de um bebê em dois ambientes com diferenças marcantes: o familiar e o institucional. Clarice, ao ser observada entre o lar e a creche, revelou a complexidade no estabelecimento das relações nestes dois contextos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da mulher no mercado de trabalho é uma característica da atualidade que leva a rearranjos, em variados campos da vida da mesma. Na relação mãe-bebê, não seria diferente, apesar dos avanços na legislação, que garante diversos direitos à mulher no que tange a maternidade, muito em função do entendimento da importância desta para os primeiros anos de vida do bebê. Em muitos casos, devido a uma quebra da rede de apoio, ela precisa contar com uma instituição que a apoie no cuidado com seu filho. Uma forma de captar os fenômenos que se manifestam neste contexto é a observação da criança tanto no ambiente institucional quanto no familiar, ou seja, observá-la nos dois contextos de cuidado concomitantemente.

Um dos desafios que foram superados nesta pesquisa foi a adaptação do método clínico como ferramenta de coleta de dados, pois apesar de sua aplicação em investigações científicas, ainda se apresenta como um exercício a ser mais vastamente explorado. Outro ponto a ser considerado é a aplicação do método em dois ambientes, de forma concomitante, uma vez que, mesmo sendo aplicados em ambientes extrafamiliares como creches, escolas, hospitais, abrigos etc. esta forma de emprego, aparentemente nunca foi antes realizado, pois não foram encontradas pesquisas com contornos semelhantes a este trabalho.

No contexto deste estudo cabe ressaltar que a mãe, em casa e as cuidadoras, na creche auxiliaram a observadora a manter sua função, mesmo que em alguns momentos houvesse desencontros e as observações não tivessem ocorrido como planejado, auxiliando a mesma a consolidar seu papel. No geral, a pesquisadora buscou respeitar a tarefa primordial de Alice em exercer a maternagem, e das profissionais da instituição no exercício de seu trabalho, fazendo com que o aprendizado, nestas configurações de observação, em ambientes concomitantes, ocorresse de forma mais enriquecedora.

Em relação aos achados da pesquisa, podem-se apontar as diferenças nos dois ambientes que levaram Clarice a se organizar internamente para se colocar neles. Ao passo que em casa Clarice tinha “exclusividade” no cuidado, na creche este era compartilhado com outros bebês.

No lar, a dificuldade de tempo de sua mãe e a falta de uma rede de apoio matricial gerou a necessidade de Alice em matricular seu bebê em uma creche. Este se configura como o ponto chave para o início da jornada no recorte das observações. Pôde-se notar, a partir das cenas observadas a importância concedida ao ambiente no processo de desenvolvimento emocional da criança.

Faz-se necessário apontar que a realidade interna é suma importância para a constituição do psiquismo, mas restringir-se a observação desta realidade em detrimento ao que ocorre no ambiente pode apresenta-se como uma falha do observador e empobrecimento do material coletado, uma vez que, nas fases iniciais do desenvolvimento, a distinção entre interno e externo não faz muito sentido. Assim, levar em consideração estes dois ambientes de desenvolvimento na construção da realidade interna de Clarice, foi de suma importância para os achados desta pesquisa.

No tocante ao desenvolvimento emocional de Clarice no início das observações, a mesma se encontrava no estágio de dependência relativa, na qual pode ser presenciado o momento em que Clarice podia afastar-se de sua mãe, permitindo-se individualizar-se e tornarem-se dela distinta. Clarice explorava todas as possibilidades do meio, contudo, no momento seguinte, voltava para junto da mãe para se certificar que ela continua lá e que não lhe causou danos, nem a ela nem a si próprio, mantendo com isso, uma constância de relação. Esta fase pode ser assemelhada ao movimento de ir para a creche e retornar para casa, todos os dias, constatando o retorno da mãe em todos eles. Neste momento o bebê mostrava-se cada vez mais consciente de sua jornada rumo à independência.

Porém, em casa, Alice apresentava dificuldades em estimular a autonomia do bebê por consequência de seus sentimentos ambivalentes em relação às aquisições da criança, manifestando assim o desejo que seu bebê permaneça próximo e “dependente”. Este sentimento se apresenta simbolicamente nas roupas apertadas que limitam os movimentos e na dificuldade do desmame.

Na creche a autonomia de Clarice é estimulada através de atividades como a alimentação, a estimulação do caminhar ereto, não ser carregada no colo, durante as brincadeiras e no incentivo a interação com outros bebês. Esta estimulação da autonomia pode estar ligada à quantidade de bebês que necessitam de cuidados neste espaço, pois a maior independência pode se apresentar proporcionalmente inversa a demanda de cuidado.

Em todas as observações pode-se notar o desenvolvimento gradual de Clarice, com aquisições apresentadas tanto em casa como na creche, a partir de sua postura de exploração, do desenvolvimento da linguagem e do andar ereto, bem como suas crescentes interações com seus pares, tanto na família quanto na creche.

No que tange aos cuidados dispensados a Clarice, no lar o que chama a atenção e a participação dos irmãos nesta tarefa, o que gerava uma sobrecarga em Caio. Na creche a rotina e a mecanização do cuidado são os pontos proeminentes. A presença de muitas tarefas a serem realizadas pelas cuidadoras levava ao retardo no cuidado dispensado a Clarice neste



ambiente, aspecto que a menina aparentava suportar. Esta privação momentânea de cuidado se mostra salutar para o desenvolvimento do bebê, pois apresenta o seu ego em formação ao princípio de realidade.

Nas particularidades observadas em Clarice, um aspecto relevante é a ausência do pai, declarado pela mãe e observado pela pesquisadora, que leva Clarice a uma dificuldade de lidar com a figura paterna. Neste caso, ao mesmo tempo em que sua mãe tem um movimento de buscar esta presença, acaba colocando o irmão mais velho de Clarice, Denis nesta posição, de forma inconsciente, por não encontrar apoio na figura de João.

Esta ausência do pai e companheiro se configura como fonte de frustração para Alice, e coloca Clarice no papel da figura que irá reunir o casal. Por esta configuração, Clarice é valorizada em sua feminilidade e sendo vista como capaz de concretizar os anseios da mãe. Esta valorização se estende para o ambiente da creche, onde Clarice também é bastante valorizada e também se apresenta como uma criança que exerce uma sedução sobre as cuidadoras.

Em virtude da dinâmica estabelecida na família de Clarice e na configuração atual da sociedade em que a mesma está inserida, que culminou na necessidade de a menina ser inserida em uma instituição de cuidado coletivo configura-se na realidade de muitas famílias na atualidade, na qual a criança ingressa na creche, por vezes em idade muito tenra e permanece, em tempo integral, cada dia da sua infância, voltando para o convívio da família somente no final do dia. É importante apontar que a grande maioria das crianças pequenas que frequentam esta instituição passa nela, aproximadamente, doze horas diárias. Com isso o tempo de convívio com outras pessoas, outros objetos, outros espaços e outros tempos torna-se muito reduzido. Este dado revela que o tempo da creche exerce na vida da criança um papel fundamental e distinto dos demais espaços, exigindo que seja pensado, discutido, refletido e pesquisado.

Neste sentido, a investigação sobre papel da creche como “outro ambiente” em que o bebê está inserido mostrou-se de fundamental relevância, uma vez que cada situação observada em casa podia ser notada na creche sob outro ângulo, e vice-versa. Isto é, cada abordagem de comportamento e posturas do cuidador produziam reflexos no outro ambiente e no desenvolvimento geral de Clarice, não se configurando como posturas estanques, mas intensamente complementares.

O que se percebe neste cotidiano é que, apesar das diferenças dos ambientes, Clarice mostrava-se, identifica-se, rebelava-se através de ações e reações de acomodação, resistência,

conflito, e também de complementaridade às situações que lhe eram apresentadas nos diferentes ambientes.

Com isso, a creche se apresentou como um contexto de cuidado suplementar aos oferecidos pela família de Clarice, preenchendo algumas lacunas, mesmo com a roteirização do trabalho sempre presente. No contexto familiar Alice se mostrou capaz de cuidar de sua filha, proporcionando-lhe um ambiente de afetividade, apesar de todas as dificuldades que a vida lhe oferecia. Assim no recorte temporal das observações, Clarice se desenvolveu saudavelmente enriquecida pela complexidade de suas relações.

Este trabalho buscou contribuir para o entendimento do desenvolvimento de uma criança matriculada em uma instituição, apresentado pelo olhar da observadora sobre os dois ambientes: o lar e a creche. Revelou que é possível e viável a aplicação do método Bick em diversos ambientes de forma concomitante e pode nortear futuras pesquisas que pretendam seguir este modelo. Considera ainda, que a relevância do método esteve presente na possibilidade de acesso a estes contextos, cujos atores, cada um a seu modo, auxiliaram e promoveram o desenvolvimento de Clarice. Estudos desta natureza tem o potencial de colaborar para a ampliação do desenvolvimento de crianças inseridas nestes dois ambientes, buscando avanços científicos que auxiliem os profissionais da área do desenvolvimento infantil a uma melhor intervenção com esta clientela.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. A paternidade. In: ABERASTURY, A.; SALAS, E. J. **A paternidade: Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991. p. 41-87.
- ADAMS, W. The missing triad: The case of two-child families. **Family Process**, n. 24, 1985, p.409-413.
- AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José; CORRÊA, Yára Bastos; AMBROSIO, Fabiana Follador. Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. **Anais do IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro, RJ. 2000.
- ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- AMAZONAS, Maria; DAMASCENO, Prisciany.; TERTO, Luisa; SILVA, Renata. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p. 11-20, 2003.
- APPELL, Geneviève. Que tipo de observação usar para acompanhar uma criança pequena em coletividade? In: LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Maguy (Orgs.). **Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.79-85.
- ARAÚJO, Alisson; PEREIRA, Thaysa. Identificando necessidades de crianças de creche e suas famílias: o uso do histórico de saúde como instrumento para o cuidado integral de pré-escolares. **O mundo da Saúde**, v. 33, n.2, p 239-245, 2009.
- AULAGNIER, Piera. **Um interprete em busca de sentido**. Vol. I. São Paulo: Escuta, 1990.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARKER, Chris; PISTRANG, Nancy; ELLIOTT, Robert. **Research methods in clinical and counselling psychology**. Wiley: Chichester, 1994.
- BARROS, Ana Claudia **“João e Maria”**: uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2009.
- BENEDEK, Therese. **Parentalid**. Buenos Aires: Amorrurtu, 1983.
- BENETTI, Maria. **Observação de bebês: navegando em águas profundas: uma odisseia humana**. Primavera, 2003. disponível em <http://www.espacopsicanalitico.net/publicacoes.htm>. acessado dia14 de janeiro de 2011.
- BEKER, Fernanda Rosa. Educação infantil no Brasil: A perspectiva do acesso e do financiamento. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 47, p. 141-155, 2008.

BICK, Esther. Notes on infant observation in psycho-analytic training. **International Journal of Psycho-analysis**. v. 45, p. 558-566, 1964.

\_\_\_\_\_. The experience of the skin in early object relations. **International Journal of Psycho-analysis**. v. 49, p. 484-486, 1968.

\_\_\_\_\_. (1961). Child analysis today. In: HARRIS, M. e BICK, E. (Orgs.). **Collected papers of Martha Harris and Esther Bick**. Great Britain: The Roland Harris Education Trust, 1987. p. 104-113.

BION, W. R.. **Aprendendo com a experiencia**. Rio de Janeiro: Imago, 1962.

BLEICHMAR, Norberto; BLEICHMAR, Cecília. Leiberman. **A Psicanálise depois de Freud: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLSANALLO, Aurélio; BOLSANALLO, Maria Augusta. **Conselhos: Análise do comportamento humano em psicologia**. São Paulo: Editora Educacional Brasileira, 1993.

BORSA, Juliane. Considerações acerca da relação mãe bebê da gestação ao puerpério. **Revista Contemporânea de Psicanálise: Psicanálise e Transdisciplinariedade**, v. 2, p. 310-321, 2007.

BRAZELTON, Tomas Berry; CRAMER, Bertrand.. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

BURTON, L. Childhood adultification in economically disadvantaged families: A conceptual model. **Family Relations**, n.56, p. 329–345, 2007.

CASASANTA L. **Afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Minas Gerais: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais: Fundação Odebrecht; 1998.

CASSIDY, Jude; BERLIN, Lisa. The insecure/ambivalent pattern of attachment: Theory and research. **Child Development**. v. 65, n. 4, p. 971-991, 1994.

CAVALCANTE, Clarisse; LIMA, Julia; MELO, Susana. Nem tudo começa em casa: uma investigação sobre a experiência de cuidadores de crianças abrigadas. In: **Anais da IV Jornada de Iniciação Científica**, 2007.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. **Resolução nº 016/2000 de 20 de dezembro de 2000**: Dispõe sobre a realização de pesquisa em seres humanos. Brasília, Brasil, 2000.

CHBANI, Hafsa; PÉREZ-SÁNCHEZ, Manoel. **O cotidiano e o inconsciente: o que se observa torna-se mente**. Lisboa: Climepsi, 1998.

CRAMER, Bertrand. **Segredos femininos: de mãe para filha**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CIOMS - Council for International Organizations of Medical Sciences. **International Ethical Guidelines for Biomedical Research Involving Human Subjects**. Geneva: 2002.

COUTINHO, Fernando. O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa. In: PODKAMENI, Ângela; GUIMARÃES, Marco Antonio (Orgs) **Winnicott: 100 anos de um analista criativo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1997. p. 97-104.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 1995. p. 51-66.

CUNHA, B.; CARVALHO, L. Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção. **Anais da 25ª Reunião Anual da ANPED**: Caxambu, 2002.

DEBRAY, Rosine. **Bebês/mães em revolta: tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DELLAZZANA, Letícia; FREITAS, Lia. Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**. v. 26, n. 04, p. 595-603, 2010

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-31, 2000.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio... para onde vai... In: \_\_\_\_\_ **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Revista em Aberto. Brasília, v.8, n.73, p. 11-19, jul. 2001.

DRUON, Catherine. Como o espírito vem ao corpo das crianças, em UTI Neonatal. In: LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Maguy (Orgs.). **Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 139-148.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. A metapsicologia do cuidado. In: **Psychê, Revista de Psicanálise**. Ano XI, n. 21, p. 13-30, jul-dez 2007.

FRANCISCONI, C.; GOLDIN, J. Aspectos bioéticos da confidencialidade e privacidade. In: COSTA, S.; GARRAFA, V.; OSELKA, G. (Orgs). **Iniciação à bioética**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 264-284. 1998.

FREITAS, L. O papel da amamentação na relação mãe-bebê no processo do desmame. In: SALES, L. (Org.). **Pra que essa boca tão grande?** Questões acerca da oralidade. Salvador: Ágalma. 2005. p. 133-143.

FREUD, Sigmund. (1926) A interpretação dos sonhos. In: **Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1905) Três ensaios sobre a sexualidade. In: \_\_\_\_\_. Vol. VII, p. 119-240. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: \_\_\_\_\_. Vol. X, p. 11-154. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1912). Recomendações ao médico que exercem psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Vol. XII, p. 123-133. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914) Para introduzir o narcisismo In: \_\_\_\_\_. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1926) Inibição, sintoma e angústia. In: \_\_\_\_\_. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROST, N. Taking the other out of mother: a qualitative study of the transition to second-time motherhood using narrative analysis. **Cossetting and Psychotherapy Research**. v. 5, n. 2, 2005, p. 150-186.

GHELER, R.; RABINOVICH, E.P. **Recursos humanos em creche**: promoção do desenvolvimento. Palestra proferida 110 Encontro de Creches do ABCD, São Paulo, 1989.

GIANINO, A.; TRONICK E. The mutual regulation model: the infant self and interactive regulation and coping and defensive capacities. In: FIELD T.; McCABE P.; SCHNEIDERMAN N. (Ed) **Stress and Coping Across Development**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaume, 1988.

GREENACRE, Phyllis. The Childhood of the Artist: Libidinal Phase Development and Giftedness. **The Psychoanalytic Study of the Child**. v. 12, p. 47-72, 1957.

GOLDSMID, Rebeca; FERES-CARNEIRO, Terezinha. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, dez. 2007.

HOUZEL, Didier. Observação de bebês e psicanálise, ponto de vista epistemológico. In: LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Maguy (Orgs.). **Os laços do encantamento**: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 87-94.

JARDIN, Françoise; DETRY, Laurett; DENIS, Pierre; MOREAU, Agnès; SILBERMANN, Analia. A observação do bebê na creche. In: LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Maguy (Orgs.). **Os laços do encantamento**: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 163-173.

KLEIN, Melanie. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê.

In: \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). 4 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 85-118.

LANGER, S. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva. 2ª Ed, 1989.

LEIBOVICI, Serge. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 307p.

LESCOVAR, Gabriel Zaia. As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott. **Revista Estudos de Psicologia**. PUC-Campinas, v. 21, n. 02, p.43-61, 2004.

LINO DA SILVA, Maria Emília (Org.) **Investigação e psicanálise**. Brasília: Papyrus, 1993.

LOPES, Rita; VIVIAN, A.; OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane. DONELLI, T. E CARON, Nara. A observação da relação mãe bebê através do método Bick. In: PUCCININI, Cezar Augusto; MOURA, Maria Lucia. (Orgs) **Observando a interação pais-bebê-criança**. Diferentes abordagens teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

LORDELO, Eulina Rocha. Interação social e responsividade em ambientes domésticos e de creche: cultura e desenvolvimento. **Estudos em Psicologia de Natal**, v.7, n.2, p. 343-350, 2002.

LORDELO, E.; CARVALHO, A. Um estudo naturalístico sobre comportamento de cuidado entre crianças pré-escolares. **Biotemas**, vol. 12, nº 01, p.7-30, 1999.

MAHLER, Margareth. **O processo de separação-individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MAHLER, Margareth; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MECER, R. Becoming a mother versus maternal role attainment. **Journal of Nursing Scholarship**. V 36, n 6, 2004, p. 226-232.

MÉLEGA, Marisa. O observador psicanalítico como modelo de continente da função materna: movimentos transferências e contratransferenciais. **Publicações Científicas do C. E. R. M. B. F.** v.1, p. 57-89, 1990.

\_\_\_\_\_. A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. XXIX, n. 2, p. 263-282, 1995.

MILLER, Lisa. Lessons from infant observation: the developing mind of the infant. **The International Journal of Infant Observation**, v.5, n.1, p. 21-35, 2002.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTENEGRO, Thereza. **O cuidado e a formação moral na educação infantil**. São Paulo: EDUC, 2001.

MORAES, Maria Cecília Leite. Aspectos de Saúde na Rotina da Creche e o Papel do Cuidador da Criança: Relato de Experiência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo. v.7, n.1, 1997.

NASCIMENTO, Rose Daise **O olhar que revela o desenvolvimento emocional de um bebê abrigado**. Projeto de dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2009.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisas em Administração**. v.1, n.3, 2º sem. 1996.

NOVAES, M. H. **Adaptação escolar**. Rio de Janeiro: Vozes. 1976.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane; MENEZES, Clarissa; CARON, Nara; LOPES, Rita. O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.77-96, 2006.

PACHECO, A.; DUPRET, L. Creche: Desenvolvimento ou Sobrevivência? **Psicologia USP**. v.15, 2004. p. 103-116.

PERGHER, D. N. Q.; CARDOSO, C. L. A experiência do aprendizado na observação da relação mãe-bebê-família. **Psyche**. São Paulo, v.12, n.23, 2008.

PENTEADO, Regina Zanella; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo. Ações educativas em saúde da criança: o brincar enquanto recurso para participação da família. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo**, v. 6, n.1/2, p. 49-56, 1998.

PEREZ-SANCHEZ, Manuel. **Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida**. Tradução de Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PERGHER, Daniel Nardini ; CARDOSO, Carmen Lúcia . A experiência do aprendizado na observação da relação mãe-bebê-família. **Psyche**. São Paulo, v.12, p. 1-2, 2008.

PETERS J. K. **Mães que trabalham fora: segredos para conciliar a vida profissional e familiar**. São Paulo: Mandarim, 1999.

PICCININI, Cesar; MOURA, Maria; RIBAS, Adriana; BOSA, Cleonice; OLIVEIRA, Ebenezer; PINTO, Elizabeth; SCHERMANN, Lígia; CHAHON, Vera. Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. **Psicologia reflexão e crítica**. v.14, n.3, p. 469-485, 2001.

PIONTELLI, Alessandra. Infant observation from before birth. **International Journal of Psycho-Analysis**. v.68, p.453-463, 1987.

RANK, Otto (1923). **El trauma del nacimiento**. Buenos aires, Argentina: Paidós. 1961.

RAPOPORT, Andrea. Ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: Alguns Aspectos Críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.



- RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cezar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. v.16, n.1, p. 85-96, 2006.
- ROSA, J. Reflexões sobre o método de observação da relação mãe/bebê. **Revista Brasileira de psicanálise**. v. 29, n.2, p. 299-305, 1997
- ROSEMBERG, Fulvia. Avaliação de programas, indicadores e projetos em Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação**, nº. 16, p 19- 26, jan-abr, 2001.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria; AMORIM, Kátia; VITÓRIA, Telma. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.4, p. 35-40, 1994.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria. A necessária associação entre educar e cuidar. **Pátio Educação Infantil**, ano I, n. 1, p. 10-12, abr.- jul. 2003.
- RUSTIN, Margaret. Observing infants: reflections on methods. In: MILLER, Lisa; RUSTIN, Margaret; RUSTIN, Michael; SHUTTLEWORTH, Judy. (Org). **Closely Observed Infants**. London: Duckworth, 1989. p. 52-75.
- SALES, L. (Org.). **Pra que essa boca tão grande?** Questões acerca da oralidade. Salvador: Ágalma. 2005.
- SAMPAIO, Marisa; FALBO, Ana; CAMAROTTI, Maria; VASCONCELOS, Maria; ECHEVERRIA, Andréa; LIMA, Geisy; RAMOS, Maria; PRADO, Janaina. Psicodinâmica Interativa Mãe-Criança e Desmame. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 26 n. 4, p. 613-621, out-dez 2010.
- SANDRI, Rosella. O grupo de observação: escuta, rêverie, transformação. In: LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Maguy (Orgs.). **Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 63-77.
- SIQUEIRA, A. **Promoção de saúde em creche**. (Palestra proferida no Encontro de Creches do ABCD) - MR - Relatório. São Paulo. 1989.
- SPADA, Ana Carolina. Proposta de cuidado e educação no ambiente da creche: aspectos históricos e formação e professores. **Estudos sobre Educação**, Ano XIII, v. 14, n 15, p. 93-106, 2007.
- SOIFER, Raquel. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SOUSA, Mariza. Supervisão da observação da relação mãe-bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. XXIX, n. 2, p. 293-298, 1995.
- STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê**. (M.A.V.

Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STERN, Daniel. Some implications of infant observations for psychoanalysis. In: Cooper, Arnold (Org.). **Contemporary psychoanalysis in America: leading analysts present their work**. Washington: American Psychiatric Publishing. 2006. p. 637-666.

\_\_\_\_\_. Some implications of infant observations for psychoanalysis. In: Cooper, Arnold (Org.). **Contemporary psychoanalysis in America: leading analysts present their work**. Washington: American Psychiatric Publishing. 2006. p. 637-666.

SPITZ, René (1979). **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

STEWART, R. B., e MARVIN, R. S. Sibling relations: The role of conceptual perspective-taking in the ontogeny of sibling. **Child development**. n. 55, p.1322-1332, 1984.

TULL, Donald; HAWKINS, Del. **Marketing research, meaning, measurement and method**. London: Macmillan Publishing Co. Inc., 1976.

TURATO, E. R. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VITTA, Fabiana; EMMEL, Maria Luisa. A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, ago. 2004.

WEISNER, T. S.; GALLIMORE, R. My brother's keeper: child and sibling caretaking. **Current Anthropology**. v. 18, p. 169-190, 1977.

WENDLAND, J. A abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.14, n.1, p. 45-56, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. (1971) **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

\_\_\_\_\_. (1960) **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

\_\_\_\_\_. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: \_\_\_\_\_. **Textos Selecionados da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 269-285.

\_\_\_\_\_. (1988) **Natureza Humana**. Rio de Janeiro. Imago. 1990

\_\_\_\_\_. (1996) **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 1997.

\_\_\_\_\_. (1984) **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. (1956). A preocupação materna primária. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. (1965) **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. (1987) **Os bebês e suas mães**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

WIRTH, Ângela Fleck. Aplicação do método de observação de bebês em uma UTI neonatal. In: CARON, Nara Amália (Org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 207-232.

YIN, Robert. **Case study research: design and methods**. USA: Sage Publications Inc., 1989.

**ANEXOS**

## ANEXO I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PROJETO DE PESQUISA: Entre a creche e o lar: observação de um bebê através do método Bick.**

O projeto de pesquisa intitulado Entre a creche e o lar: observação de um bebê através do método Bick, está sobre a orientação do Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso e vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

A sua participação neste estudo é voluntária. Mesmo que decida participar, você tem plena liberdade para sair do estudo a qualquer momento sem incorrer em nenhuma penalidade. Você poderá fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo ou a qualquer momento do mesmo.

A sua identidade e a identidade de outros participantes de sua família será mantida como informação confidencial. Os resultados da pesquisa poderão ser publicados, mas sua identidade não será revelada sem seu consentimento por escrito.

A coleta de informações ocorrerá através de observações que serão posteriormente transcritas, que serão arquivadas por um período não inferior a cinco anos.

Eu \_\_\_\_\_ portador /a de RG número \_\_\_\_\_ declaro ter recebido as seguintes informações a respeito do projeto de pesquisa do qual farei parte. Fui informado que o projeto de pesquisa tem caráter estritamente científico e sigiloso.

Fui informado que o projeto implica permitir observação em minha residência.

Fui informado que caso não concorde em participar do projeto isso não me acarretará prejuízo de nenhuma espécie.

De posse destas informações, consinto em fazer parte do projeto.

Belém, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

Caso necessite de algum esclarecimento sobre sua participação no estudo, poderá contatar com o responsável pela pesquisa no telefone (91) 8114-1518

## ANEXO II



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 160/10 CEP-ICS/UFPA

Belém, 19 de novembro de 2010.


Prof<sup>o</sup>. Eliana de Jesus da Costa de Sousa

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa "ENTRE A CRECHE E O LAR: OBSERVAÇÃO DE UM BEBÊ ATRAVÉS DO MÉTODO BICK" de CAAE 0093.0.073.000-10 e parecer nº 134/10 - CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, na reunião do dia 13 de Outubro de 2010.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 27 de março de 2011, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,

  
Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos.  
Coordenador do CEP-ICS/UFPA